

As potencialidades educativas da rádio para crianças e jovens

Maria Mariana Neto Guerreiro

Dissertação em Ciências da Comunicação

Abril, 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação, realizada sob a
orientação científica de Professora Doutora Cristina Ponte e co-orientação de
Professora Doutora Ana Jorge

“Eles não sabem, nem sonham, que o sonho comanda a vida, que sempre que um homem sonha, o mundo pula e avança”

(António Gedeão in Movimento Perpétuo, 1956).

Dedico este trabalho à pessoa que mais significado teve para mim ao longo desta caminhada, a minha co-orientadora Ana Jorge.

Ana, orientadora e amiga, este trabalho é nosso, é o nosso orgulho e espelha a nossa dedicação. A ti devo-te um imenso obrigado pela paciência, pela disponibilidade e, acima de tudo, pela ajuda. Esta dedicatória é um reconhecimento da admiração que tenho por ti e da gratidão que te devo por teres acreditado que era possível.

Um dia, ‘quando for grande’, quero ser como tu.

Como nunca é suficiente, um grande, grande obrigado por me empurrares sempre na direcção certa!

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem a ajuda de todas as pessoas que nele participaram.

À Professora Doutora Cristina Ponte um grande obrigado pela disponibilidade, dedicação e ajuda com que colaborou comigo e com a professora Ana Jorge para que fosse possível realizar este trabalho. Pela sua sabedoria, que foi essencial no desenrolar deste projecto, fico-lhe eternamente grata pois não podia ter escolhido melhor orientadora para tratar este tema.

À Maria José Brites, a minha orientadora emprestada, que me conduziu pelas investidas na ‘Invicta’ e que proporcionou dos melhores momentos deste trabalho. Obrigada pela confiança!

A todos os autores, professores e investigadores com os quais tomei contacto ao longo deste processo, agradeço a disponibilidade e, acima de tudo, agradeço o amor que partilhamos pela rádio.

Aos jovens participantes nas entrevistas e grupos de foco, muito obrigada pela colaboração e espero que o futuro vos reserve uma vida cheia de desafios.

À professora Rosário, ao professor Pedro e ao João e Sílvia da Geração C quero agradecer a colaboração pois os vossos testemunhos contribuíram, em muito, para o enriquecimento deste trabalho.

Por fim, mas não menos importantes, agradeço a todos os ‘meus anjinhos’ pela paciência mas, acima de tudo, pelo amor. Sem vocês nada disto seria possível.

AS POTENCIALIDADES EDUCATIVAS DA RÁDIO PARA CRIANÇAS E JOVENS

Maria Mariana Neto Guerreiro

RESUMO

O panorama comunicacional actual pauta-se pela multiplicidade de meios e de canais de produção e difusão de conteúdos. A rádio, na tentativa de integrar este cenário, alia-se à internet criando plataformas digitais que assegurem a divulgação dos seus conteúdos e reformulando a relação que estabelece com os ouvintes que agora também adoptam o papel de usuários.

Reflectindo sobre o impacto dos media na sociedade actual, interrogamo-nos sobre o papel da escola enquanto veículo transmissor de conhecimento e qual a relação que estabelece com os meios de comunicação. O papel de destaque da internet aliada aos meios de comunicação desperta o interesse para a educação para os *media* e a pertinência da sua discussão em relação às crianças e jovens.

A par da actualidade deste tema, surgem projectos e iniciativas que pretendem utilizar os recursos cedidos pelos meios de comunicação e internet para potenciar o acesso a um conhecimento informado. Alguns deles utilizam a rádio, em ambiente digital, com o intuito de reforçar e estimular o desenvolvimento ou aperfeiçoamento de capacidades de comunicação e expressão das crianças e jovens participantes. Este meio de comunicação, aliado ao digital, torna-se de fácil acesso e custo, o que permite um investimento relativamente baixo para a execução dos projectos.

Neste estudo exploramos as potencialidades educativas da rádio para crianças e jovens de dois projectos distintos. Um dos projectos encontra-se integrado em ambiente escolar e o outro em ambiente extra-escolar com perspectivas de inclusão social. O objectivo deste trabalho é explorar o potencial da rádio enquanto meio educativo. Assim, depois de realizados os grupos de foco, entrevistas e observação, são apresentados os resultados que se focam na análise das competências técnicas e sociais, da importância da educação para os *media*, das dinâmicas da educação formal e não formal e dos entraves e facilidades à execução dos projectos.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio, Internet, Educação para os *media*, Crianças e Jovens.

ABSTRACT

The current communicational panorama it's guided by the multiplicity of media and channels of content production and dissemination. The radio, in an attempt to integrate this scenario, allies to the internet by creating digital platforms to ensure the dissemination of its contents and reframing the relationship that establishes with listeners that now are also adopting the role of users.

Reflecting on the impact of media in today's society, we wonder about the role of the school, as a vehicle transmitter of knowledge, and which relationship the school establishes with the media. The role of the internet with the media stirs up interest for media education and the relevance of its discussion in relation to children and young people.

By the topicality of this issue, there are projects and initiatives which intend to use the resources provided by the media and the internet to enhance access to informed knowledge. Some of them use the radio, in digital environment, aiming to strengthen and stimulate the development or enhancement of communication and expression skills for children and youth participants. Radio, in the digital environment, becomes easy to access and cost, allowing a relatively low investment for the implementation of projects.

In this study, we explore the educational potential of radio for children and youth from two distinct projects. One of the projects is integrated into school environment and the other in extra-school environment with prospects for social inclusion. The aim of this work is to explore the potential of radio as an educational tool. So, after the focus groups, interviews and observation, the results presented are focused on the technical and social skills, the importance of media education, the dynamics of formal and non-formal education and the obstacles and facilities for the implementation of projects.

KEYWORDS: Radio, Internet, Media education, Children and Youth.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: O panorama radiofónico, a internet e os jovens.....	4
I. 1. A rádio enquanto meio	4
I. 2. A rádio e a internet: uma rivalidade saudável ou uma convergência assustadora?	7
I. 3. Os jovens “online” ouvem rádio?.....	10
Capítulo II: Educação para os <i>media</i>	13
II. 1. A escola e os <i>media</i>	15
Capítulo III: A rádio e a educação	20
III. 1. A rádio em contexto escolar e como veículo de inclusão social – Estudos ilustrativos internacionais	23
III. 2. O panorama português.....	26
III. 3. Projectos e iniciativas	29
Capítulo IV: Metodologia.....	32
IV. 1. Orientações metodológicas na pesquisa sobre rádio e educação ..	32
IV. 2. Casos de investigação na área.....	34
IV. 2. 1. <i>Projecto Rádio e TV Escolas</i>	34
IV. 2. 2. <i>Projecto RadioActive 101</i>	36
IV. 3. Entrevistas e análise.....	38
Capítulo V: Análise de resultados.....	41
V. 1. Competências técnicas e sociais.....	41
V. 1.1. Competências técnicas.....	42
V. 1.2. Competências sociais.....	49
V. 2. Educação para os <i>Media</i>	55

V. 2.1. As dinâmicas da educação formal e não formal	59
V. 2.2. Entraves e facilidades na execução dos projectos.....	63
Conclusão	70
Bibliografia	75
Anexos	83
Apêndice 1. Guião entrevistas e grupos de foco	83
Apêndice 2. Transcrição das entrevistas e grupos de foco	86
Apêndice 3. Diário de bordo.....	126
Apêndice 4. Grelhas de análise dos programas RadioActive.....	131
Apêndice 5. Árvore de categorias de análise.....	143
Índice de Quadros	
Quadro I – Participantes dos projectos entrevistados.....	38

Introdução

Esta dissertação surge de uma motivação pessoal que está ligada ao fascínio pelo meio radiofónico e pelas suas potencialidades comunicativas. Depois de uma experiência de rádio escolar, a vontade de explorar as potencialidades do meio aumentou e levou à realização deste estudo. Mais tarde, no mestrado, um trabalho sobre ‘As três vidas da rádio portuguesa’ despertou interesse para as alterações já sofridas por este meio de comunicação e a sua capacidade ímpar de as superar. Como refere Brecht (1932 cit. por Brites, M., Santos, S., C., Jorge, A., Navio, C, 2014:152), “O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública (...) se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele”. O panorama comunicacional moderno passa pela multiplicação dos meios, pelo aumento dos canais de distribuição e recepção e pela pluralidade de conteúdos. A rádio não se afasta desta realidade e enfrenta, na era do digital, novos desafios. Se a rádio sempre manteve uma relação de proximidade com os ouvintes, não só pela estrutura da comunicação mas também por ter em vista a participação e o envolvimento dos mesmos, a internet vem aumentar os níveis de envolvimento e de participação, tal como sugerido por Brecht, permitindo que os ouvintes passem também à condição de produtores. A convergência das estações hertzianas com as plataformas digitais abriu novos horizontes ao espectro radiofónico que agora encontra na web 2.0 um vasto leque de possibilidades.

Com a tecnologia a ganhar terreno sobre os meios tradicionais surge também o debate acerca dos paradigmas educacionais e da sua posição perante a sociedade da informação, da comunicação e da tecnologia. A pertinência de unir o campo da educação ao da comunicação torna-se cada vez mais evidente pelas vantagens que surgem dessa união. A partir deste ponto de vista é necessário explorar o conceito de educação para os *media*, quais os seus propósitos e áreas de actuação. “As concepções de educação para os *media* podem oscilar entre uma forma de pedagogia que utiliza os meios de comunicação, por um lado, e uma forma de empoderar os indivíduos face ao consumo e uso dos *media*, por outro” (Khan, 2008:16-17).

As experiências de rádios escolares trazem benefícios não só para os jovens alunos, que se ornaram activos e participativos, mas também contribuem para um enriquecimento das práticas pedagógicas (Gonnet, 2007:114). No presente estudo, propomo-nos abordar a relação que pode ser estabelecida entre as crianças e jovens e a rádio enquanto meio promotor do desenvolvimento de capacidades de expressão e de comunicação. As crianças e jovens foram o público escolhido pois são aqueles que, para além de terem um contacto bastante próximo com as novas tecnologias, também estão aptos ao contacto com novas realidades e têm facilidade em aprender.

Dada a dualidade da actuação da educação para os *media*, como foi referido em cima, foram seleccionados dois estudos de caso que representassem as possibilidades do uso da rádio com o público jovem, em ambiente informal e escolar. Um dos projectos analisados é o *RadioActive 101*, um projecto de uma rádio pan-europeia que se alia às potencialidades da web 2.0 para contribuir para o empoderamento de jovens “em situação ou risco de exclusão ao nível da educação e empregabilidade” (Brites *et al.*, 2014:157). Outro dos projectos, em âmbito escolar, é o Projecto *Rádio e TV nas escolas*, financiado pela Câmara Municipal de Cascais e pela sua Divisão da Juventude com o objectivo de dotar todas as escolas do município com estúdios de rádio e televisão. Com estes dois projectos pretendemos alcançar uma visão dupla da utilização da rádio: em contexto escolar ou como veículo de inclusão social. Estes dois projectos foram alvo de análise, através de metodologias qualitativas, como as entrevistas, os grupos de foco e a observação.

Os resultados deste estudo têm por objectivo espelhar a ligação entre as crianças e jovens com a rádio e a internet, por um lado, e a educação, por outro, com o intuito de demonstrar as capacidades e competências que se podem gerar neste tipo de projectos, a importância da educação para os *media* e da formação de crianças e jovens para procurar, avaliar, usar e criar informação de acordo com os seus interesses pessoais, sociais ou educacionais (Khan, 2008:15-18).

No primeiro capítulo, analisamos a história e a essência da rádio em Portugal para entender a sua estrutura, a sua linguagem e as mudanças a que foi sujeita através da sua introdução na web. Faz-se também uma breve análise sobre o público jovem e seus hábitos de consumo em relação à rádio e às suas plataformas *online*.

A temática da educação para os *media* domina o segundo capítulo em que, para além de ser explorado o conceito e a sua história, é abordada a relação entre a escola e

os *media* para perceber como se encontra o panorama português e o universo que vai ser alvo de estudo.

O terceiro capítulo introduz o tema que norteia este estudo: rádio e educação. São apresentados estudos ilustrativos que espelham a utilização da rádio em contexto escolar ou como veículo de inclusão social; observamos também o panorama português e os projectos e iniciativas desenvolvidas sob esta temática.

O quarto capítulo, referente à metodologia, apresenta as escolhas feitas para o estudo com cada um dos projectos seleccionados e dá origem ao capítulo de análise de resultados. Nesse quinto capítulo são analisadas as entrevistas e grupos de foco onde discutimos questões como competências, educação formal e não formal, entraves e facilidades à execução de projectos educativos.

A conclusão faz uma revisão das questões levantadas durante o trabalho e perspectiva o futuro desta investigação.

Capítulo I- O panorama radiofónico, a internet e os jovens

I.1 A rádio enquanto meio

“Esta é a maior maravilha da rádio, a grande ubiquidade que possui; as canções e conversas atravessam fronteiras, vencem o isolamento imposto pelo espaço, importam cultura usando as invisíveis asas das ondas, ao mesmo custo para todos: é o ruído dentro do silêncio” (Arnheim, 1936:16 cit. por Meditsch, 2005:4).

Este capítulo pretende dar a conhecer o meio radiofónico português, a sua história e estrutura. Analisa a ligação da rádio à internet e as potencialidades ou rivalidades que surgem dessa convergência. Por último, observa a relação estabelecida entre as crianças e os jovens com a rádio, abordando questões como os hábitos de consumo.

Patrice Cavelier e Olivier Morel-Maroger (2005 cit. por Oliveira, 2013) caracterizam a rádio como um fenómeno cultural de massas profundamente ancorado na nossa vida quotidiana, tendo-se tornado incontornável para a informação, o entretenimento e a música. Sendo a rádio o meio de comunicação que menos polémica gerou, com mais de 90 anos, é o que mais alterações sofreu quanto ao seu formato e à sua essência. Foi “palco” de grandes acontecimentos históricos que foram resultado do mundo em que vivemos. A história política da Europa ofereceu à rádio momentos únicos: presenciou duas grandes guerras mundiais, experimentou vários regimes ditatoriais e promoveu o florescimento generalizado da democracia (Oliveira, 2013:73). A rádio tornou-se um meio de comunicação transversal a todas as épocas históricas.

Em Abril de 1974, foi com a rádio e através dela que se reconquistou a liberdade em Portugal. “Tomada de assalto, a rádio não apenas registou a viragem do país para a liberdade como também participou dela” (Oliveira, 2013:74). Foi através da rádio que foram emitidas as senhas (músicas) para o arranque das tropas – a música de Paulo de Carvalho “E Depois do Adeus” e a música de José Afonso “Grândola Vila Morena”.

A rádio é o meio de comunicação cuja criatividade se serve da força da palavra e em que a experiência do ouvir é o trunfo numa sociedade absorvida pela imagem. Por estimular a nossa imaginação, a rádio não nos oferece o todo, obrigando-nos a imaginar as partes (Oliveira, 2013). Arnheim (1936) faz o “elogio da cegueira”, apontando para o

potencial único da rádio como arte narrativa: a possibilidade de unir os recursos expressivos da música e da literatura numa forma de expressão superior, que carrega o poder emocional da primeira e a capacidade intelectual da segunda (Meditsch, 2005:5).

Se tivermos em consideração a dimensão comunicativa, expressiva e difusora da rádio, é possível entender a linguagem radiofónica como sendo o conjunto constituído pelos códigos simbólicos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio (Balsebre, 2005 cit. por Portela, 2006:26). A palavra é um elemento fundamental quando falamos em rádio, principalmente quando falamos em notícia, em jornalismo de informação. Segundo Rosental Alves (2005a cit. por Portela, 2006:28), a palavra em rádio deve ser reforçada através de uma programação que a enalteça e contrarie o caminho mais fácil, que é o de deixar a música ocupar a maior parcela da programação. Assim, a palavra em rádio tem uma dupla função, servindo de veículo através do qual é transmitida a informação (seja através do noticiário ou de outro formato jornalístico) e de elo de ligação entre os vários momentos de uma emissão. A palavra em rádio é protagonista e ressalta no seu próprio palco.

A música em rádio é entendida como meio indutor de criatividade e imaginação que conduz o ouvinte a uma experiência sensorial integral que lhe permite “ver, tocar, cheirar e até provar – imaginando” (Hortsmann, 1991 cit. por Portela, 2006:27). Assim, a música pode surgir de duas maneiras: como um conteúdo programático, apresentando-se em forma de canções; ou como separador, efeito sonoro que sinaliza o início, o fim ou a mudança de assunto num programa informativo (Bonixe, 2009 cit. por Tereso, 2012:15). O uso da música em jornalismo pode servir como pano de fundo do assunto que está a ser tratado e integra o som ambiente do local onde se desenrola a acção, permitindo “narrar e expressar sensações que estimulam a imaginação, ajudando o ouvinte a formar imagens-mentais acerca daquilo que lhe está a ser transmitido” (Bonixe, 2009 cit. por Tereso, 2012:15).

Por outro lado, o silêncio surge em rádio como elemento contrastante que permite a interpretação de todos os outros. É utilizado para marcar o ritmo na leitura de um texto ou para deixar em aberto um pensamento criando uma sensação de *suspense* e abrindo a porta ao imaginário do ouvinte para que este “não seja um receptor passivo e crie a sua própria cenografia num espaço infinito de escuridão” (Baumworcel, 2005 cit. por Portela, 2006:28).

Depois de caracterizados os elementos constituintes da linguagem radiofónica, falemos das características que melhor definem este meio de comunicação. A rádio é “imediate, universal, ubíqua, multiplataforma e compatível com o *multitasking*” (Tereso, 2012:12). Não monopoliza a atenção dos ouvintes e surge, muitas vezes no lugar de “banda sonora” (Bonixie, 2009 cit. por Tereso, 2012:13). Por funcionar apenas com a audição, a rádio obriga a uma atenção redobrada, tanto por parte do ouvinte para entender a mensagem, como da estação, por um esforço constante para fazer ressaltar o que é importante. João Paulo Meneses (2003 cit. por Portela, 2006:25) entende que a característica mais distintiva da rádio é a acumulação, que passa pela possibilidade de realizar outras actividades em simultâneo com a sua escuta. A capacidade de transmitir rapidamente as mensagens, para que estas possam ser assimiladas e conseqüentemente reproduzidas pela audiência, confere à rádio uma instantaneidade e espontaneidade intrínsecas (Oliveira Junior, 2002 cit. por Portela, 2006:25), fazendo dela um meio “massivo, explosivo e mobilizador” (Del Bianco, 2005 cit. por Portela, 2006:25). Ainda assim não é possível medir os níveis de assimilação e de eficácia com que a audiência recebe as mensagens que estão a ser transmitidas.

A rádio tornou-se num meio de comunicação universal, sendo o único meio que tem a capacidade de abranger quase a totalidade da população. Para ouvir rádio não é preciso “preparação prévia, cultural ou técnica”, apenas “a capacidade física para ouvir e a capacidade de raciocínio para entender a mensagem” (Cordeiro, 2003 cit. por Tereso, 2008:18). Parece ser, assim, um meio menos exigente em termos de literacia.

A rádio é, nesse sentido, o “mais democrático” dos meios de comunicação de massa (Klockner & Bragança, 2011 cit. por Tereso, 2012:18) por ser um meio de comunicação de fácil acesso e de utilização bastante barata, quer seja feita da maneira mais tradicional através do receptor analógico, quer seja escutada através da televisão, do telemóvel e outros dispositivos móveis ou do computador com ligação à internet. Pela sua desenvoltura, a rádio não requer aparelho específico de transmissão nem lugar ou circunstância concreta para ser escutada; pelo contrário, vai acompanhando o nosso dia-a-dia, vai-se moldando aos nossos horários e ao ritmo da vida em sociedade.

A universalidade da rádio como modalidade de comunicação abrange um público anónimo e heterogéneo, composto pelos diversos escalões socioculturais com diferentes níveis de compreensão, pessoas com anseios e necessidades diversas, podendo afirmar-se como um meio que promove a inclusão social dada a facilidade do

seu acesso. Para Roquette Pinto, pai da rádio no Brasil, “o rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que realizem com espírito altruísta e elevado” (Ferrareto, 2001 cit. por Cancian, J., Madeira, A., Schlosser, C., Carraro, M., Berté, P., 2008:8). Esta faceta explica o potencial para inclusão de comunidades com menores índices de literacia, como acontece em países da América do Sul.

Com as evoluções técnicas verificadas ao longo dos anos, outra característica deste meio de comunicação ganha destaque: a simultaneidade ou imediatismo por disponibilizar os factos no momento em que eles acontecem. Esta característica é defendida por Eduardo Meditsch (1997 cit. por Portela, 2006:25-26), quando assume a rádio como sendo um meio em que há “simultaneidade entre a enunciação e a recepção”: mesmo antes da existência das reportagens em directo, e inclusivamente quando as emissões são pré-gravadas, produz-se na rádio um discurso para consumo imediato, com o reforço da instantaneidade dos seus efeitos na população receptora.

Assim, podemos afirmar que a rádio participa activamente na construção de significados sociais, interagindo no dia-a-dia da audiência: o ouvinte interpreta a mensagem da rádio no contexto simbólico da comunicação (Cordeiro, 2010:61), que consequentemente torna “inegável uma certa mística associada ao universo radiofónico, sem paralelo na relação que a sociedade estabelece com qualquer outro meio de comunicação” (Nachman, 1998 cit. por Cordeiro, 2010:62).

I.2 A rádio e a internet: uma rivalidade saudável ou uma convergência assustadora?

“Existe uma velha máxima na comunicação que diz que um novo meio (ou uma nova tecnologia) não anula o anterior; ambos se acomodam e se adaptam, coexistindo” (Meneses, 2007).

“Uma vida diferente das anteriores, é claro. Mas uma nova vida, sem dúvida. Uma vida alicerçada no facto de a rádio ser o *media* que mais facilmente se adapta à web 2.0” (Araújo, Cardoso & Espanha, 2009 cit. por Pacheco, 2010:6).

A rádio enfrenta o seu maior desafio, pela globalização, através da internet. Com a viragem para o digital, os níveis de audiências e os critérios de segmentação podem vir a ser alterados a par das novas alternativas concedidas pela internet (Cordeiro, 2010:68).

A reflexão da rádio contemporânea decorre de uma análise que combina o analógico com o digital, compreendendo os seus diferentes contextos e a apropriação igualmente diferenciada, que a audiência faz dos dois sistemas (Cordeiro, 2010:70). Na era do digital e com a diversidade de ferramentas disponibilizadas pela internet, a rádio sofre várias alterações, principalmente em relação ao seu modelo comunicacional passando de um modelo unidireccional e vertical para outro bidireccional e horizontal em que a audiência é activa e participativa. Perante esta realidade, “o meio experimenta agora um novo modelo comunicacional que conjuga a emissão hertziana com plataformas digitais onde constam elementos que contrariam a essência do directo da rádio e disponibilizam ficheiros que podem ser consultados de acordo com a disponibilidade dos ouvintes” (Cordeiro, 2010:71).

A internet vem oferecer novas plataformas e serviços que, mesmo não correspondendo à essência da rádio, lhe conferem a possibilidade de utilizar a imagem, o texto, os *links* interactivos, entre outros. Mas a internet não consegue combater a espontaneidade de uma emissão em directo ou em *streaming*. Torna-se então crucial analisar que benefícios e que desvantagens trouxe esta convergência entre a rádio e a internet, quer em relação aos elementos que constituem a linguagem radiofónica, quer às características do meio em questão.

Este processo de fusão da internet com a rádio pode ser dividido em três fases, segundo Herreros (2008 cit. por Pacheco, 2010:7). Uma primeira fase em que as emissoras criavam *sites* e não procuravam grandes mudanças na programação hertziana; uma segunda fase em que a rádio começou a introduzir alguns elementos característicos da *web* como os *links*; e uma terceira fase em que a rádio passa a produzir conteúdos próprios para o *online*. Pedro Portela (2006) também faz uma divisão desta apropriação em níveis. Vai do nível mínimo, em que as estações possuem apenas um *website* sem *streaming*, ao nível avançado em que, para além das estações possuírem um *site* com informações sobre a própria rádio, a programação, o correio electrónico e até fotografias, ainda estão presentes nas redes sociais, *blogues* e utilizam tecnologias como o *podcast* e os *rss feeds*. O *podcast* é “grátis, simples, portátil e cómodo” (Pacheco,

2010:9). Através da tecnologia RSS¹, é possível a distribuição de ficheiros pela internet, através de uma simples subscrição, com a vantagem de o ouvinte/utilizador não ter de procurar os conteúdos tendo-os sempre disponíveis. “A rádio estava limitada em termos temporais e espaciais. O *podcast* acaba com esses constrangimentos” (Bonixe, 2006 cit. por Pacheco, 2010:9).

Outra facilidade concedida pela internet passa pela criação das estações de rádio *online* não estar sujeita a qualquer tipo de autorizações fazendo com que a difusão radiofónica se estenda em larga escala. Surgem assim as *webrádios*: “A rádio passa a oferecer serviços que unem o som, elementos escritos e visuais e junta-se a outros *media* para estar presente e responder às solicitações do consumidor multimédia” (Cordeiro, 2004 cit. por Pacheco, 2010:7). As *webrádios* podem despoletar uma nova modalidade comunicacional, uma vez que permitem ao ouvinte/*user* ser produtor de conteúdos alterando assim a concepção tradicional de rádio.

Na internet, a rádio reúne música, informação e publicidade, paralelamente com animações, imagens estáticas ou em movimento. As plataformas digitais permitem a introdução de componentes (gráficos, tabelas, fotografias, textos escritos, imagens de vídeo) que vêm complementar a informação disponibilizada pelo meio (Cordeiro, 2004b:p).

Para além de armazenar conteúdos e conceder à rádio a possibilidade de emitir apenas para o *online*, “a internet é, ela própria, um meio que pode servir de emissão e de recepção de rádio, influenciando outros dois elementos do processo comunicativo: a mensagem e o *feedback*” (Meneses, 2007:3).

Em Portugal, é de destacar que o papel pioneiro de agregação da internet coube à Rádio Comercial (Meneses, 2006 cit. por Portela, 2006:50). Ao expandir-se para a rede, a rádio procura incorporar elementos que até aqui lhe eram estranhos e refunde-se num espaço em que a multiplicidade de linguagens introduz novas possibilidades de comunicação, incita a audiência à adopção de diferentes comportamentos e enceta caminho para novas formas de consumo (Rincón *et al.*, 2006 cit. por Portela, 2006:51). As mudanças que estão a ser operadas à comunicação radiofónica contemporânea devem ser olhadas “como uma redefinição de posicionamento que lhe permita manter a

¹ Really Simple Syndication

vitalidade e desafiar pela segunda vez em 40 anos as muitas vozes que lhe vaticinam o fim” (Portela, 2006:51), depois da introdução da televisão.

A rádio tornou-se, indiscutivelmente, um meio de comunicação transcendente, como explica Pedro Portela: “Nos últimos anos, a rádio passou da sala de estar para o carro, do carro para o computador e do computador para o bolso” (2006 cit. por Pacheco, 2010:11).

I.3 Os “jovens *online*” ouvem rádio?

Perante as recentes mudanças vividas pela rádio, torna-se importante analisar que alterações se registaram na relação que os jovens estabelecem com o meio de comunicação em questão.

Antes de mais, é necessário definir o que, no presente trabalho, se entende por criança e jovem. O investigador Jean Piaget, que em muito contribuiu para o desenvolvimento dos estudos sobre a educação e os *media*, estabelece estádios cognitivos sucessivos do desenvolvimento infantil cedendo-nos as noções de que precisamos para definir os nossos públicos. O autor divide então os estádios cognitivos em quatro faixas etárias diferentes: até aos dois anos estamos perante o sensório-motor; dos dois aos sete sob a influência do pré-operatório; dos sete aos 12 perante as operações concretas; e, da adolescência em diante, presenciamos as operações formais (in Ponte, 2012: 35). Partindo desta definição de Piaget, e sem ignorar que a Convenção sobre os Direitos da Criança alarga a idade até aos 18 anos, adoptamos, para o estudo em questão, os 12 anos idade inicial onde vai incidir o nosso estudo sobre crianças e jovens.

Em Portugal, o sistema de medição de audiências radiofónicas não permite uma análise profunda da relação que os mais novos estabelecem com a rádio. Nos estudos da Marktest, a única entidade que realiza a medição de audiências de rádio, os jovens com idade inferior a 15 anos não são considerados parte constituinte da audiência analisada, pela necessidade de autorizações prévias dos encarregados de educação; as entrevistas são realizadas pelo telefone de rede fixa; os inquiridos têm de responder sobre o que ouviram na rádio no dia anterior ao da entrevista e os resultados são publicados com uma periodicidade trimestral, o que lhes retira actualidade (Meneses, 2011:55-56).

No mundo digitalizado em que vivemos, aumenta a percentagem de jovens que têm acesso à internet e que usufruem das novas tecnologias (aqui a medição de audiências também não engloba os públicos com idades inferiores a 15 anos pois a OberCom apenas trata os dados da Markttest que limitam a idade de análise nos 15 anos). A migração dos públicos jovens da rádio para outras tecnologias e plataformas está directamente relacionada com o crescimento do mercado tecnológico e com a oferta vasta de alternativas à escuta de música através da rádio: “Com a popularização de aparelhos que reproduzem música digital (mp3 players, celulares, etc), a facilidade de acesso a qualquer música via *download* na internet, somada ao crescente número de webrádios, coloca as emissoras de rádio convencional em uma complicada situação” (Cardoso & Rocha, 2011:169). Herschmann e Kischinhevsky (2008, cit. por Cardoso & Rocha, 2011:172) justificam a razão pela qual a rádio está a perder vitalidade: “A reconfiguração das indústrias do rádio e da música causa impacto directo sobre o campo da cultura. Embora os *podcasts* e as web rádios ainda constituam uma fração do mercado, representam a face mais visível de um processo de transformação da mídia sonora, redesenhando os circuitos de produção, veiculação e consumo de música popular massiva e da informação radiofónica”.

O jornalista e investigador João Paulo Meneses, num estudo sobre os jovens e a rádio em Portugal, faz referência ao trabalho coordenado por Gustavo Cardoso com jovens dos 8 aos 18 anos, que apresenta conclusões interessantes em relação aos consumos de rádio na era digital. Dos jovens inquiridos apenas 22,2% usam a *net* para ouvir rádio (Cardoso, 2007 cit. por Meneses, 2011:62), sendo que entre as dez principais actividades realizadas com o telemóvel não aparece a rádio; nos utilizadores de leitores de mp3/iPods, 46,3% afirmam ouvir menos rádio, 44,1% a mesma coisa e 9,6% mais (Meneses, 2011:62). No Anuário da Comunicação 2011-2012 realizado pela OberCom, podemos verificar que estes factos se confirmam; em termos de audiência acumulada de véspera, a faixa etária dos 15/17 é a que apresenta valores mais reduzidos de todas as outras, aparecendo com uma expressão de 4,1%.

É plausível afirmar, perante o avanço tecnológico e as alterações sofridas pelo panorama musical, que os públicos mais jovens, que na sua maioria estavam sintonizados às rádios musicais, estão agora a encontrar alternativas para satisfazer os seus consumos de música e de informação. As causas que conduzem à perda das audiências mais jovens estão relacionadas com a existência de novos suportes mais

atractivos e convergentes (iPod e telemóveis) e com a facilidade de personalização musical através da internet. Também as estações e a sua estrutura não contribuem pelo excesso de publicidade e pela falta de programações adaptadas aos interesses destas audiências (Meneses, 2011:73).

“O jovem de hoje faz parte de uma geração que cresceu com o computador e com a internet. Logo, imaginar qualquer tipo de relação sem o intermédio dessa ferramenta é algo praticamente impossível”, afirmam Cardoso e Rocha (2011:183). A tecnologia, com os seus avanços rápidos e perspicazes, está a alterar, cada vez mais, a visão que temos dos acontecimentos, começando pelos mais novos e conseqüentemente mais aptos e curiosos a este tipo de mudanças (Rocha & Pereira, 2009, cit. por Cardoso & Rocha, 2011:183): “Em casa, na rua, no trabalho, no lazer, na mochila de um adolescente, os *gadgets* nos lembram como o mundo está ficando cada vez menor, mas também de infinitas perspectivas e múltiplos cenários, em toda a sua ambivalência e fragmentação”.

Este capítulo enquadra assim a experiência da rádio, com um foco em crianças e jovens, a anteceder a abordagem do capítulo seguinte - a educação para os *media*. Torna-se crucial reflectir sobre a actualidade do conceito e a sua evolução para podermos focar a análise no objecto de estudo deste trabalho: a rádio.

Capítulo II- Educação para os *media*

“Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos” (Freire, 1987:90).

Neste capítulo pretende-se explorar o conceito de educação para os *media*, a sua história e ramificações. É feito um levantamento dos processos que comandaram a evolução e aplicação do conceito e ainda as medidas que nortearam a sua aplicação no contexto escolar.

Os meios de comunicação já fazem parte da nossa construção da realidade, sendo que “homogenizam comportamentos, transmitem novidades, servem de sistemas de equilíbrio e de regulação social” (Goméz, 2011:13-14). A par das mutações na sociedade audiovisual, a comunicação e a educação enfrentam “um processo de troca crítica, carregado de incertezas e interrogações, de maneira que se põe em jogo valores fundamentais e aparecem outros cuja origem é incerta” (Goméz, 2011:14).

O conceito de educação para os *media* não é um conceito estável ou que esteja definido, existindo, por isso, diversas abordagens que se encaixam. Segundo Sara Pereira, “a educação para os *media* é uma área centrada na economia e nas políticas sócio-culturais, tratando-se, no essencial, de um conjunto de competências (e processos da respectiva aquisição) relativas ao acesso, uso esclarecido e análise crítica (interpretação) dos *media*” (2010 cit. por Silveira, 2011:798). A relevância da educação para os *media* passa pela formação de cidadãos mais esclarecidos no que toca ao acesso aos *media* para, por um lado, combater o analfabetismo e a exclusão social e, por outro, promover o exercício dos direitos dos cidadãos e, conseqüentemente, a promoção de uma cidadania interveniente (Pereira, 2010 cit. por Silveira, 2011:789). A educação para os *media* define uma prática de ensino-aprendizagem acerca dos *media*, enquanto a ‘literacia dos *media*’ é um resultado do processo anterior que implica as competências e o conhecimento adquiridos acerca dos *media* (Lopes, 2011:3).

David Buckingham (2003:6-9) faz uma divisão das diferentes etapas já ultrapassadas, referindo-se ao Reino Unido, onde a área da educação para os *media* ganha destaque nos anos 30. A esta primeira fase dá o nome de ‘discriminação’, pois os *media* eram vistos como uma influência corrupta, oferecendo prazeres superficiais no lugar de valores autênticos da arte e da literatura. O objectivo da educação, neste tempo, era ensinar os estudantes a discriminar e resistir para se protegerem da manipulação comercial dos meios de comunicação de massa. Uma evolução à época surgiu com Frank Leavis e Thompson, na obra *Culture and Environment: the training of critical awareness*, de 1933, onde se apresentou o primeiro conjunto sistemático de propostas para a educação dos *media* na escola.

Os anos 50 e 60 experimentam uma segunda etapa com o advento dos ‘*Cultural Studies*’ e das artes populares em que se deu o reconhecimento de que existia uma cultura popular que merecia ser estudada e apreciada. Um passo a registar na área da educação para os *media* foi o trabalho desenvolvido por Stuart Hall e Whannel com o livro *The Popular Arts*, de 1964, que ofereceu uma vasta gama de propostas para a educação para os *media* principalmente na área do cinema.

Nos anos 70, e com o advento da televisão, surge uma terceira etapa, a que Buckingham dá o nome de ‘educação de ecrã e desmistificação’. O papel difícil para a educação para os *media* era o de explicar como seria possível aplicar as descobertas feitas através da ‘teoria do ecrã’ às salas de aula. Len Masterman, em *Teaching about Television* (1980) e *Teaching the Media* (1985), partilhou as suas preocupações em relação à ‘teoria do ecrã’ em questões de linguagem, ideologia e representação. A proposta do autor baseava-se no envolvimento dos alunos na análise das ideologias dos *media*. Assim, libertavam-se da influência das mensagens, que desmistificavam.

Em termos históricos, como podemos observar, a educação para os *media* assentava no princípio dos efeitos directos dos *media* e as crianças eram vistas como indefesas e fortemente influenciáveis pelos conteúdos (Pinto, M., Pereira, S., Pereira, L., Ferreira, T., 2011:28). Hoje, surge uma nova perspectiva que, por um lado utiliza a internet como ferramenta essencial ao desenvolvimento de capacidades de produção mediática e, por outro lado, centra a sua atenção nos alunos e vê os *media* como uma extensão de conhecimento e de experiência (Pinto *et al.*, 2011:29). “A educação para os *media* é vista aqui não como uma forma de protecção mas como uma forma de preparação” (Buckingham, 2003:13).

Com a introdução dos *media* na escola, presenciamos uma orientação capacitadora que “considera que as crianças podem desenvolver, em relação aos *media*, atitudes e práticas activas e críticas, mas, para isso, precisam de apoio, de incentivo, de orientação e de mediação” (Pinto *et al.*, 2011:29).

II.1 A escola e os *media*

“La escuela se há negado hasta ahora a aceptar el descentramiento cultural que atraviesa” (Barbero, 1999 cit. por Gómez, 2011:15).

Se, durante décadas, a escola foi a entidade responsável pela difusão do conhecimento, actualmente a situação tem vindo a alterar-se. A transmissão do conhecimento encontra agora outras vias, mais rápidas e talvez mais eficazes, para se difundir (Gómez, 2011). “O novo cenário audiovisual e tecnológico, juntamente ao cenário social, tem modificado as circunstâncias dos âmbitos educativos que têm vivido crises e contradições” (Gómez, 2011:1).

Pérez Tornero (2000 cit. por Gómez, 2011:16) salienta que hoje a escola tem de coexistir com outras frentes de transmissão de conhecimento tanto ou mais poderosas, perdendo assim a posição privilegiada. A alfabetização numa sociedade audiovisual é adquirida de modo autónomo e informal, o que distancia a realidade escolar pautada pela alfabetização formal e em que os professores também já perdem o papel de força única do saber. O sistema escolar não facilita o ambiente de liberdade necessário para incorporar uma sociedade audiovisual e, por consequência, a lacuna entre a teoria e a prática é cada vez maior.

Contudo, a escola não deixa de ser o local privilegiado de educação e formação das crianças e jovens. Exactamente por isso, não deve deixar de proporcionar as ferramentas necessárias aos seus alunos para a sua preparação e para o seu melhor entendimento da realidade. Uma vez que os *media* fazem parte dessa mesma realidade, a questão passa por a escola se adaptar e reconstruir como um meio de iniciação à vida pública e consciencialização do mediatismo e das práticas e valores democráticos, através da produção de *media* (Gonnet, 2007).

Desta forma, há que repensar os modelos do ensino tradicional, visto que estão a ficar na retaguarda desta nova abordagem educativa e de aprendizagem. O caminho a

seguir passa pela reformulação da relação entre aluno e professor que deve ser baseada nos questionamentos e motivações do primeiro (Gonnet, 2007). Esta proposta de mudança oferece uma nova organização menos centrada na figura do professor e mais nos processos de aprendizagem dos alunos.

Vários têm sido os esforços e investimentos na área da educação para os *media* por parte de entidades internacionais com o objectivo de alargar e aplicar procedimentos. A UNESCO² ocupa um papel de destaque nesta área, pois desde o início dos anos 80 que inclui a educação para os *media* nos seus programas institucionais. A *Grunwald Declaration on Media Education*, que data de 1982, reconhece a onnipresença dos *media* na vida das pessoas e dá especial ênfase às crianças, cujos consumos mediáticos são maiores e mais extensos em termos de horários. Esta Declaração já alertava para a realidade de os *media* estarem plantados na vida das sociedades modernas e de que quanto mais cedo se aceitar essa mudança e se trabalhar em conjunto com ela, mais proveitosos poderem ser os resultados desse trabalho. Em suma, a Declaração defende a criação e implementação de programas de educação para os *media*, não esquecendo a importância da sensibilização e formação de professores e educadores (Silveira, 2011:799).

A Comissão Europeia também tem investido na área da educação para os *media*, principalmente através da “Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu” que tem como objectivo alertar os Estados-Membros para uma intervenção mais activa na educação para os *media* e no âmbito da literacia mediática em ambiente digital (Silveira, 2011:800). Também o Conselho da Europa tem vários sectores que se dedicam às questões da educação para os *media*. Mais recentemente a directiva 2007/65/CE do Parlamento e do Conselho em 2009 pretende encontrar ferramentas que permitam o registo das actividades que se vão desenvolvendo no campo da educação para os *media* (Silveira, 2011:800).

Para além do papel desempenhado por estas instituições internacionais, existem projectos de entidades governamentais e associações na área. A *Ontario Association for Media Literacy*, fundada em 1978 no Canadá, elaborou o guia *Media Literacy Resource Guide*, que pretende ajudar os estudantes a desenvolver capacidades tanto ao nível da compreensão como ao nível da utilização informada dos meios. Nos Estados Unidos,

² Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

em 2002, o Center of Media Literacy apresentou o *MediaLit Kit*, cujo objectivo é ajudar crianças e adultos na aprendizagem sobre a cultura mediática. O regulador britânico dos *media* audiovisuais *Office of Communications (Ofcom)* tem vindo a desenvolver trabalho na área da educação para os *media*, como o projecto “Developing Media Literacy: Towards a Model of Learning Progression” (2009-2011), desenvolvido por David Buckingham e que representa a primeira investigação sobre práticas de educação para os *media* no Reino Unido.

Em França, o *Centre de Liaison de l’Enseignement et des Moyens d’Information- CLEMI*, do Ministério da Educação Francês, visa promover o uso informado dos meios de comunicação com o objectivo de dar aos alunos uma visão real do mundo que os rodeia e cultivar o seu sentido crítico. Em Espanha, a Universidade Autónoma de Barcelona e Grupo Comunicar são pólos de destaque que desenvolvem projectos com entidades internacionais como a UNESCO e a Comissão Europeia (Lopes, 2011:11-13).

Portugal regista o primeiro passo, no ano lectivo de 1979, a par da abertura do curso de ciências da comunicação na Universidade Nova de Lisboa. Nos anos 80 abriu a primeira pós-graduação na área na Faculdade de Ciências Sociais da mesma universidade. A partir deste momento, a oferta multiplicou-se de tal modo que Mário Mesquita e Cristina Ponte³, a propósito de um estudo sobre este tema (1996-1997), chegaram a falar do “milagre da multiplicação dos cursos” depois de concluírem que estavam perto das três dezenas as instituições que ofereciam formação na área da comunicação (Pinto *et al.*, 2011:69).

Em 2001 é dado um passo crucial. A educação para os *media* é assumida como um pilar da educação para a cidadania com o Decreto-Lei 6/2001 de 18 de Janeiro mas, só passados sete anos, é que o Ministério da Educação assume claramente a educação para os *media* como uma competência a desenvolver através do Despacho nº 19308/2008 (Lopes, 2011:15-16).

No ano seguinte, em 2008, é criado o projecto “Media e Literacia”, pela empresa Mapa de Ideias, que propõe o desenvolvimento da educação para os *media* como complemento curricular nas escolas do ensino básico. Os objectivos deste projecto

³ Mesquita, M., Ponte, C. (1996-1997). Situação do ensino e da Formação Profissional na área do Jornalismo.

passam por dar às crianças, professores e educadores as ferramentas e materiais necessários ao estudo, à investigação e à produção mediática (Lopes, 2011:16).

Em 2010, é formado o Grupo Informal de Literacia dos Media e inaugurado o Portal da Literacia Mediática, promovido pelo Gabinete dos Meios para a Comunicação Social com o apoio da UNESCO, da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), do Ministério da Educação, do Conselho Nacional de Educação e do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Este Grupo visa acumular, disponibilizar e distribuir informação sobre projectos e iniciativas no âmbito da literacia para os *media*. No ano seguinte a ERC, através do livro “Educação para os Media em Portugal. Experiências, Actores e Contextos” (Pinto *et al.*, 2011), apresenta projectos e iniciativas desenvolvidas em Portugal (Lopes, 2011:18-19). Essa obra é lançada no I Congresso Nacional Literacia, Media e Cidadania, organizado pela Universidade do Minho em parceria com mais seis instituições ligadas à área. Desse encontro saiu a Declaração de Braga que avança propostas que visam a realização de um trabalho conjunto que possa enriquecer a área da educação para os *media* e todo o seu potencial (Lopes, 2011:19).

Como já foi referido, a educação na sociedade do audiovisual deve investir num projecto educativo que adequa as práticas e acções escolares às novas necessidades sociais (Creel & Orozco, 1993 cit. por Gómez, 2011:17). Segundo Perez Tornero (2000 cit. por Gómez 2011:16), os desafios da educação na sociedade audiovisual passam pela abertura da escola a outras fontes de saber, pelo incentivo à exploração e à criatividade, por uma participação comunitária e multicultural que transcenda as barreiras da própria escola, por uma alfabetização e renovação tecnológica e por uma redefinição tanto do papel do professor, como do papel do aluno e até do próprio Estado.

Neste sentido, a criação e a ampliação de rádios e jornais escolares representam uma mais-valia para a comunidade educativa e para o desenvolvimento dos próprios alunos. Este tipo de produção mediática pode partir da iniciativa dos adultos, ou nascer no seio de um grupo de estudantes que se empenham no projecto dando origem à sua realização (Gonnet, 2007). Os jovens que integram estes projectos adquirem um outro estatuto, uma certa liberdade que se contrapõem às propostas pedagógicas. Essa autonomia que adquirem para a produção faz com que se tornem responsáveis e com que tenham de aferir que conteúdos explorar, os temas que atraem a comunidade escolar e criar espaços de discussão e troca de ideias.

Assim, a introdução da educação para os *media* no contexto escolar torna-se fundamental. Nessa perspectiva, a produção de *media* por parte dos mais novos deve ser encarada como parte integrante do quotidiano das escolas e como um importante elemento da formação dos alunos, promovendo a compreensão e a interacção com as questões dos *media*, e proporcionando a troca de experiências entre professor e aluno (Pinto, 2003 cit. por Silveira, 2011:807).

O pedagogo brasileiro Paulo Freire interroga-nos:

“Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos *sobre* o educando. Não trabalhamos *com* ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, não se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado da busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção” (Freire, 1987: 97)

Tal como afirma, é preciso chamar a atenção para a mudança, criar contextos que permitam, aos alunos, fazer melhor e diferente através da inovação de estratégias educativas.

Depois de avaliada a importância da educação para os *media* como projecto educativo na sociedade actual, é altura de avaliar como é que a rádio se pode constituir como um meio que ponha em prática as directrizes da educação para os *media*.

Capítulo III – A rádio e a educação

“Ninguém duvida do seguinte: para estimular nos nossos alunos o desejo e a necessidade de falar, nada pode superar o valor das situações reais de comunicação. E a rádio, instrumento de comunicação oral por excelência, constitui, de facto, um dos suportes melhor adaptados; pela possibilidade de desenvolvimento que sugere, ela potencia situações de expressão e de comunicação autênticas e motivantes, ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento de aprendizagens importantes, como as de leitura e expressão, tanto escrita como verbal” (Girardot cit. por Gonnet, 2007:115).

O presente capítulo avalia a rádio como um meio com potencialidades educativas. Através de estudos ilustrativos pretendemos demonstrar as capacidades deste meio no que diz respeito a contextos escolares e de inclusão social. É feita uma análise sobre a relação entre rádio e educação em Portugal e são apresentados projectos e iniciativas que investem na utilização da rádio como ferramenta para a educação para os *media*.

A rádio acaba por competir para tornar a educação para os *media* num projecto inovador e integrado nos programas escolares. Com o ingresso da rádio no ciberespaço, as possibilidades de diversificar os seus serviços, os seus conteúdos e as suas emissões tornam-se maiores e mais proveitosas. Como vimos, a rádio encontrou na internet a possibilidade de ganhar outra temporalidade com a disponibilização de arquivos multimédia e com a alteração da sua flexibilidade horária. Como consequência, alterou a relação com os seus ouvintes/utilizadores (Soares, 1999).

A educação tem vindo a tirar partido e a investir nesta nova funcionalidade da rádio, até porque a sua introdução na educação traz vantagens como o incentivo à leitura e produção de textos para as emissões, o desenvolvimento da oralidade e da narrativa, a possibilidade de pesquisa e capacidade de selecção, o uso informado de novas tecnologias, o fomento de uma capacidade comunicativa e de reflexão crítica e a criação de uma nova relação entre aluno, professor e comunidade educativa baseada na troca de informação e conhecimento (Junior, J., Coutinho, C., 2008:104-105)

O aluno pode ter agora um papel activo e interveniente na produção de conteúdos e na escolha da própria programação, deixando de ser apenas um receptor

activo no que toca à partilha da sua opinião mas fazendo também parte do processo de produção.

Os projectos de rádio na *web* com fins educativos começaram por volta da década de 90, a partir de projectos que estavam ligados à transmissão hertziana. Neste período, surgem projectos de rádio com uma vertente educativa e formativa um pouco por todo o mundo e abrangendo todos os níveis de ensino (Teixeira, M., Silva, B., 2009a:5729). Alguns destes projectos merecem destaque pelo seu carácter vanguardista no que toca a aliar a rádio à educação. Em Itália, a *Scuola Radio Elettra di Torino* caracteriza-se pela auto-instrução: na plataforma da rádio *web*, o estudante tem acesso a conteúdos indispensáveis à sua aprendizagem e possibilidade de contacto com os tutores⁴. Em 2005, no México, foi criada a *Edusat Radio* com o apoio da Direcção Geral de Televisão Educativa, com o objectivo de desenvolver projectos de rádio e de televisão na internet que apostam no crescimento da cultura mediática do país⁵. Espanha é um país de destaque no que toca a projectos de rádio, já que conta com um vasto número de emissoras de carácter educativo, formativo, universitário e vários projectos de rádio na internet. A *Fundación Radio ECCA*, formada em 1965, é uma organização privada e sem fins lucrativos que baseia o seu sistema de ensino em três passos: material impresso, aula de rádio (presencial ou *online*) e orientação/tutoria⁶. Também o Ministério da Educação Espanhol possui na sua página *online* um espaço dedicado aos *media* e, no caso da rádio, disponibiliza informação que vai desde a história da rádio até à montagem de uma emissora na escola, propostas de actividades, entre outros⁷.

O Brasil, país de destaque no que concerne à rádio educacional, possui, entre muitas outras, a *Rádio web UFPA*, um canal de divulgação de actividades científicas e académicas da Universidade Federal do Pará. Esta rádio está mais direccionada para a informação, e possui uma base de dados onde os alunos podem pesquisar, aceder e fazer o *download* de palestras e entrevistas sobre os mais variados temas⁸.

A *Rádio Universitária do Minho* (RUM), em Portugal, ganhou destaque por possuir uma diversidade de conteúdos que iguala a diversidade do seu público. Existe desde 1989 e a partir de 2006 começa a emitir na *web* com uma oferta de programação

⁴ <http://www.scuolaradioelettra.it/>

⁵ <http://www.televisioneducativa.gob.mx/index.php/quienes-somos/red-edusat>

⁶ <http://www.radioecca.org/index.php>

⁷ <http://recursos.cnice.mec.es/media/radio/bloque9/index.html>

⁸ <http://www.radio.ufpa.br/>

que contempla áreas dedicadas ao jornalismo, às temáticas educativo-culturais e de entretenimento. A RUM conta com duas interfaces: o *website* e a emissão *online*. A emissão *online* é uma alternativa à emissão tradicional e que, acompanhada do site, dá aos seus ouvintes/utilizadores uma vasta panóplia de assuntos na área da cultura, educação, ciência, economia, política, notícias, informações locais, entrevistas e reportagens. Adoptando uma vertente educativa, disponibiliza ainda plataformas onde os professores e investigadores podem depositar os seus trabalhos científicos, disponibilizar as aulas em *podcast*, deixar informações sobre leituras, exames, eventos académicos e também estimular o debate através do lançamento de temas no fórum de discussão ⁹ (Teixeira, M., Silva, B., 2009a:5729-5734).

Ainda que pouco conhecidas do público, as experiências de rádio nas escolas e em espaços de educação não formal são prova da capacidade participativa e interventiva dos jovens e, conseqüentemente, também de interesse pedagógico ligado a essas práticas (Gonnet, 2007:114). Jacques Gonnet (2007:114) explicita, no caso das rádios escolares, as três configurações abrangidas pelo termo: 1) sonorização interna que se caracteriza por possuir um estúdio de produção, que pode ir de um nível muito básico (micro e amplificador) a um nível mais completo (semelhante ao equipamento das rádios profissionais) de onde são realizadas as emissões que são difundidas do interior da escola através de altifalantes; 2) a rádio em meio escolar ou rádio associativa, que está sediada na própria escola e que beneficia de uma autorização de emissão assim como de um subsídio de apoio, tendo de, em contrapartida, cumprir certos requisitos garantindo tempos de difusão importantes que podem, muitas vezes, abranger as férias; 3) uma categoria entre as duas anteriores, é constituída por um estúdio de produção de que a escola dispõe e uma rádio local, que associada à rádio escolar, garante a transmissão das emissões, seja de forma regular ou não.

Mesmo estando cientes de que o fascínio da rádio é a oralidade, é importante não descuidar a parte escrita. Para um melhor desempenho frente aos microfones e uma oralidade séria e segura, é necessário que os textos sejam pensados e escritos de forma coerente. Tal facto não impede que o locutor improvise, que tire apenas notas do que vai dizer e que, oralmente, construa o seu texto (Gonnet, 2007:115-116).

Quando se fala de rádio no meio escolar, é possível enumerar práticas e vantagens que surgem deste tipo de projectos: o trabalho de expressão que inclui a

⁹ <http://www.rum.pt/>

respiração, a dicção, projecção e tom; o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos alunos; a investigação e exploração de documentos; o desenvolvimento de um sentimento crítico e de avaliação (Gonnet, 2007:116).

É também necessário referir que a gestão de uma rádio em espaço escolar exige uma real motivação pois enfrenta condicionantes como a movimentação dos alunos, a coordenação estreita entre a rádio e o horário escolar e o tempo lectivo e a sua rigidez de horários (Gonnet, 2007:116), como vamos constatar na análise das facilidades e entraves na execução dos projectos.

A rádio em contexto educacional, projecto que está a ganhar mais visibilidade, aparenta ter duas maneiras possíveis de se expressar no espaço escolar. Por um lado, é utilizada, no âmbito da educação para os *media*, como objecto de estudo em sala de aula; por outro, é o projecto e o verdadeiro veículo de aprendizagem. Vamos recorrer a dois estudos de caso internacionais que reflectem estas diferentes utilizações do meio radiofónico na educação.

III.1 A rádio em contexto escolar e como veículo de inclusão social – Estudos ilustrativos internacionais

O primeiro estudo apresenta o relato de uma experiência com rádio na escola, realizada com uma turma do 9º ano do ensino fundamental na Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha, no Brasil. O projecto “Jovem Falante” focou-se na articulação de diversas áreas do conhecimento e, principalmente, nos aspectos culturais que formavam a comunidade. Os alunos participaram activamente em todas as etapas do projecto enquanto eram também promotores do trabalho realizado. Este projecto consistiu na aquisição de equipamentos para a montagem de uma rádio e no esforço para obter o apoio da comunidade escolar para investir em novas práticas de ensino que incluíssem o uso das novas tecnologias (Cavalcante, s.d:1).

As possibilidades da utilização educativa da rádio neste projecto são múltiplas e abrangem todas as categorias que o meio explora. Através da música é possível trabalhar a interpretação textual e, recorrendo ao tema da música, invocar para debate temas que até podem ser considerados tabu com o intuito de esclarecer e clarificar certos assuntos. Com uma peça jornalística o professor pode despertar nos alunos o interesse pela pesquisa e pela busca de informações sobre um determinado tema e

averiguar aquilo que os alunos consideram assuntos de relevo, seja em relação ao seu país, à sua cidade ou ao mundo. Através da gravação de um noticiário, os alunos podem interessar-se sobre as fontes das notícias e despertarem em si um carácter investigador, analisando as informações que lhes chegam a partir dos media e averiguando a veracidade dos factos. Por sua vez, a análise da programação das rádios possibilita aos educandos filtrarem e seleccionarem as informações que lhes são transmitidas, desenvolvendo assim um espírito crítico e reflexivo. Outro aspecto está relacionado com o conhecimento da rádio em si: perceber qual a história da rádio, como se processam as transmissões, como é montado um estúdio, o que é necessário para fazer rádio, etc. (Cavalcante, s.d:7-9).

A autora do projecto explica que “o rádio em sala de aula suscita uma perspectiva onde o educando e os educadores juntos terão a oportunidade de planejar e realizar uma actividade colectiva e dinâmica” (Cavalcante, s.d:9). As conclusões retiradas desta experiência da rádio em meio escolar passam por “melhorar a qualidade do trabalho educativo, quando o professor aproveita e utiliza as mídias de que a escola dispõe, possibilitando aos educandos desenvolverem habilidades, opiniões e conhecimentos. Quanto mais dinâmico e interativo for o trabalho, melhor será o envolvimento dos educandos nas actividades propostas pelo professor e mais significativa será a aprendizagem” (Cavalcante, s.d:1). A rádio na escola estabelece, assim, uma nova relação no processo educativo. O ensino deixa de estar focado no papel do professor e numa educação vertical para estar relacionado a um espaço que culmina ambos os conhecimentos, de alunos e professores, e que promove o debate e, sobretudo, a aprendizagem conjunta.

Uma segunda ilustração mostra que, para além da rádio em ambiente escolar, também existem estudos e iniciativas em que a rádio é vista enquanto um projecto educativo, sobretudo de inclusão social. Desde 2006, três rádios comunitárias têm emitido nos bairros de lata de Nairobi, no Quénia. A criação destas três rádios teve como objectivo a criação e o desenvolvimento de uma identidade comum e que afastasse as ligações tribais das diferentes comunidades. A rádio trabalha para melhorar a qualidade de vida nos bairros, passa notícias encorajadoras e dá valor às histórias que a comunidade tem para contar de forma a construir uma ‘*Slum identity*’ (Identidade de bairro de lata/favela) (Gustafsson, 2012:260).

Estas rádios são focadas nos jovens e produzidas por eles e o seu conteúdo combina entretenimento e educação com o objectivo de alertar para assuntos críticos nestas comunidades (Gustafsson, 2012:255). A Koch FM começou a emitir no bairro de Korogocho, a partir de um projecto desenvolvido pelos jovens com o objectivo de melhorar a situação do bairro. Este primeiro passo levou a que, no ano seguinte, mais duas rádios comunitárias iniciassem actividade nos bairros de Nairobi – Pamoja FM (Kibera) e Ghetto FM (Majengo) (Gustafsson, 2012:256). A cultura *pop*, juntamente com os *media*, tem vindo a constituir um assunto bastante atractivo para a comunidade jovem e que tem feito importantes progressos na construção e negociação de normas e valores para uma sociedade mais democrática (Gustafsson, 2012:257).

Tendo como objectivo criar uma plataforma comum que discutisse os assuntos da comunidade, as três rádios assumiram uma programação semelhante que consistia em notícias, programas orientados por um tema específico e *shows* de música. Todas oferecem programas matinais onde são discutidos assuntos de interesse político ou onde um médico presta os seus serviços de esclarecimento à comunidade. As três possuem programas dedicados aos jovens e abordam temas como a gravidez precoce, o consumo de drogas, a violência doméstica, entre outros. A comunidade de ouvintes pode participar nos programas seja via *SMS* ou telefonemas e podem fazê-lo sob anonimato (Gustafsson, 2012:259-260).

Um dos maiores problemas que estas emissoras enfrentam é a falta de recursos, principalmente financeiros, para poder investir na formação e no desenvolvimento dos seus jovens. Os jovens que trabalham nestas rádios comunitárias fazem-no enquanto voluntários e a impossibilidade de lhes pagar ou de tornar esse trabalho permanente faz com que, muitas vezes, os jovens tenham de abandonar as emissoras ou arranjar trabalhos em *part-time* para conseguirem fazer a sua vida (Gustafsson, 2012:261), realidade que se assemelha à dos projectos em análise neste estudo que dependem directamente de financiamento para existir pois, de outra maneira, nem as escolas nem os centros que acolhem os projectos teriam capacidade financeira para sustentar o projecto e todo o material que implica.

Falar de rádio enquanto meio de inclusão social é dizer que os jovens que habitam estes bairros de lata vêem-se, muitas vezes, divididos entre o que a sociedade pensa dos seus bairros e a verdadeira realidade. Nesse sentido, as rádios comunitárias

contribuem, em muito, para reforçar o sentimento de orgulho que pode ser abafado por certos estereótipos (Gustafsson, 2012:265-266).

III.2 O panorama português

Depois de apresentados alguns casos que relacionam a rádio e a educação sob diferentes pontos de vista, vamos analisar a relação entre a rádio e a educação em Portugal e que projectos e iniciativas são desenvolvidos nesta área.

Em Portugal, as rádios universitárias na *web* só surgem em finais dos anos 90. Ainda assim, a investigadora Paula Cordeiro (2005:9) afirma que “a contribuição e influência das rádios universitárias no desenvolvimento da formação de futuros profissionais, aliada à importância no contexto da comunicação radiofónica em geral são inegáveis e, num contexto em que a principal preocupação é a rentabilidade da estação, as rádios universitárias apresentam-se como elementos que oferecem alternativas de programação e formação”. O papel desempenhado pelas rádios universitárias assenta na promoção da língua e cultura portuguesas e contribui para o desenvolvimento de uma programação que atende a todos os interesses do público e que anseia criar uma comunicação independente e pluralista aliada ao esclarecimento, à formação e à participação cívica e política não só da comunidade académica como da população em geral (Cordeiro, 2005:9). Em 2005, segundo Paula Cordeiro, existiam quatro rádios universitárias com emissão em FM e poucos projectos de rádios universitárias na *web*: a contemplar no universo radiofónico português, na altura, a Rádio Universitária de Coimbra¹⁰, a Rádio da Universidade do Marão¹¹, a Rádio da Universidade do Algarve¹² e a Rádio Universitária do Minho¹³ como as rádios *web* universitárias portuguesas (Cordeiro, 2005:1-9).

Até 2010, um estudo observa que não é possível quantificar as *web*-rádios educativas existentes em Portugal, sendo apenas possível perceber que estes projectos são escassos e quase inexistentes principalmente no que toca ao nível do ensino básico e secundário. O estudo conclui que “há escolas que têm emissões próprias de rádio,

¹⁰ www.ruc.pt

¹¹ www.universidade.fm

¹² www.rua.pt

¹³ www.rum.pt

integrando a programação nas rádios tradicionais (rádios hertzianas) que têm emissão *online*” (Diegues¹⁴, 2010:41-42).

Tendo este panorama como pano de fundo do que constitui o campo da rádio em contexto educativo em Portugal, o projecto de que Susana Leal, realizado em 2010, faz uma ligação entre a rádio e as aulas de Língua Portuguesa. O quadro curricular actual para o ensino do Português nos níveis de ensino básico e secundário aponta para a experimentação de situações de comunicação diversificadas, ao nível da compreensão/interpretação e produção/expressão, orais e escritas, num processo de análise, experimentação e trabalho sistemático. Para este efeito, é objecto dos planos curriculares do Português um convívio em torno da linguagem e dos tipos de discurso dos *media*. No ensino básico, em diferentes ciclos, são ensaiados géneros jornalísticos, da notícia, reportagem e entrevista até ao debate e aos textos críticos e de opinião, que implicam um conhecimento e envolvimento mais vasto. No ensino secundário aperfeiçoam-se conhecimentos e as áreas de estudo dos *media* começam a ser mais específicas; os alunos começam a estudar a entrevista radiofónica e os documentários televisivos, procedem à análise de debates, textos publicitários e artigos científicos (Leal, 2010:1-4)

Assim, cumpre à aula de Português o aperfeiçoamento e reforço de competências, tanto ao nível da oralidade como da compreensão, que se tinham assumidas como responsabilidade exterior à escola, sendo que esta apenas actuava na aquisição de competências de leitura e de escrita (Leal, 2010:5). Sendo a aula de Português o espaço onde os alunos aprendem e desenvolvem as suas capacidades expressivas, compreensivas e interpretativas, a utilização de textos orais com determinados traços discursivos ou até a simulação de certas situações quotidianas fazem com que o aluno não só invista e desenvolva as capacidades acima mencionadas como adquira capacidade para ser confrontado com o papel de locutor numa situação que, embora ficcionada, pode acontecer na realidade (Leal, 2010:6-7). Aliada às novas metas curriculares do ensino do Português, a autora defende que “a criação e dinamização de rádios escolares auxilia a concretização da própria missão da escola. Suscita, desde logo, no aluno um certo sentido de responsabilidade e ética social, ao tomar consciência das próprias possibilidades de acção individual ou de grupo e ao veicular informações, emitir opiniões, interpelar figuras da comunidade escolar ou local,

¹⁴ Dissertação de mestrado em educação - área de especialização em tecnologia educativa.

em domínios tão diversos quanto os interesses da própria comunidade escolar: da ciência à política, da educação às artes, da comunicação à economia” (Leal, 2010:10).

As produções ao nível escolar, sejam associações entre jornais e rádio escolares, seja com a interferência de entidades locais ou nacionais e a sua utilização para fins de compreensão, interpretação e aprendizagem só “favorecem a consciência social e moral dos alunos, convidam-nos à reflexão sobre as questões que atravessam as sociedades contemporâneas, a um exercício de análise crítica da realidade, dos problemas da escola, da freguesia, da região, do país e do mundo, bem como à sua implicação na procura de soluções e no desenvolvimento de projectos”, conclui Leal (2010:10).

O trabalho de equipa é um dos pontos mais positivos na criação e desenvolvimento de rádios escolares. Obriga os alunos a tomarem de decisões sobre o tema dos programas, a música, os convidados, a recolha e pesquisa de informação, etc., e cria um espírito de equipa em que todos são intervenientes. A tomada de decisões incide sobre todas as actividades desenvolvidas na rádio, seja o trabalho de reportagem, de edição, de locução ou de produção textual, e daí surge o sentido de responsabilidade para com os colegas e para com a comunidade e o desenvolvimento de competências “de natureza organizacional, de gestão de tempo, meios e recursos, importantes para o desempenho académico e para a participação na vida social e profissional futura” (Leal, 2010:11).

A rádio escolar actua em diversos campos de aprendizagem e pode ser abordada de diferentes maneiras, como já foi dito, sendo numa vertente mais prática que está relacionada com a actividade radiofónica em si, com fazer rádio, e outra vertente mais teórica ou mais formal que pega nos diferentes elementos que constituem a rádio (música, texto, locução, etc.) e faz deles materiais de trabalho e de análise. A análise desses mesmos elementos, sobretudo dos textos radiofónicos, contribui bastante para o desenvolvimento da compreensão oral dos alunos, da mesma maneira que a produção de textos para a rádio, sobretudo em contexto real, resulta no desenvolvimento “da expressão oral dos alunos, na promoção de competências de leitura e escrita e aquisição e compreensão de conteúdos da área do Português ou de qualquer outra área curricular” (Leal, 2010:12).

Para além das vantagens apresentadas ao nível curricular, o exercício da cidadania proporcionado por este tipo de projectos representa, por si só, uma mais-valia. “A relação que é estabelecida entre os alunos, os colegas, os professores, a comunidade

escolar e educativa baseia-se num sentimento de respeito mútuo e desencadeia um novo olhar sobre a estrutura educacional” (Leal, 2010:12).

III.3 Projectos e iniciativas

Para terminar este levantamento sobre a ligação entre a rádio e a educação, apresentamos cinco iniciativas, que foram ou ainda estão a ser realizadas em Portugal, e que pretendem não só inserir a rádio na panorama educacional como também investir na área da educação para os *media*.

A iniciativa **Encontro de rádios e televisões escolares na net**, promovida pela Direcção-Geral da Educação, do Ministério da Educação e da Ciência, conta já com duas edições (1ª edição: 12 de Novembro de 2011; 2ª edição: 5/6 de Abril de 2013). O objectivo geral do evento é dar a conhecer projectos e iniciativas, dinamizados nas várias escolas portuguesas. O encontro organiza-se numa secção plenária e oficinas de carácter prático desenvolvidas pelos promotores dos projectos das Rádios e Televisões Escolares. Nas oficinas são desenvolvidas actividades que incluem a utilização de determinado material, *software* ou serviço *web* 2.0, a organização de trabalho com os alunos, a criação de grelhas de emissão, a colocação de gravações *online*, etc.¹⁵

A iniciativa **7 dias com os media**, que decorreu entre 3 e 9 de Maio de 2013, é uma operação de sensibilização para o papel e lugar que os *media* tradicionais e de nova geração ocupam no quotidiano de todos nós. Trata-se de um projecto de âmbito nacional que pretende suscitar iniciativas centradas nesta relação, em que as tecnologias e plataformas digitais possibilitam a expressão quase generalizada dos cidadãos no espaço público.

À semelhança de **Um dia com os media**, que decorreu em 3 de Maio de 2012, a abrangência deste novo desafio é extensa, pretendendo atingir um vasto e diversificado universo de instituições, desde bibliotecas a meios de comunicação social, passando por escolas de ensino básico e secundário, faculdades, grupos de alunos, centros de investigação e formação, *blogues*, redes sociais, associações várias, universidades de seniores, movimentos, igrejas, autarquias, entre outros.

¹⁵ <http://erte.dgidec.min-edu.pt>

A par deste projecto, o investigador Luís Bonixe realizou um programa de rádio em **Atalaião**, cujo objectivo “foi estimular a aproximação de crianças em idade pré-escolar com a rádio. Dar a conhecer a importância do som na nossa vida, e em particular no quotidiano das crianças. Promover a rádio enquanto meio de comunicação e contribuir para entender o seu modo de funcionamento. Estimular o processo criativo das crianças utilizando o som”. O programa contou com a participação de 26 crianças, entre os três e os seis anos de idade, no estúdio de rádio da Escola Superior de Educação de Portalegre.¹⁶

O **RadioActive101** procura desenvolver e implementar uma plataforma na internet para uma rádio pan-europeia, incorporando a ferramenta de web 2.0, ligada a metodologias pedagógicas inovadoras a desenvolver junto de comunidades juvenis em contexto de semi-exclusão e seus contextos, com o objectivo de abordar assuntos de inclusão e cidadania activa de uma forma original e estimulante. Em Portugal, o projecto está presente em Coimbra e no Porto, e conta com três centros do Projecto Escolhas¹⁷ em que desenvolvem as suas actividades – Metas e Catapulta no Porto e Trampolim em Coimbra¹⁸.

A Divisão de Juventude da Câmara Municipal de Cascais, na sua vertente de Comunicação e Informação, apoia o desenvolvimento do **Projecto Rádio e TV Escolas**. As escolas do município podem candidatar-se ao projecto conjuntamente com a implementação de um circuito interno de informação, em estreita ligação com a Geração C¹⁹. O projecto consiste em criar estúdios de rádio/televisão nas escolas, apoiar a criação de estruturas que permitam uma gestão autónoma dos equipamentos pelas escolas, a médio prazo, e estruturar o *site* de divulgação de conteúdos. Esta iniciativa pretende capacitar as escolas de uma rede local de informação e assegurar, através da Rede Lojas Geração C, a criação de pólos difusores de informação com uma participação activa por parte dos jovens do município. Os objectivos passam por difundir informação de âmbito escolar e Geração C, estimular a troca de informações entre as escolas e a rede de lojas Geração C, divulgar os projectos e actividades dos

¹⁶ <http://www.literaciamediatca.pt/7diascomosmedia/apresentacao>; <http://radioejournalismo.blogspot.pt/>

¹⁷ Programa governamental nacional que tem por objectivo a integração de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis promovendo a coesão social e a igualdade de oportunidades. In: <http://www.programaescolhas.pt/apresentacao>

¹⁸ <http://pt.radioactive101.eu/>

¹⁹ Divisão de Juventude da Câmara Municipal de Cascais.

jovens e promover uma formação ao nível da comunicação de forma a qualificar as equipas dos projectos.²⁰

A *web rádio* “**Educamedia**” é uma actividade no âmbito do programa Educamedia que pretende apoiar no planeamento, na transmissão, na produção de programas de rádio e na criação de *webrádios* escolares, indo ao encontro das políticas escolares²¹. Tem como objectivos produzir documentos para a criação de *webrádios* escolares, despertar o interesse dos alunos para os temas da actualidade, apoiar iniciativas previstas no âmbito das escolas, desenvolver a criatividade e a responsabilidade nos alunos e explorar as potencialidades pedagógicas do meio em questão.

Considerando importante a existência de um estudo sobre as potencialidades educativas da rádio dada a existência de inúmeras iniciativas que ainda não foram alvo de investigação, como vimos até agora, é expectável que este trabalho proporcione resultados no sentido de mostrar se a rádio é um meio em que vale a pena investir quando falamos da união entre a área da educação e a área da comunicação. Perguntas que orientam o estudo: Que competências são desenvolvidas ou adquiridas a partir do uso educacional da rádio? O que pensam os jovens acerca da importância destes projectos e, conseqüentemente, da educação para os *media*? Que factores se constituem como um entrave ou uma facilidade à execução dos projectos?

O presente capítulo permitiu-nos entender a realidade em que se insere a rádio, não só em Portugal, como também noutros países e contextos onde é utilizada com um propósito educativo e/ou de inclusão social. Os projectos portugueses realizados com a utilização da rádio fazem a ponte para o capítulo que se segue, constituído pela metodologia que vai orientar o nosso estudo.

²⁰ Escolas agregadas ao projecto: Escola Secundária de Cascais, Escola Secundária de São João do Estoril, Escola Frei Gonçalo Azevedo, Escola Secundária de Alvide, Escola Ibn Mucana e Escola Secundária Cidadela. http://www.geracaoc.com/conteudo.aspx?lang=pt&id_object=562&name=Radio-e-TV-nas-Escolas

²¹ Educatic - Portal de tecnologias educativas- Governo Regional da Madeira. educamedia.educatic.info

IV. Metodologia

A investigação pode ser motivada por vários factores e frequentemente está relacionada com os interesses e interrogações do próprio investigador. Nas palavras de Quivy e Campenhoudt (1995:31), “uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica”.

Começamos por apresentar orientações metodológicas que vão servir de inspiração para esta pesquisa. Os estudos decorrem no Brasil e contam com a realização de entrevistas e grupos de foco na tentativa de aferir que capacidades desenvolvem os jovens e que vantagens decorrem do uso educacional da rádio.

IV.1- Orientações metodológicas na pesquisa sobre rádio e educação

Principalmente no Brasil têm surgido inúmeros projectos e iniciativas ligadas à fusão entre educação e comunicação. A rádio na escola é uma realidade no panorama educacional brasileiro que defende que os meios de comunicação podem possibilitar ao aluno a partilha e a criação de conhecimentos com os restantes colegas. Como explica Zeneida Assumpção (2006:3-4), as rádios escolares, associadas às novas tecnologias de comunicação e informação, têm como objectivo promover a democratização da comunicação, a familiarização do aluno com a linguagem específica dos meios, a troca de informação e a desmistificação dos meios de comunicação que dá aos educandos a capacidade de produzir e interferir nos processos de produção da informação. Neste sentido, “a radioescola é cidadania, oralidade e escrita” (Assumpção, 2006:4). A investigadora Zeneida Assumpção baseia-se numa análise comparativa e pretende perceber “se a Radioescola contribui para o exercício efetivo da cidadania e desenvolvimento de habilidades” (Assumpção, 2006:1) ligadas à produção de textos escritos e orais. A investigação implicou uma pesquisa de campo qualitativa e quantitativa e contou com uma amostra constituída por professores e alunos de duas escolas públicas municipais de Curitiba, no Paraná. Foram usadas entrevistas semiestruturadas para aferir sobre a participação de ex-alunos como produtores e locutores da Radioescola e para verificar a sua experiência radiofónica nos contextos pedagógico e sociocultural. Foram também aplicados questionários aos docentes de uma das escolas do projecto com o intuito de investigar o interesse, a relevância e a utilidade

da Radioescola para a educação. Por fim, e para analisar as competências e capacidades desenvolvidas pelos alunos, foi-lhes solicitada a produção de textos escritos e orais para aferir sobre as habilidades desenvolvidas a par do trabalho feito no projecto da rádio.

Os resultados da investigação confirmam que a produção e locução de programas para a Radioescola podem contribuir para desenvolver competências ao nível da escrita e da oralidade. Em relação ao exercício da cidadania, o aluno, enquanto ouvinte e produtor, adquire aqui um papel que deve defender através do cumprimento dos seus direitos e deveres e mostrando respeito e responsabilidade pelos colegas e pela comunidade escolar em relação aos conteúdos programáticos que devem abranger tantos temas quantos públicos existam na escola (Assumpção, 2006:9).

Outro estudo semelhante, também desenvolvido no Brasil, trata de um projecto de educomunicação desenvolvido desde 2007 no Colégio de Aplicação João XXIII, em Minas Gerais. A rádio Antena 23 funciona sempre nos intervalos, seja de manhã ou à tarde, e é presidido por alunos tanto do ensino médio como do ensino fundamental (abrange todos os alunos desde o 1º ao 9º ano de escolaridade).

Numa primeira fase, este estudo consistia numa pesquisa participante, metodologia utilizada quando o investigador precisa de estar inserido no grupo de pesquisa, precisa de acompanhar as actividades, observar os processos e interagir com os participantes. Para existir um retorno desta primeira etapa metodológica, o grupo optou por realizar “rodas de conversa” (grupos de foco) nos últimos três programas com, aproximadamente 15 alunos, que se dispunham em forma de círculo e faziam um balanço das actividades, discutindo opiniões (Carias, L., Cilião, M., Maia, A., 2012:6).

Este projecto contou com uma pesquisa (observação) participante constante visto que os três jovens acompanhavam todas as etapas do projecto e auxiliavam nas actividades com os jovens, tornando-se também eles parte integrante do projecto (Carias *et al.*, 2012:11). O *feedback* obtido através dos grupos de foco permitiu perceber que este projecto ultrapassava as barreiras da escola, pois muitos dos alunos partilhavam as suas experiências radiofónicas com a família (Carias *et al.* 2012) o que levou a concluir que “a Rádio Antena 23, enquanto ferramenta de educomunicação, cumpre satisfatoriamente seu papel de promover a educação, a cidadania e a participação dos estudantes” (Carias *et al.*, 2012:11).

IV.2 Casos e metodologias na presente investigação

Ambos os casos expostos no ponto anterior utilizam bases metodológicas com as quais iremos trabalhar, no sentido de perceber, através de cada uma delas, qual a relação que se estabelece entre a rádio, as crianças e os jovens, em que parâmetros é desenvolvida essa relação e que benefícios podem surgir dela.

Para a realização desta investigação foram seleccionados dois contextos que proporcionam ao investigador uma visão mais abrangente da realidade que pretende explorar. A utilização da rádio é ponto comum sendo que um dos projectos está inserido em ambiente escolar, num contexto de educação formal, e o outro está inserido num contexto educacional mais informal e voltado para a inclusão social e a cidadania. As opções metodológicas passaram pela realização de entrevistas e grupos de foco com crianças e jovens de duas escolas pertencentes ao *Projecto Rádio e TV nas escolas*, de Cascais e entrevistas com jovens do projecto *RadioActive101*. Neste último projecto, também foi feita uma análise das emissões de dois dos centros Escolhas onde decorre o projecto- Metas e Catapulta. Foram realizadas ainda entrevistas com a professora coordenadora de uma das rádios escolares e com dois membros da Geração C no sentido de perceber os parâmetros que regulam o projecto do município de Cascais.

O trabalho metodológico está dividido em duas fases sendo que a primeira está ligada ao contacto com os projectos referidos e a segunda fase corresponde à análise dos elementos recolhidos com a ajuda do programa de análise de conteúdo MAXqda.

IV.2.1 Projecto Rádio e TV Escolas

Como vimos, a Câmara Municipal de Cascais apoia o desenvolvimento do *Projecto Rádio e Tv Escolas*. O projecto, em estreita ligação com a Geração C, é de livre acesso a todas as escolas do município e consiste em criar estúdios de rádio e televisão. A iniciativa tem como objectivos difundir informação de âmbito escolar e da Geração C, estimular a troca de informações, divulgar projectos e actividades e promover formação ao nível da comunicação.

A Escola Secundária Ibn Mucana foi uma das escolas seleccionadas para o nosso estudo. Na TRIM – Televisão e Rádio Ibn Mucana – participam alunos do ensino básico e do secundário. O nosso estudo com este projecto constou de uma entrevista à professora responsável pela rádio da escola e por grupos de foco com os alunos que

participam na rádio com o objectivo de partilhar ideias e discutir opiniões dentro da temática rádio, internet e educação. Tentou-se construir uma amostra que, embora não representativa, fosse espelho dos níveis de ensino abrangidos pela rádio da escola.

A pertinência tanto da entrevista como dos grupos de foco é justificada por Quivy e Campenhoudt (1995:71) que enumeram três categorias de indivíduos ou grupos com quem pode ser relevante falar. Uma das categorias aponta os docentes e investigadores especializados como base de entrevistas de relevância sempre que directamente ligados ao tema da investigação. É neste ponto em que a entrevista com a professora Rosário Valente, responsável pela TRIM, se torna crucial pois, para além de ser professora, é quem coordena as actividades realizadas no âmbito da rádio da escola. Este tipo de interlocutores é uma mais-valia, no sentido em que podem “ajudar-nos a melhorar o nosso conhecimento do terreno, expondo-nos não só os resultados dos seus trabalhos, mas também os procedimentos que utilizaram” (Quivy & Campenhoudt, 1995:71). A entrevista foi marcada com antecedência, realizada nos estúdios da TRIM e áudio-gravada. Posteriormente foi transcrita para análise de conteúdo.

A entrevista com a professora foi uma entrevista semidirectiva²², que pressupõe a existência de um guião mas que não está rigidamente ligada a ele, ou seja, neste tipo de entrevistas o investigador possui uma série de perguntas correspondentes a temáticas que tem de explorar com o entrevistado sem seguir uma ordem específica ou limitar as intervenções do entrevistado. Pelo contrário, “o investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objectivos cada vez que o entrevistado deles se afastar e por colocar as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível” (Quivy & Campenhoudt, 1995:192-193).

Numa segunda fase, e tal como no projecto rádio escola Antena 23, ainda que com uma perspectiva diferente, a utilização dos grupos de foco torna-se importante pois é o espaço onde as crianças e jovens participantes no projecto podem dar as suas opiniões acerca do decurso das actividades, apontar pontos fortes e fracos e discutir novas etapas e objectivos. Para o investigador, os grupos de foco representam a sua prova mais valiosa em relação ao projecto em estudo pois expõem a opinião dos participantes e maiores interessados: os alunos. Morgan (1996:130) define a

²² Ver guião de entrevistas e grupos de foco em anexos: apêndice 1

metodologia de grupos de foco como uma técnica de recolha de dados que é realizada através da interacção de um grupo e sobre um tema determinado pelo investigador. Desta maneira, a pertinência dos grupos de foco para o nosso estudo surge da necessidade de recolher opiniões e ideias sobre o projecto em análise para, mais tarde, ser possível fazer um cruzamento de informações. Os grupos de foco realizados abrangem crianças e jovens entre os 12 e os 18 anos e decorreram nos estúdios da TRIM. Foram áudio-gravados e filmados e posteriormente transcritos para análise.

Ainda dentro do *Projecto Rádio e TV Escolas*, e no decorrer das visitas à Escola Secundária Ibn Mucana, surgiu o contacto com a Geração C e com outra das escolas do projecto – Escola Frei Gonçalo de Azevedo. Como resultado desta interacção deu-se a oportunidade de entrevistar o jovem João Pinto que desempenha um papel crucial na RTA – Rádio e Televisão Activa, e João e Sílvia, membros da Geração C, que apoiam e acompanham o *Projecto Rádio e TV Escolas*. Estas entrevistas seguem os mesmos parâmetros da realizada à professora Rosário Valente, e decorreram nos seus locais de estudo e/ou trabalho.

Nesta fase da investigação, surgiram dois incidentes que importa mencionar: a professora, não entendendo bem os objectivos do estudo, começou a fazer ela própria as perguntas aos alunos sobre os temas seleccionados; outro incidente foi o impedimento em realizar grupos de foco na Escola Frei Gonçalo de Azevedo por a equipa da rádio ter sido desmantelada devido ao desaparecimento de uma mesa de mistura.

IV.2.2 Projecto RadioActive 101

Como vimos, o Projecto *RadioActive*, o segundo estudo de caso, é uma iniciativa desenvolvida a nível europeu. Este projecto, com a rádio *online RadioActive 101*, não só trabalha com comunidades com algum grau de exclusão, como também está ligado à educação para os *media*.

Em Portugal, o projecto está a ser desenvolvido em três centros do Programa Escolhas: dois deles são na cidade do Porto, o Metas (com experiências anteriores de rádio escolar) e o Catapulta (recente e sem qualquer experiência com a rádio); o terceiro é o Trampolim, onde alguns participantes têm experiência de projectos na *web*, em Coimbra (Brites, M., Jorge, A., Santos, S., Navio, C., em edição).

O estudo sobre o projecto *RadioActive 101* divide-se em duas partes. A primeira incide na análise dos programas realizados nos dois centros do Porto e a segunda prende-se com a observação não participante de uma formação de dicção nos mesmos dois centros, de uma emissão em directo no centro Metas e de duas entrevistas realizadas com Renato, José e Jonas, três jovens que trabalham para o centro e para a comunidade e que desempenham papéis de relevo na implementação do projecto *RadioActive 101* no centro Metas.

A análise dos programas realizados tem como objectivo observar a estrutura do próprio programa e os elementos que o compõem seguindo a categorização desenvolvida por Balsebre (2005 cit. por Portela, 2006:26), apresentada no capítulo I a par da descrição da estrutura da rádio e dos elementos que constituem uma emissão. Este autor afirma que a linguagem radiofónica é “o conjunto construído pelos códigos simbólicos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio”. Assim, foram constituídas grelhas em que foram dispostos os vários conteúdos seguindo a categorização acima referida. A análise destes programas, realizados anteriormente às deslocações, torna-se pertinente na medida em que permitiu perceber como eram estruturadas as emissões, quais os seus conteúdos programáticos, aferir sobre a escolha de músicas, sobre a dicção e a capacidade comunicativa das crianças e jovens participantes, entre outros. Todos estes factores possibilitaram um conhecimento da realidade que foi observada depois. Desta maneira, o trabalho de campo não é um contexto completamente desconhecido aos olhos do investigador.

Numa segunda fase, e depois de feita a análise dos programas, surgiu a possibilidade de entrevistar elementos de um dos centros (Metas), de observar as reacções a uma emissão em directo e ainda a formação de dicção, também no âmbito do trabalho com a rádio. A observação não participante aliada à elaboração de um diário de campo permite ao investigador testemunhar e documentar comportamentos, relações e atitudes que possam, de alguma forma, alterar ou complementar a investigação em questão e o contexto em que decorre. Como referem os autores Quivy e Campenhoudt (1995:83), “é importante não deixar de observar e anotar os fenómenos, acontecimentos e informações aparentemente anódinos, mas que, relacionados com outros, podem revelar-se de maior importância”. Entenda-se por observação não participante a observação em que o investigador “observa «do exterior» os comportamentos dos actores em questão” (Quivy & Campenhoudt, 1995:84).

As duas entrevistas realizadas no centro Metas aconteceram sem estarem previstas. Ainda que sem um guião pré-estabelecido, basearam-se num contacto directo entre três entrevistados e a investigadora de onde surgiu uma conversa sobre os temas da investigação e foram abordadas questões que já tinham sido discutidas nas entrevistas do outro projecto. Segundo Luísa Aires (2011:28-29), as entrevistas não estruturadas não pressupõem perguntas definidas *a priori* e são quase como uma conversa que flui entre os participantes: entrevistador e entrevistados e tornam-se úteis pois “o seu objectivo básico consiste na recolha e aprofundamento de informação sobre acontecimentos, dinâmicas, concepções detectadas, ou não, durante a observação. É importante referir ainda que a primeira entrevista realizada no âmbito do projecto *RadioActive 101* foi uma entrevista de grupo que contou com a participação de dois jovens do projecto.

IV.3 – Entrevistas e análise

O Quadro I caracteriza os participantes entrevistados, em entrevistas individuais, colectivas e grupos de foco.

Quadro I: Participantes nos Projectos entrevistados

	Projecto Rádio e TV nas Escolas	Projecto RadioActive 101
Entrevistas		
<u>Escola Secundária Ibn Mucana</u>	Rosário Valente- professora e coordenadora da TRIM	Renato e José (entrevista colectiva) - Centro Metas Jonas - Centro Metas
<u>Escola Secundária Frei Gonçalo de Azevedo</u>	João Pinto- aluno e coordenador da RTA	
<u>Geração C, Câmara Municipal de Cascais</u>	João e Sílvia- apoiam o desenvolvimento do projecto	
Grupos de foco <u>Escola Secundária Ibn Mucana</u>	GF1: Joana (17 anos), Rodrigo (15 anos), Raquel (15 anos). GF2: Maria (15 anos), Mafalda (18 anos), Inês (18 anos), Bruno (17 anos). GF3: Joana (12 anos), Duarte (12 anos), Tiago (12 anos), Inês (12 anos), Miguel (12 anos), Margarida (12 anos), Matilde (12 anos).	

Para a análise qualitativa dos documentos verbais recolhidos, foi utilizado o programa de análise de conteúdo MAXqda. A análise de conteúdo pode ser classificada, segundo Bardin (2006 cit. por Mozzato, A., Grzybovski, D., 2011:734), como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens. (...) A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Posto isto, o mesmo autor define então as três fases em que se desenrola a análise de conteúdo sendo que a primeira é a pré-análise, a segunda a exploração do material e a terceira o tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 2006 cit. por Mozzato, A., Grzybovski, D., 2011:735).

A fase da pré-análise corresponde à organização do material para que este se torne operacional o suficiente sintetizando as ideias principais. Esta organização decorre em quatro etapas: leitura flutuante em que se toma contacto com os materiais provenientes da recolha de dados; escolha dos documentos que pressupõe uma selecção do que vai ser constituído como material de análise; formulação de hipóteses de estudo; elaboração dos indicadores com base na análise dos materiais recolhidos (Bardin 2006 cit. por Mozzato, A., Grzybovski, D., 2011:735).

A fase de exploração do material pressupõe a elaboração de categorias de análise (codificação), a identificação das diversas unidades de registo que constituem essas mesmas categorias e o contexto que a codificação ocupa nos materiais recolhidos (Bardin 2006 cit. por Mozzato, A., Grzybovski, D., 2011:735). A interpretação do material, neste ponto, torna-se crucial para construir uma árvore de categorias²³ que seja espelho de todas as hipóteses exploratórias da investigação.

A terceira e última fase corresponde à etapa em que são “descodificados” os resultados da codificação até este ponto elaborada, ou seja, esta fase “é destinada ao tratamento dos resultados; ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin 2006 cit. por Mozzato, A., Grzybovski, D., 2011:735).

²³ Consultar anexos: apêndice 5

As dimensões da codificação e da categorização constituem um ponto crucial no desenvolvimento de toda a análise de conteúdo pois é através delas que se vai desenvolver todo o trabalho e parte da sua definição os resultados obtidos no final da análise.

O nosso estudo passou por estes passos analíticos. Depois de enumeradas as opções metodológicas que nortearam a realização do estudo, apresentamos nos capítulos seguintes, a análise dos resultados.

Capítulo V – Análise de resultados

V.1 Competências técnicas e sociais

“O Rádio já é uma escola. Ele tem o dom de transformar a vida em sonoridade, penetrando não apenas no pensamento do ouvinte, mas naquilo que ele tem de sensibilidade. Decodificando as mensagens radiofônicas o ouvinte elabora idéias, cria imagens, produz fantasias, enriquece o espírito, modifica ou consolida comportamentos” (Assumpção, 1999:15 cit. por Gomes, 2008:10).

O presente capítulo tem como objectivo, através da análise das entrevistas e grupos de foco realizados, demonstrar que é possível as crianças e jovens adquirirem competências técnicas e sociais através do uso e produção de rádio, seja em contexto escolar ou extra-escola. Para além das competências, cabe ainda a este capítulo perceber de que maneira a educação para os *media* se encontra inserida nos dois projectos em estudo e averiguar qual a relação entre educação formal e não formal tendo em conta as realidades observadas.

Como é espelho dos projectos em estudo, podemos afirmar que “a gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais, quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de acções não formais de educação, como nas emissoras de rádio e de televisão educativas” (Soares, 1999: s/p).

Tanto os resultados das entrevistas analisadas como as grelhas de análise dos programas *RadioActive 101*, desenvolvidos nos centros Metas e Catapulta, proporcionaram uma visão prévia das competências que os jovens podem adquirir ou desenvolver através da utilização da rádio. Foram analisados três programas destes centros, permitindo verificar que a evolução dos jovens tem sido crescente ao longo do projecto e que a estrutura dos programas que realizam se assemelha bastante a uma programação de rádio profissional. Mostram diversidade de temas, de programas, de música e exibem capacidades de edição e de montagem dos programas que incluem separadores sonoros que marcam a entrada ou saída de um novo elemento da programação, bem como os jingles ‘*RadioActive 101*’ que iniciam e terminam os programas. Através desta análise, foi possível perceber que os avanços ao nível da

dicção, as capacidades comunicativas e a expressão oral foram melhorando ao longo das emissões²⁴.

V.1.1 – Competências técnicas

Nos projectos estudados, constavam aparelhos técnicos como computadores, mesas de mistura, sistemas de som e microfones. Vamos reflectir sobre como estes aparelhos podem ser usados para potenciar a experiência da rádio e a aprendizagem das crianças e jovens inseridos nos projectos em questão.

Como já foi referido, este estudo tem como objectivos averiguar de que modo são utilizados os *media* digitais nestes projectos e identificar as vantagens educacionais que a participação nestas iniciativas produz nos mais novos, entre outros.

“Quando se fala de rádio no meio escolar, somos surpreendidos pelo leque de potenciais derivações. Citemos, de memória, alguns exemplos de práticas integradas: trabalho de expressão (respiração, elocução, dicção, tom, leitura); técnica de conversão; exploração de documentos; improvisação; crítica e avaliação”, realça Gonnet (2007:116).

Durante a pesquisa de documentos que explorassem que competências (técnicas) devem ou podem ser desenvolvidas no âmbito da rádio como ferramenta educacional, deparámo-nos com o Referencial de Educação para os *Media* para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário que delineia metas mais direccionadas para a televisão, que podem ser também utilizadas em rádio, como por exemplo, procurar informação sobre as distintas profissões implicadas no mundo da televisão (e da rádio); diferenciar as distintas funções da televisão (e da rádio); conhecer o modo de produção de um programa de televisão (e de rádio); comparar e tirar conclusões sobre a programação televisiva de distintos canais (aplicável também à rádio); identificar e caracterizar os diferentes géneros televisivos (e radiofónicos); compreender o funcionamento da televisão (e da rádio)²⁵.

²⁴ Ver grelhas de análise dos programas em anexos: apêndice 4.

²⁵ In: Referencial para a Educação para os *Media*, 2014, p.22

“A rádio pode trazer vantagens para a integração educativa no sentido em que incentiva as capacidades comunicativas, a pesquisa e produção de material, a utilização de tecnologias de informação e comunicação, a troca de conhecimentos entre professores, alunos e comunidade, entre outros”, destacam Junior e Coutinho (2008:104-105). O que se pretende é, através dos testemunhos recolhidos, demonstrar que capacidades estes jovens já adquiriram ou desenvolveram através do seu contacto com a rádio.

Todos os entrevistados e os membros dos grupos de foco fizeram referência, de uma maneira ou de outra, a competências técnicas adquiridas através da participação nos projectos em análise.

No *RadioActive 101*, Jonas salienta a oportunidade dada pelo projecto aos jovens para terem contacto com materiais a que de outro modo, poderiam não ter acesso: “Eles aprendem também a mexer em coisas que, se calhar, não tinham oportunidade de mexer em outra ocasião. Por exemplo, nós através deste projecto conseguimos receber material que se calhar não tínhamos (...) e estamos a ter formações”. Por sua vez, Renato explica como os jovens desenvolvem capacidades através da participação nestes projectos: “Os jovens, primeiro, com este tipo de iniciativa e actividades como é a rádio adquirem ferramentas mais técnicas, mais de conhecimento de programas, de edição, de montagem e tudo mais”. Acrescenta que se empenham para fazer algo que cativa as pessoas e que seja interessante: “Acho que esta brincadeira, estes ‘joguinhos’ de cortar e colar, fica interessante na rádio assim com os miúdos. Dá trabalho, dá, mas fica no ouvido e as pessoas têm gostado, felizmente as pessoas têm gostado”.

José é quem mais contacto tem com a parte técnica da rádio: “Na rádio o meu papel é edição técnica, ou seja, tudo o que é gravado, tudo o que é posto no programa passa pelas minhas mãos para ser editado e para ser nivelado e essas coisas todas técnicas”. Quando confrontado com a pergunta de como adquiriu todo esse conhecimento técnico, José explica que já passara por uma outra experiência de rádio, na escola, onde adquiriu grande parte do conhecimento que tem hoje: “Eu já tinha alguma experiência na área do vídeo e na escola, na Leonardo Coimbra (...) havia um projecto que se chamava ‘A Rádio Semáforo’ que era na própria escola (...). Nós nas aulas íamos para lá trabalhar com os programas e assim e eu fui apanhando um bocado de cada coisa, quer seja trabalhar nos programas de áudio, noutras coisas, mas claro que muita da aprendizagem vai-se fazendo automaticamente e, por vezes, vai-se vendo

algumas coisas na internet, por exemplo, se eu não souber mexer nalguma coisa talvez o Renato saiba, ou alguém sabia e possa dizer, e então vai-se trabalhando assim”. Aqui, José salienta um ponto comum que será desenvolvido à frente: a partilha de conhecimentos e a troca de saberes e informação entre colegas/alunos, entre estes e os professores e/ou comunidade escolar.

Para além das competências técnicas, todo o trabalho de reportagem, edição, locução, etc., requer também “uma divisão equilibrada do trabalho e o cumprimento das tarefas e atribuições individuais, contribuindo para o desenvolvimento de competências de natureza organizacional, de gestão de tempo, meios e recursos, importantes para o desempenho académico e para a participação na vida social e profissional futura” (Leal, 2010:11). Bruno, da Escola Secundária Ibn Mucana, explica que, na rádio: “desenvolvemos competências e capacidades que não têm nada a ver com aquilo que estamos a dar nas aulas. Às vezes é resolver problemas na edição ou fazer uma entrevista, andar a correr de um lado para o outro e tentar resolver os problemas, se combinámos com uma pessoa ou com outra uma reportagem, esse tipo de situações que provavelmente vão acontecer no mundo do trabalho, nós vemo-nos, na nossa escola, numa situação em que nas aulas nunca tínhamos possibilidade de o fazer. Eu acho que é nesse sentido a grande vantagem”.

Para além de tomarem contacto com novos materiais de trabalho, os alunos ainda se preparam para situações a que podem vir a estar expostos, como explica Maria, da mesma escola. “O que me motivou a vir para cá também foi o facto de eu ver o trabalho deles em anos anteriores e ter vontade de aprender. Eu pessoalmente não tenho, não percebo muito de computadores e editar filmes e assim e entrei cá mesmo por esse motivo, para tentar aprender porque eu sei que isto vai servir para o resto da minha vida”.

Uma vez que a TRIM – Televisão e Rádio Escola Secundária Ibn Mucana, também faz trabalhos para a televisão da escola, os alunos não aprendem somente a trabalhar com programas de edição de som mas também com programas de edição de imagem pois fazem, frequentemente, vídeos para o canal que possuem no *Youtube*. Mesmo que a rádio não seja uma actividade curricular, os alunos recorrem à TRIM para a execução de certos trabalhos com uma vertente mais técnica. Raquel observa: “Se não tivesse a técnica, se não soubesse mexer nas coisas que estão cá, não sabia fazer o vídeo”.

A TRIM abarca alunos do segundo ciclo ao ensino secundário (sendo que apenas fazem parte deste estudo alunos de 3º ciclo e ensino secundário). Os mais velhos fazem sempre um esforço para que os mais novos se integrem e comecem a aprender, desde cedo, como funcionar com o equipamento e com os programas de edição. Joana explica como se processa a dinâmica de aprendizagem: “nós vamos sempre dividindo, uns que estão cá há mais tempo com os mais novos para eles irem aprendendo, tipo estagiário que vai aprendendo enquanto nós vamos fazendo e depois damos uma oportunidade para eles irem experimentando também”. Os alunos, nesta rádio escolar, lidam com equipamentos como câmaras, microfones, programas de edição de imagem e som, mesas de mistura, computadores, entre outros.

Na Escola Frei Gonçalo de Azevedo a dinâmica da rádio é diferente visto que o seu coordenador é João Pinto, aluno da escola: “O porquê de este ano ter aceitado o convite de ser coordenador da rádio? Foi também com essa base de se eu não estou quem é que vai ficar? Os restantes colegas saíram todos ou quase todos... portanto, há só dois ou três que se mantiveram que já estavam o ano passado, houve aquela necessidade de ‘mas espera lá aquele trabalho todo que eu fiz durante o ano passado, este ano é tudo novo, vai tudo por água abaixo outra vez? Assim não pode ser, por isso vou aceitar o convite que me foi feito, vou ficar mais um ano’”.

Sendo coordenador, João tem todo um trabalho de formação com a sua equipa: “Marcamos horas portanto, no dia, vamos pensar na segunda-feira vou ter lá alguém que não está habituado, portanto o que é que eu faço? Venho à segunda-feira, estou com ele aqueles três intervalos mesmo tendo aulas estou cá o dia inteiro, durante os três intervalos, está sempre acompanhado, portanto o que é que eu acabo por fazer? Acabo por lhe fazer uma primeira introdução para ele perceber o que é que deve dizer, os pontos básicos, acabámos de ouvir uma música, indicar o nome da música que acabámos de ouvir, identificar sempre as pessoas que estão neste momento na rádio, portanto ‘hoje, segunda-feira, estamos com João Pinto e Tiago Guerreiro, estivemos a ouvir isto e aquilo e vamos ficar agora com a música’, portanto naquele espaço em que acaba uma e começa outra há sempre todo este trabalho que, nestes dias que eles estão a aprender, eu faço todo esse trabalho de lhe explicar e de lhe dizer o que é que ele vai introduzir”.

Para além deste trabalho de formação dos colegas, João também organiza as grelhas de programação da rádio e fichas técnicas, género de actas, onde fica escrito

quem esteve na rádio e que trabalho desenvolveu. Quando lhe é perguntado onde vai buscar as bases para a construção das grelhas de programação e das fichas técnicas que utiliza na RTA (Rádio e Televisão Activa), explica: “vou sempre ao encontro de programações de uma rádio que já está bem estruturada, que se tem as informações ao acesso de todos acho que nós podemos agarrar, não usar o que eles têm lá, mas agarrar e compor de acordo com a nossa necessidade”.

As mesas de mistura e os programas de edição são aquilo de que João fala com mais entusiasmo, explicando como funcionam as ligações da mesa, os diferentes microfones e a passagem dos diversos elementos para os computadores. Foi possível reparar que a mesa de mistura tem botões “trancados” com fita-cola, técnica que João arranjou para facilitar aos colegas o manuseamento da mesa e das suas diversas funcionalidades delimitando assim as posições dos diferentes botões.

Também a RTA se mostra disponível a auxiliar os alunos da escola nos trabalhos em que necessitem de qualquer tipo de intervenção da rádio. Como ilustra João: “Inclusive o ano passado, também para um trabalho de uns alunos do 8º ano fizemos a gravação, portanto eles resolveram que queriam uma música para apresentar, nós fizemos toda a gravação, fizemos toda a edição e montagem das vozes em concordância com a música e apresentamos”. Mais: “até os próprios professores já vieram pedir músicas e já vieram pedir para dar os parabéns a colegas”.

Também Rosário Valente, a professora coordenadora da TRIM, explica a importância da entreajuda entre os alunos: “há muitos que não estão na TRIM, no clube, mas alunos que sabem que podem contar com a TRIM para determinadas disciplinas, para fazer trabalhos e isso pedem para fazer. Como ajuda, como ajuda, o que também é bom, ajudam os outros a criar também as competências que eles aqui criam, ajudam os outros que não estando no clube ficam com alguma ‘coisinha’ não é? Segurar a câmara, fazer o guião, todo esse tipo de coisas que alguns não sabem e que estes transmitem isso”.

Falando das vantagens dos jovens que participam neste tipo de projectos, Rosário sublinha que, hoje em dia, se torna cada vez mais importante que os jovens invistam na sua formação como condição para se destacarem: “qualquer situação para marcar a diferença... Os jovens, hoje em dia, têm de marcar a diferença, isso é importante e são alunos que estando neste clube têm mais acesso, por exemplo, a *workshops*, portanto já têm algum estímulo, e podem fazer *workshops* de voz

promovidos pela Câmara, os *workshops* técnicos, tudo e mais alguma coisa de comunicação, a escrita criativa”.

Na Escola Secundária Ibn Mucana, crianças mais novas que participaram no grupo de foco quando confrontadas com o que as motivou a quererem fazer parte da TRIM explicaram que foi sobretudo para aprender coisas novas e para pôr música nos intervalos: “Porque é fixe, gostamos de nos exprimirmos e de aprender novas coisas. Temos oportunidade de ter coisas que os nossos pais não tiveram. Temos aprendido algumas coisas, temos oportunidade de fazer entrevistas e de pôr músicas no intervalo; era para pôr a música, conhecer novas pessoas, para depois entrar nos projectos que eles fazem”. Ainda sobre a experiência que têm na rádio dizem que já aprenderam a trabalhar com programas de edição e que já aprenderam a exprimir-se: “Aprendemos a conviver; a entrevistar; a falar diante da câmara; aprendemos a não ter medo de nos exprimirmos”.

A entrevista à Geração C, entidade que apoia o desenvolvimento do *Projecto Rádio e TV Escolas*, deu-nos uma visão exterior. Abordando questões semelhantes às que foram feitas aos restantes entrevistados, João Santos evidencia a necessidade de renovar os grupos neste tipo de projectos: “uma das coisas que temos tentado fazer é garantir que haja sempre miúdos mais novos, escolas que só têm décimo ano, ter sempre um miúdo de décimo ano que possa fazer o décimo, o décimo primeiro e o décimo segundo, porque no décimo segundo já está a ensinar outras pessoas. (...) os miúdos mais novos querem aprender para poder continuar, é essa a ideia”. Sílvia faz notar que muita da aprendizagem gerada no seio destes projectos tem um cariz autodidacta: “Temos o apoio técnico do professor Pedro mas, ainda assim, ele não está lá todos os dias e não pode estar lá todos os dias e se calhar passa as coisas a um e a outro que na verdade mexe”. João ainda sublinha que o objectivo do projecto também passa pela troca de conhecimentos e de saberes. Por essa razão, estavam a pensar convidar alguns jovens para irem dar formação às escolas que ainda estão com o projecto em fase embrionária: “Isso é outro tipo de competências que a rádio está a dar e, independentemente de nós estarmos só a tentar fazer isso nestas oficinas, queríamos que se estendesse e, este ano, temos falado muito na possibilidade de alguns alunos irem a outras escolas ajudar, o caso do João, o caso do Bruno também, e portanto são miúdos que sempre se disponibilizaram a fazê-lo e que também esta relação que existe entre escolas e entre alunos também acho que é um benefício”.

Perante estes excertos de testemunhos, é possível concluir que existem capacidades que estes jovens desenvolvem, a par da participação nestes projectos que lhes proporcionam material e experiências às quais não teriam acesso de outra maneira.

Confrontando esta informação com as metas traçadas no Referencial de Educação para os *Media* para o 3º ciclo e ensino secundário no âmbito do acesso e práticas de uso dos tipos de *media*, é importante referir que existem objectivos que não necessitam de estar apenas associados à televisão podendo, também, estender-se à rádio. Em relação às propostas elaboradas para o 3º ciclo, e através do que foi testemunhado nas entrevistas e grupos de foco realizados, as crianças e jovens têm capacidade para abordar a rádio desde a sua estrutura à sua programação, passando pela caracterização dos diferentes tipos de rádio aos diferentes estilos de música. Para além destes conhecimentos mais formais, as crianças e jovens têm habilidades suficientes para serem introduzidos aos programas de edição de som e para começaram a experimentar a utilização da linguagem radiofónica, seja para fazer pequenas entrevistas, seja para se familiarizarem com os microfones, mesas de misturas e todos os aparelhos que constituem um estúdio de rádio. Em relação ao ensino secundário, e apesar de a rádio só aparecer no documento em análise nesta fase, entende-se que os jovens já reúnem condições suficientes não só para “experimentar através da linguagem radiofónica as possibilidades de comunicação da língua oral” (Pereira *et al.*, 2014:22), mas também para realizarem programas de rádio com alguma estrutura, com grelhas de programação, blocos informativos, peças de reportagem ou entrevista e músicas adequadas ao tema do programa ou organizadas em temáticas.

Contudo, para chegarem ao ensino secundário com estas capacidades, tem de existir um trabalho anterior de formação e de contacto com a realidade radiofónica assim como está previsto para a televisão, no Referencial: saber diferenciar os tipos de televisão e as suas funcionalidades, identificar e caracterizar os diferentes géneros televisivos, entre outros, são propostas que podem também ser estendidas à rádio.

Tendo em conta estes pontos, fica a nossa proposta de que no 3º ciclo as crianças e jovens sejam capazes de redigir textos radiofónicos familiarizando-se com as técnicas de escrever para a rádio, aprendam a fazer peças de informação, como um noticiário, mas também o guião para uma entrevista ou reportagem e explorem temas da actualidade que sejam do interesse dos jovens mas também dos professores e da comunidade. Para o ensino secundário propõe-se que os jovens sejam capazes de aplicar

os conhecimentos adquiridos anteriormente e que a partir deles saibam estruturar um programa de rádio, conhecer os diferentes elementos que o constituem, desenvolver capacidades comunicativas e de dicção e ter capacidade para realizar uma emissão em directo.

V.1.2 Competências sociais

“A construção da cidadania começa pelo respeito pela diversidade de opiniões, saber ouvir e saber decidir colectivamente é, portanto, condição de participação. Nas rádios escolares, a pauta é construída no colectivo e, no exercício da sua construção, a ação dialógica torna-se elemento fundamental” (Freire, 1995:81 cit. por Diegues, 2010:40).

Um projecto de rádio, desenvolvido ao nível escolar ou em contexto extra escolar, conduz os jovens a uma reflexão activa sobre o papel que desempenham perante a comunidade “evidencia-se, entre outros aspectos, a participação como mecanismo de transformação de crianças em cidadãos críticos e reflexivos” (Diegues, 2010:40). Para além disso, também as relações que se constroem “entre a escola e a comunidade, entre o aluno e os pares, professores, responsáveis da comunidade e anónimos, convida ao respeito pelo outro, à consciência cívica e à participação democrática e responsável” (Leal, 2010:12).

Nesta secção sobre competências sociais, pretende-se mostrar o que as crianças e jovens participantes dos projectos em estudo e restantes entidades têm a dizer sobre as competências adquiridas, que vão para além do nível técnico e que se focam no desenvolvimento de capacidades individuais ou de grupo proporcionadas pelas experiências vividas.

Renato, do projecto *RadioActive 101*, fala-nos sobre o pensamento que norteia o trabalho no centro: “eu sozinho não faço a rádio mas todos fazemos a rádio”. Partindo deste pensamento, nota, tem que existir toda uma organização que permita que as coisas sejam feitas com método e com a participação de todos: “adquirem um bocadinho de trabalho em equipa (...) então eles têm de trabalhar em grupo, têm de pensar em temas, temas esses que têm de ser abordados nos programas, pensar nos conteúdos, falar com pessoas para gravar, arranjar sítios para gravar, ter a noção do material que é preciso para fazer a gravação, acho que isso tudo são mais-valias para estes miúdos que, normalmente, não têm acesso a este tipo de material e a este tipo de trabalho”.

José também refere a importância da ocupação dos tempos livres com actividades que sejam criativas e que estimulem os jovens: “acho que a coisa mais importante é que eles realmente estão a fazer alguma coisa, não estão parados a fazer asneiras ou a procurar confusão com alguém, estão interessados a fazer algo que realmente lhes dá prazer porque, apesar de aprenderem coisas novas, eles gostam daquilo que estão a fazer e muitas vezes vêm, se calhar, uma profissão no futuro a fazer algo daquilo e então ajuda um bocado por esse lado, é uma nova porta que se abre para eles”.

A coisa mais importante, na visão de José, em relação aos programas que realizam, é a seriedade e o carinho que põem em cada emissão: “Acho que a coisa mais importante, para além de a gente fazer estes programas, nós somos fieis ouvintes, ou seja, a gente no dia-a-dia, a gente ouve rádio, ouve música, e então tem uma ideia de como se faz as coisas mesmo que a gente não tenha nenhuma experiência, a gente no subconsciente vai adquirindo um bocado dessas ferramentas e então a gente vai ouvindo programas de rádio e emissões ao longo do dia no carro ou assim e então o que a gente procurou foi fazer algo que fosse agradável de toda a gente ouvir mas, acima de tudo, que nos desse prazer a nós fazer e poder dizer assim ‘Não, isto é o nosso trabalho e por acaso está bem feito’. Não quero ser egocêntrico acerca do nosso trabalho aqui mas a questão é a gente poder dizer assim ‘A gente gosta disto mas, acima de tudo, as outras pessoas também gostam’ e acho que o prazer de fazer alguma coisa é no fim poder receber os elogios e ouvir os *feedbacks* das pessoas”.

A preocupação em agradar, em fazer emissões que abordem temas de interesse para os jovens mas também para a comunidade e o carinho e dedicação com que discutem os temas das emissões e planeiam os programas são factores que, não sendo os únicos, norteiam o trabalho destes jovens.

Jonas chama a atenção para uma questão bastante pertinente no que toca ao projecto *RadioActive 101*, que é a importância destes jovens darem a sua opinião e exprimirem os seus pensamentos livremente: “têm visibilidade para tudo o que eles queiram fazer e têm voz também, eles próprios, eles conseguem fazer-se ouvir, ou seja, conseguem dar a perspectiva deles”. Sendo que o enfoque deste projecto se centra na aplicação de metodologias inovadoras junto de comunidades de jovens em contextos semi-excluídos, importa explorar as capacidades comunicativas e expressivas na execução dos programas, como explica o jovem: “Eles não estão habituados a dar a sua

perspectiva, por isso é que eles eram um bocado acanhados, quando eu lhes fazia a pergunta eles tinham um bocado de receio do que haviam de dizer”, “vai mesmo pela visibilidade que eles têm porque eles, até há pouco, nós já fizemos muita coisa e muita coisa boa aqui mas nunca tivemos a visibilidade que, se calhar, esperávamos e é um bocado por aí”.

Sobre quem selecciona os temas dos programas, Renato clarifica posições: “Nós já tínhamos esta ideia na cabeça de querer fazer alguma coisa relacionado com a educação e então explicámos-lhes o que é que queríamos fazer e então o tema base é, mais ou menos, pensado por nós mas todo o conteúdo do programa é pensado por eles. Nós chegámos lá e dissemos que era interessante trabalhar sobre a educação, os jovens e a educação, e eles escolhem. Todos os conteúdos que aparecem dentro do programa é tudo pensado por eles, são eles que decidem que entrevista é que vão fazer, que pessoas é que vão entrevistar, o que é que vai ter, o que é que não vai ter, a partir daí é tudo deles, nós só temos de fazer assim esta ligação mais institucional que é para saber se aquela pessoa pode falar com aquele miúdo... Fazemos este tipo de ligação”. A vontade de participar, de se envolverem na comunidade e de se empenharem em algo que os cativa já é um ponto a somar a todos os outros acima referidos.

“Esta mídia (o rádio) proporciona uma nova relação no processo educativo entre professores e alunos, afastando a perspectiva de ensino focado no papel do professor como mero transmissor de conhecimentos, mas possibilitando que este sujeito também aprenda numa relação interativa com alunos, colegas e os sujeitos da comunidade em geral”, destaca Cavalcante (s.d:6). Testemunha disto é João, aluno coordenador da RTA (Rádio e Televisão Activa), que aponta como contributos da rádio a ligação que permite estabelecer não só com a comunidade escolar em geral mas também com entidades exteriores à escola: “Até hoje o que é que a rádio me tem dado? Tem dado muita experiência, muita ligação com a escola, até com elementos que não fazem parte da escola, são de outros locais, de outros programas”. Também a Mafalda, ex-aluna da Escola Secundária Ibn Mucana, explica a relação entre os membros da TRIM e a professora Rosário Valente: “Nós costumamos dizer que a professora Rosário é a nossa mãe porque, para além de passarmos imenso tempo aqui a trabalhar e ela estar connosco muitas das vezes, para além de também ela trabalhar connosco e fazer edição de vídeo de vez em quando, desse tempo todo que passamos com ela, eu acho que é seguro dizer que qualquer um de nós, que se precisarmos de alguma coisa, a primeira pessoa a quem

podemos, que sabemos que podemos recorrer é à professora Rosário porque como é que eu hei-de explicar? Este tempo todo que nós cá estivemos, nós crescemos, não só em termos de rádio, em termos de edição de imagens, mesmo em termos pessoais, toda a gente aqui teve de crescer de alguma maneira e ela acompanhou-nos sempre nesse processo e é família mesmo, é diferente dos outros professores”. Outros alunos da Escola Secundária Ibn Mucana, mais novos, também explicam que, na TRIM, o seu comportamento é diferente do que têm nas aulas: “Podemos falar quando quisermos, podemos tratar as pessoas por tu. A relação com o professor é mais casual”. Até a professora faz referência a esta ligação que estabelece com os alunos apontando-a como um ponto positivo nestes projectos: “aqui há um espírito familiar muito grande, eles até por brincadeira chamam-me mãe, há um aluno meu que já acabou e que veio fazer uma visita e entrou na sala ‘então mãe posso entrar?’ e os meus alunos começaram todos a olhar para mim ‘Mãe?!’ porque, de facto, há aqui uma... tem que haver, tem que haver uma ligação porque nós estamos aqui muitas horas”.

Jacques Gonnet aponta duas maneiras distintas de construir um meio de comunicação escolar. Uma delas passa pela iniciativa dos estudantes em quererem exprimir as suas opiniões e participar activamente na comunidade escolar: “com a autonomia que lhes é dada para a produção, os alunos têm de aferir que conteúdos explorar, os temas que atraem a comunidade escolar e criar espaços de discussão e troca de ideias” (Gonnet, 2007:96). Assim sendo, o jovem coordenador da RTA, explica como é gerido o trabalho na rádio da escola: “há sempre, digamos, um trabalho de casa de pensar o que é que vamos fazer no dia a seguir, todos temos *Facebook*, todos temos telemóveis. (...) Sempre um trabalho em casa e um trabalho em grupo”. E em relação aos temas explorados, evoca a importância de atingir toda a comunidade escolar: “temos mesmo um programa (...) o ‘*Notícias em Alta*’ que falamos sobre acontecimentos em Portugal e no mundo (...) acontecimentos, alterações no Ministério da Educação, falamos também da greve dos professores, porque pronto acabamos por estar a transmitir para a comunidade mas a comunidade não é só os alunos, é também professores e funcionários”.

Na Escola Secundária Ibn Mucana, Joana fala da rubrica criada pela TRIM- *Fala por ti* - que tem como objectivo dar voz aos alunos e tratar problemas da actualidade e do interesse comum: “Nós vamos abordar vários temas que são um problema na sociedade neste momento. O primeiro problema em que falámos foi sobre a crise, que

está já acabado e vamos editar esta semana ainda, e nós entrevistámos professores, entrevistámos alunos da escola, dos mais ‘novinhos’ aos mais velhos, e inclusive também a nossa turma de economia para saber se têm andado a aprender, o que é que já aprenderam e o que eles nos têm a dizer sobre isso”.

João, da Geração C, que trabalha em parceria com as escolas, explica que a sua função é mediar e divulgar informações: “O que eu faço, basicamente, é dar um apoio muito próximo às escolas garantindo que os nossos objectivos estão a ser cumpridos e que as nossas mensagens e os conteúdos que nós produzimos aqui na Geração C cheguem às escolas que, por sua vez, utilizem aquilo para fazer as peças que vão fazendo na rádio e na televisão nas escolas”.

A dinâmica de uma rádio escolar ou em contexto extra-escolar subentende a criação e o desenvolvimento de capacidades que são tomadas como obrigatórias no que toca ao trabalho em grupo e à dedicação exigida por este tipo de projectos, como explica Sara Leal (2010:11): “O trabalho em equipa é de resto uma das dimensões relevantes na criação e dinamização de um projecto de rádio escolar. Não se faz radiojornalismo sozinho. É um projecto gerado no seio de um grupo e diariamente alimentado por esse grupo ou subgrupos. As tomadas de decisão (escolha dos assuntos, convidados, constituição de equipas, definição de procedimentos de pesquisa e recolha de informação, etc.) são acções de natureza colectiva e requerem a análise e sugestões de todos os intervenientes”.

Rosário aponta algumas competências que acredita que os jovens não conseguiam desenvolver se não estivessem integrados neste tipo de projectos: “em termos dessas competências, do saber estar, do saber ouvir, do espírito de equipa, do esforço, de saberem que as coisas não aparecem por nada, do espírito de sacrifício, isto eles só têm aqui”. Bruno, da Escola Secundária Ibn Mucana, faz referência à importância de aprender a trabalhar em grupo e da autogestão para ter sucesso neste tipo de projectos: “é um lado da educação que passa muito por nós, nós temos de aprender a fazer muitas das coisas sozinhos, principalmente a trabalhar em equipa, que parece muito fácil fazer trabalhos de grupo, que é a única coisa que fazemos nas aulas normais, mas que é bastante complicado tentarmos coordenar-nos uns aos outros”. Devido ao seu papel de coordenador, João vê-se muitas vezes a ocupar o papel também de formador para os membros mais recentes da RTA: “Acabo por lhe fazer uma primeira introdução para ele perceber o que é que deve dizer, os pontos básicos, acabámos de ouvir uma

música, indicar o nome da música que acabámos de ouvir, identificar sempre as pessoas que estão neste momento na rádio (...), há sempre todo este trabalho que, nestes dias que eles estão a aprender, eu faço todo esse trabalho de lhe explicar e de lhe dizer o que é que ele vai introduzir”.

Nestas duas escolas do concelho de Cascais, existe uma preocupação em incluir os alunos neste tipo de projectos e afastá-los de outras situações menos proveitosas, como está patente nas palavras de Rosário: “é preciso algo que motive os alunos para não estarem noutros sítios, daí que eu às vezes diga aquelas coisas do ‘devias era ir para a TRIM’, porque enquanto estão aqui estão a trabalhar, estão a conviver, estão a aprender e não estão com outras situações de risco, que nós consideramos situações de risco, e acabam por fugir um bocadinho a isso, isso é importante, é muito importante, e de facto é inovador”.

Também João, na RTA, explica que no ano lectivo que passou a selecção dos alunos para a rádio foi diferente à dos anos anteriores: “Este ano houve uma selecção diferente, o que é que se foi buscar?!, foi-se buscar alunos com alguns problemas de inclusão social, insucesso escolar, para quê?!, O espaço da rádio para além de ocupar o tempo dos intervalos e o tempo livre dos alunos, também começa a criar uma ligação com professores, com funcionários e até com a restante comunidade escolar”.

Perante este levantamento de testemunhos recolhidos a partir das entrevistas e dos grupos de foco realizados podemos dizer que os jovens que frequentam este tipo de projectos aprendem a trabalhar em grupo, a delinear e a atingir metas de trabalho, a conviver e a repartir tarefas, a fazer aquilo de que gostam com dedicação e a investir na sua formação enquanto alunos e enquanto futuros profissionais. Acima de tudo, os alunos adquirem a sua voz, a sua liberdade, perante a comunidade escolar, perante os colegas e amigos e transformam-se em cidadãos activos da realidade em que estão inseridos.

“A união entre a Comunicação e a Educação se faz importante, sobretudo, por ser potencial agente de cidadania, representando um espaço de participação efetiva, onde o conhecimento ocorre de maneira não hierarquizada. Nesse ambiente protagonizado pelos alunos, a troca de experiência contribui para o desenvolvimento de um ser humano mais crítico, bem como para a re-elaboração de conhecimentos já adquiridos” (Carias *et al.*, 2012:1).

V.2- Educação para os Media

A educação para os *media*, na presente investigação, não passa apenas pelo uso da rádio como veículo de aprendizagem e de formação, pois também as plataformas digitais estão presentes nos projectos em estudo. As plataformas digitais e redes sociais, realidades cada vez mais presentes na vida das crianças e jovens, contribuem para a execução de tarefas e complementam a actividade radiofónica fornecendo ferramentas diversificadas que podem complementar e divulgar as actividades desenvolvidas.

Como afirmam os autores do Referencial da Educação para os *Media* para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário: “A importância da Educação para os *Media* nas Escolas advém do facto de as crianças e jovens se constituírem, de forma cada vez mais intensa, como consumidores e produtores de *Media*. Importa então dotá-los de conhecimentos e capacidades que os habilitem a um consumo e a um conhecimento mais informado, sobretudo tendo em conta a crescente complexidade desses meios e dos contextos em que surgem os *Media*” (Pereira *et al.*, 2014:2).

Dada a importância, já referida, do investimento na educação para os *media* e na formação de crianças e jovens ‘mediaticamente’ informados, o presente estudo avaliou essa importância e com que meios, para além da rádio, trabalham estes projectos.

Os jovens do projecto *RadioActive 101* fazem referência à utilização de outros meios mas a rádio é, sem dúvida, ponto central no projecto Metas. Em conversa sobre o gosto pela fotografia, Renato, jovem do centro Metas, acaba por frisar que, hoje em dia, a imagem tem muito poder: “hoje em dia, a sociedade vive um bocado pela imagem, ou seja, se a gente associar o som à imagem, não é directamente, mas mesmo que seja indirectamente, associa-se sempre um bocado um tipo de trabalho a outro, é muito mais fácil as pessoas reconhecerem as coisas e dizerem ‘Aqueles é que são os que fazem aquele projecto da rádio’”.

Para além da imagem, Renato é monitor CID (Centro de Inclusão Digital) no centro do Metas, onde [faz] “esta ligação com os miúdos na parte mais de tecnologia de informação com a rádio” e onde José, jovem do centro Metas, faz todo o trabalho de edição dos programas e auxilia os colegas na montagem final dos programas. Tanto o

projecto como o centro em questão possuem página no *Facebook* e o *site* do projecto²⁶ é a plataforma onde são divulgadas todas as actividades que decorrem nos centros afectos ao projecto, como a disponibilização dos programas em *podcast*, notícias sobre os projectos ou sobre temas de interesse, *links* úteis para questões de literacia mediática, rádio e televisões escolares, educomunicação, galerias de imagens que retratam os centros e os jovens, entre outros.

Assim sendo, constatamos que a internet para o *RadioActive 101* serve não só como plataforma de divulgação de conteúdos, o que constitui ponto central neste projecto para o reconhecimento do trabalho feito pelos jovens, mas também como ferramenta de informação e de aprendizagem. José explica: “muita da aprendizagem vai-se fazendo automaticamente e, por vezes, vai-se vendo algumas coisas na internet”.

Internet, *Facebook* e *Youtube* são palavras que surgem constantemente nos grupos de foco com os alunos da Escola Secundária Ibn Mucana. Quando o tema é rádio e internet, os jovens expõem os seus hábitos enquanto ouvintes, revelando que ouvem rádio ou na internet ou no carro a ir para a escola. Quando confrontados com as alterações que a internet veio trazer à rádio, Inês, ex-aluna da TRIM, fala numa descaracterização do meio: “Deu menos visibilidade. Quando queres saber uma coisa não vais estar à espera que passe na rádio, vais logo à internet. Acho que a internet acaba por ser mais valorizada... Eu lembro-me do meu avô a apanhar a antena! Agora não. Já não é rádio... Rádio quando ouves através da internet”. Já Bruno, aluno da TRIM, defende a ideia contrária de que a internet veio complementar a rádio: “Agora tens mais informação sobre a própria rádio a partir da Internet. Não deixa de ser rádio só porque ouves na internet”; complementa o seu argumento frisando que os sites das rádios divulgam bastante informação: “Uso os *sites* da rádio, que não seja só para ouvir a rádio na internet, porque podemos ficar a conhecer os programas que a rádio tem, os horários, quem participa, o que é que eles fazem e tentar regular um pouco os nossos horários para tentar ouvir a rádio se gostarmos de determinado programa”.

Os alunos da TRIM também possuem um canal do *Youtube* onde divulgam os seus trabalhos e as iniciativas em que fazem cobertura com o objectivo de, como explica Inês, ex-aluna da escola e da TRIM. “Nós postamos os nossos vídeos, que editamos, para dar um bocadinho mais visibilidade ao nosso trabalho, para tentar que vejam mais, até para os alunos da escola”, diz a jovem de 18 anos.

²⁶ <http://pt.radioactive101.eu/>

Na escola Frei Gonçalo de Azevedo, João menciona os dois grandes objectivos da rádio: um é mais geral e outro está direccionado a etapas semanais. “O principal objectivo da equipa da RTA é iniciar a transmissão *online*, portanto vamos trabalhar um ano inteiro- ou melhor estamos a trabalhar já há- este é o segundo ano, para conseguir ter uma emissão online da rádio”. Acrescenta: “Tínhamos também o principal objectivo de todas as semanas ter duas actividades lançadas, portanto ter duas actividades prontas para lançar para a página, até para o serviço escolar, para a comunidade”. Para além das actividades divulgadas na página do *Facebook*, esta serve também para o pedido de músicas por parte dos colegas: “já começa a haver aquela mensagem no *chat* do nosso *Facebook* ‘gostávamos de ouvir a música tal’. As facilidades conferidas pela internet e, por sua vez, também pelas redes sociais permitem uma dinamização e um envolvimento acrescido dos alunos com os colegas da rádio pela rapidez e maior interacção da comunicação, como acaba de explicar João. Assim, a internet torna-se ponto forte nestes projectos por ser o meio de comunicação e de interacção que estreita a relação entre as rádios e os seus ouvintes.

Já em entrevista com a Geração C, os seus coordenadores explicam a dinâmica da produção e distribuição de conteúdos entre as escolas e esta entidade: “era importante que a nossa mensagem chegasse às escolas e uma das maneiras que se conseguiu utilizar para que isso aconteça foi criar este canal onde nós lançamos todos os conteúdos que nós pretendemos para as escolas e as escolas utilizam-nas para eles próprios produzirem os seus conteúdos que depois, por sua vez, nós também promovemos um bocadinho as actividades que as escolas fazem” (João). O *site* da Geração C possui um separador de nome “Rádio e TV nas escolas” onde constam todas as escolas do projecto, em que consistem e os *links* para os *sites* das próprias rádios, TV’s ou canais do *Youtube*. Ainda em relação à dinâmica de produção e distribuição dos conteúdos, João refere a importância do canal para a troca de informações entre as escolas e a Geração C, acrescentando ainda que “quando os canais estão a funcionar bem, é vantajosa para os dois lados, acho que para os três até, para a escola, para os alunos e para nós”.

“A Educação para os *Media* implica fazer dos *Media* – não apenas dos ‘tradicionais’, mas também dos novos *Media*- objecto de estudo, de reflexão e de prática. E isto para se ser mais esclarecido no uso; para compreender as suas linguagens e modos de funcionamento; para desvendar o mundo que os ecrãs ocultam, quais

biombos entre nós e os profissionais, as empresas, as tecnologias”, assumem os autores do Referencial da Educação para os *Media* mencionado anteriormente (Pereira *et al.*, 2014:5).

Falando da importância da educação para os *media*, Rosário Valente, coordenadora da TRIM e professora de Físico-Química, refere que os meios de comunicação social fazem parte do plano curricular de algumas disciplinas. “Já começa a haver cada vez mais, os pedidos de professores dizerem aos meninos para fazerem trabalhos de pesquisa, trabalhos de grupo, em que eles vêm aqui à rádio pedir ajuda para fazer esses trabalhos”. Complementa mostrando que é importante que exista estudo, reflexão e também prática, daí a importância de projectos que permitam essa vertente: “eles dão a parte da comunicação social a Português e nomeadamente também a História, em Física dão uma parte mais técnica, mas a ideia era de facto eles num clube, tal como já havia o clube de jornal, existir um clube de rádio onde efectivamente um grupo de alunos estimulasse essa magia que é a magia da rádio”. Além de ser alvo de estudo nas disciplinas nucleares, a educação para os *media* ainda se constitui como uma área transversal. O Referencial vem contribuir no sentido em que estabelece metas para cada ciclo de ensino que pressupõem o cumprimento de objectivos e um aumento do desempenho das crianças e jovens nestas matérias que se tornam, de dia para dia, mais relevantes na vida quotidiana.

Para além de possibilitar aos alunos pôr em prática conhecimentos que adquirem em sala de aula, numa vertente mais teórica, este tipo de projectos também contribui para um aperfeiçoamento do currículo, como explica Rosário Valente ao falar sobre a importância da educação para os *media*: “E isto é uma maneira de que eles possam ter uma mais-valia quando acabarem o seu secundário, nomeadamente o curso”. A professora fala ainda da importância deste tipo de projectos e da possibilidade de integração que confere aos jovens servindo até como motivo para os afastar de certas situações consideradas de risco, como se refere no capítulo anterior.

Também os alunos do grupo de foco 3 da Escola Ibn Mucana, os mais novos, defendem a importância dos meios de comunicação social e a pertinência da sua inclusão nos programas curriculares das disciplinas, dando sugestões de actividades que podiam realizar: “Devíamos aprender como se mexe nas coisas se é que ainda não

sabemos; em TIC²⁷ aprendemos essas coisas, em Português, às vezes, podíamos fazer teatros mas...; e dar a notícia e a entrevista porque podemos, por exemplo, se dermos os meios de comunicação, fazer um pequeno vídeo a apresentar uma notícia em frente a uma câmara; e agora a nossa geração anda muito ligada às novas tecnologias e vêm cada vez mais novos dispositivos”.

V.2.1- As dinâmicas da educação formal e não formal

A educação não formal é “toda a actividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos seleccionados de ensino a determinados subgrupos da população” (La Belle, 1982 cit. por Gadotti, 2005:2). Este não deixa de ser um conceito ambíguo, visto que é definido a partir da negação da definição de educação formal e excluindo o facto de ser possível que a educação formal aceite práticas extracurriculares dentro do espaço da escola (Gadotti, 2005:2).

Analisada de um prisma mais amplo, é possível afirmar que toda a educação é formal pois possui uma intenção e um espaço, espaço esse que pode então conferir-lhe um carácter mais formal ou informal: “O espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade. O espaço da cidade (apenas para definir um cenário de educação não formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade” (Gadotti, 2005:2). Assim, a educação formal caracteriza-se por metas delineadas e uma estrutura hierárquica em que uma cadeia de relações determina a transmissão de conhecimentos. Na educação não formal essa hierarquia acaba por ser mais difusa bem como o sistema organizacional, a diferença reside no facto de que “a educação não-formal é também uma actividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal” (Gadotti, 2005:2).

Assim, e segundo Maria da Glória Gohn (cit. por Gadotti, 2005:3), podemos entender que “a educação não-formal designa um processo de formação para a cidadania, de capacitação para o trabalho, de organização comunitária e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados”. Neste ponto, e tendo como base as entrevistas e os grupos de foco realizados, procedemos ao

²⁷ Tecnologias de Informação e Comunicação

levantamento da opinião dos entrevistados em relação à aplicação de uma educação formal ou não formal nos projectos em análise.

Durante a visita ao centro Metas e ao projecto *RadioActive 101*, os jovens estavam a preparar uma emissão (em directo) com o tema “Jovens e a educação”²⁸. Renato realça que, apesar de o tema ter sido sugerido pelos mais velhos, são os mais novos que seleccionam os conteúdos a tratar e que compõem a emissão frisando o facto de que a ideia pode partir só de alguns colegas mas que a execução do programa é discutida e realizada por todos os jovens envolvidos. Assim sendo, o programa aborda as questões da educação formal e não formal que parecem pertinentes aos olhos dos jovens do projecto, como explica Jonas: “Nós abordamos essas duas perspectivas a pensar na relação que os jovens têm tanto com os técnicos como com os professores e, nesta abordagem, nós estamos a tentar escolher professores que, para além das aulas que dão dentro da sala de aula, também têm outras actividades como, por exemplo, esse tal professor, o professor Paulo Couceiro e outra professora, por exemplo, uma professora de Matemática que dá aulas de dança do ventre na escola, ou seja, esses professores, se calhar, estão nessas duas perspectivas da educação formal e não formal e é mais para retractar a relação que eles têm com os alunos e os alunos com os professores”.

Jonas já fez parte de um projecto de rádio-escola na Escola Leonardo Coimbra e agora, enquanto membro do *RadioActive 101*, também realiza parcerias com a escola e trabalha em conjunto com as duas entidades. Em relação à distinção entre educação formal e não formal, tendo em conta a experiência com a rádio, este jovem não associa a rádio-escola à educação formal, muito pelo contrário. Esclarece que “a [rádio] da escola não era tão formal quanto isso, eu acho que também lá era uma actividade extracurricular, apesar de ter sido feita através da disciplina de Religião e Moral, pelo professor dessa disciplina, eu acho que ele fugia um pouco à educação formal, acho que até os assuntos que eram discutidos não era nada assim” mas apontando a diferença de que “claro que, na escola, os assuntos que eram discutidos estavam mais ligados à educação, aqui nós [no projecto *Radioactive 101*], se calhar, temos outras áreas que conseguimos discutir”.

Também os jovens da Escola Secundária de Ibn Mucana e da TRIM expressam a sua opinião sobre a relação que mantêm com a professora Rosário Valente na rádio e

²⁸ Ver grelha de análise do programa em anexos: apêndice 4.

como essa relação se torna proveitosa e diferente das que estabelecem com os outros professores. A relação que estabelecem com a professora ultrapassa as barreiras da educação formal e das relações hierarquizadas características do ambiente escolar, como explica Inês, do grupo de foco 2: “a relação que a professora nos dá, ela não só é nossa professora como nos educa, tipo mãe”. Também Bruno faz referência à importância das relações que se estabelecem para o sucesso do projecto: “Conosco sempre correu bem porque este tipo de projectos só funciona com professores como a professora Rosário porque ela confia muito em nós, ao ponto de nós fazermos tudo o que quisermos com as coisas que temos, nós temos aqui coisas que, a maior parte dos professores, não poria na mão de alunos e acho que essa confiança leva-nos a, não queria dizer dever, mas temos algum dever de responsabilidade perante a professora Rosário e além de a professora Rosário quebrar essa barreira, pôr-se ao nosso nível, essa confiança que ela nos dá obriga-nos a ter um respeito acrescido para ela; então a relação é diferente mas funciona melhor do que as relações normais e isso é muito interessante para um projecto destes”.

Rosário, por sua vez, frisa a importância deste tipo de projectos que proporcionam aos alunos experiências e conhecimentos que as aulas não são capazes de conceder: “eles ganham autonomia, sabem trabalhar em equipa que é importantíssimo, se não estiverem neste tipo de clubes não conseguem, criam vontade de saber mais sobre os meios de comunicação, há alunos de ciências que passaram por aqui que a sua opção foi ir para comunicação social, e isso é uma mais-valia (...) isto eles só têm aqui, eu numa aula de Físico-Química não consigo transmitir esse tipo de situação, isso é muito importante para os miúdos, para o crescimento pessoal deles é muito importante”. Para além de abrirem novas portas, este tipo de projectos, segundo a mesma professora, criam uma relação diferente entre alunos e professores em que a dinâmica da educação se inverte: “eu hoje em dia se calhar aprendo mais com eles do que eles possam aprender comigo porque – [o] que é algo que é muito positivo neste tipo de projectos – (...) eles vão passando a mensagem aos que ficam, não é? (...)”. Não só na transmissão de conhecimentos mas também nas relações interpessoais se vive uma dinâmica diferente tanto nas escolas visitadas em que, como demonstrado no capítulo anterior, os alunos mantêm na TRIM uma relação ao nível familiar e na Frei Gonçalo é um aluno do 12º ano que coordena a rádio, como no *RadioActive* em que os jovens trabalham em equipa com o objectivo de fazerem programas de qualidade, que lhes dêem prazer e que agradem aos ouvintes.

João, o aluno coordenador da RTA, explica que a rádio tem como objectivo a integração dos alunos da escola ressaltando o facto de que, este ano lectivo, o processo de selecção dos alunos para a rádio foi diferente, como vimos no capítulo anterior. Contudo, João não deixa de revelar os seus receios em relação ao carácter extracurricular desta actividade: “quando escolhemos a equipa tenho sempre medo de quem é que ficará para o ano se, já este trabalho, e eu que já cá estou e é o segundo ano, tem de ser todo feito novamente seria interessante que, para o ano, esse trabalho não tivesse que ser feito porquê? Porque quem continua no projecto já sabe e já há uma continuidade, já não há ali uma quebra que é as férias, há ali aquela quebra onde toda a gente esquece tudo e, para o ano, tem de ser tudo novamente inserido no disco rígido, digamos assim”.

É plausível afirmar, perante os exemplos aqui expostos, que este tipo de projectos não podem ser associados exclusivamente a uma educação formal *ou* não formal, consoante as directrizes que os definem ou consoante o contexto em que estão inseridos. Ao contrário do que se poderia esperar, visto estarem inseridas num contexto escolar, as rádios escolares não seguem uma linha de orientação puramente formal. Isto foi-nos dado a ver pelas entrevistas e grupos de foco, e pela nossa observação das relações interpessoais que se estabelecem na TRIM e na RTA. Da mesma forma, também em relação ao projecto *RadioActive 101* não podemos fazer uma associação clara a uma ou a outra orientação educacional, não só pelo que ficou evidente nos testemunhos dos jovens, como também pelo facto de o projecto, no centro Metas, trabalhar em parceria com a escola Leonardo Coimbra.

Assim, e como explica Moacir Gadotti (2005:4), “não podemos estabelecer fronteiras muito rígidas hoje entre o formal e o não-formal. Na escola e na sociedade, interagem diversos modelos culturais. Uma escola é um conjunto de relações interpessoais, sociais e humanas onde se interage com a natureza e o meio ambiente. Os currículos monoculturais do passado, voltados para si mesmos, etnocêntricos, desprezavam o ‘não-formal’ como ‘extra-escola’, ao passo que os currículos interculturais de hoje reconhecem a informalidade como uma característica fundamental da educação do futuro”. Para além de uma atribuição clara a uma ou outra vertente educacional, no caso das rádios escolares como do *RadioActive*, o que se torna relevante são as competências, os conhecimentos e as perspectivas que proporcionam aos jovens que neles participam, como analisámos no capítulo anterior.

V.2.2- Entraves e facilidades na execução dos projectos

Dada a essência do estudo em questão, torna-se coerente analisar o contexto em que estes projectos estão inseridos, de que tipo de apoios beneficiam, como são geridos os conteúdos programáticos, os horários e as emissões. Debruçamo-nos agora sobre os testemunhos dos entrevistados em relação àquilo que consideram ser um entrave ou facilidade no desenvolvimento dos projectos.

No projecto *RadioActive 101*, os jovens entrevistados não fazem referência a obstáculos que limitem a sua liberdade de expressão ou a sua autonomia enquanto membros do projecto. Renato explica antes que a rádio trabalha para e com a comunidade e que a ideia que orienta os programas é a relação entre os jovens e algo que desperte o seu interesse²⁹ e que dê destaque a pessoas da comunidade: “Na altura quando pensámos fazer isto da rádio, nós pensámos em arranjar temas para cada programa, então pensámos como aqui a freguesia tem bastantes pessoas ligadas à arte e à cultura, nós pensámos começar com ‘os jovens e a comunidade’, falar um bocadinho sobre aquilo que estes miúdos e que as pessoas aqui da comunidade fazem (...) e agora sim, pensar em fazer ‘os jovens e a educação’”. O maior obstáculo que enfrentam, explica, é fazer algo que lhes dê prazer e que, acima de tudo, esteja bem feito: “juntos vamos tentando enquadrar isto tudo para tentar que fique algo, fique no ouvido das pessoas mas também fique no nosso, eu era incapaz de por alguma coisa para o ar se não gostasse, então é isso que nos destaca aqui, nunca fazemos nada que para nós não esteja bem”.

Neste tipo de projectos, muitas vezes, é preciso aprender a contornar os obstáculos à motivação, ao compromisso e à concentração, daí a importância, referida por Renato, de os jovens estarem a fazer algo que os motive e que lhes dê prazer pois, de outra maneira, torna-se complicado estimulá-los e captar a sua atenção. Isto mesmo foi observado, por exemplo, na formação de dicção nos dois centros *RadioActive 101* em que, no Catapulta o investigador não conseguiu a participação de metade dos jovens que conseguiu no Metas³⁰. O que se torna crucial é gerar interesse e conseguir sustentá-lo.

O trabalho com a comunidade é um elemento de motivação e uma característica que destaca este projecto pois os jovens tentam sempre, nos seus programas, envolver a

²⁹ Ver grelhas de programação em anexos: apêndice 4.

³⁰ Ver diário de bordo em anexos: apêndice 3.

comunidade, os seus artistas, as pessoas que possam contribuir com o seu talento e sabedoria para um melhor programa: “Como o tema é ‘Jovens e a Comunidade’, nós pensámos que todas as músicas deviam ser de alguém que estivesse ligado ao projecto ou à comunidade (...) porque também serve para ele e para divulgar o seu trabalho junto das pessoas”³¹.

Diferente é a dinâmica de programação na Escola Secundária Ibn Mucana. Para além da estreita ligação quem mantêm com a Geração C, Joana, do grupo de foco 1, explica como se processa a escolha de conteúdos: “maior parte dos eventos que nós filmamos e fazemos reportagens são eventos da escola que nós também achamos interesse e que a escola nos pede para nós irmos filmar e fazer a reportagem. Neste momento nós temos também, tivemos em grupo uma ideia de criar um programa nosso, mesmo nosso, foi ideia do grupo e nós é que escolhemos o tema que a reportagem vai abordar. Neste caso o ‘Fala por Ti’”. Podemos afirmar que, comparando a realidade da rádio escolar à do *RadioActive*, estes jovens possuem menos liberdade, uma vez que os conteúdos que são tratados advêm da direcção da escola ou da Geração C, na maior parte das vezes.

Seguindo esta linha de pensamento, Joana frisa a importância da rádio da escola: “Aquilo que nós queríamos era dar voz aos alunos desta escola, acho que é para isso que a rádio serve, não só para darmos a nossa opinião mas também para darmos a ouvir a opinião dos outros que não estão cá mas que nós os queremos representar e às vezes não podemos dizer tudo aquilo que gostaríamos”. Também Raquel, do mesmo grupo de foco, faz referência aos entraves que são colocados aos alunos e que, muitas vezes, impedem a resolução dos problemas: “Por exemplo, o ano passado como não tínhamos colunas nós queríamos por as nossas colunas, que estavam aqui lá fora, só que nós não podíamos porque não tínhamos autorização então...”. Em relação aos conteúdos, como referido, as abordagens destes jovens também são limitadas pelo que confessaram querer fazer um programa sobre o vestuário de certos alunos da escola, que ficou interdito. Também na escola Frei Gonçalo, João fala do cuidado que os alunos da rádio têm de ter com as músicas que fazem parte da programação e que, muitas vezes, vão rever as letras para garantir que os conteúdos são apropriados ao ambiente escolar.

Por sua vez, Bruno, membro do grupo de foco 2, fala também da falta de apoio de alguns professores: “por exemplo o ano passado tivemos de parar de pôr música

³¹ Ver grelha de análise do programa “Jovens e a comunidade” em anexos: apêndice 4.

porque os professores não gostavam de ouvir música nos intervalos porque fazia muito barulho. Depois voltámos a pôr música, porque conseguimos convencer esses professores, mas só podíamos pôr um determinado tipo de música, e são esses entraves todos que nós vamos encontrando que nos dificulta e perdemos um bocado a motivação. Se calhar podíamos fazer muito mais coisas nesse ano e não fizemos porque estávamos a tentar convencer os professores para poder passar a música, nem sequer pensámos em fazer um programa porque não podíamos passar coisas na rádio, e isso vai-nos impedindo um pouco de ir mais além e tentar evoluir um bocadinho mais”. A falta de apoio por parte do corpo docente inviabiliza grande parte dos objectivos destes projectos uma vez que limita a acção e a liberdade dos jovens e coloca entraves ao progresso.

Este é um problema, também referido por João, da Escola Frei Gonçalo de Azevedo, que considera que há falta de apoio e de incentivo por parte dos professores à rádio da escola, das queixas sobre o barulho e sobre as escolhas musicais: “Portanto a escola está toda equipada com sistema de som em certos pontos, desde o bar de alunos, sala de professores, secretaria, até na própria direcção e o que é que nós nos apercebemos? Que esse sistema de som está constantemente desligado. Tudo bem, e temos noção que se calhar o tipo de música que muitas vezes está a ser passada não é aquilo que atinge os professores talvez, eu não sei porque não estou na sala de professores, talvez quando estão a passar notícias ou quando estamos a dar alguma informação, eles activem o sistema de som na sala de professores ou não, mas a maioria das vezes está sempre desligado e queixam-se do barulho, do incómodo que é a rádio na escola”. Para além da falta de incentivo por parte do corpo docente, João ainda frisa a preocupação por parte da RTA e dos seus participantes em abordar assuntos que sejam do interesse não só dos alunos mas da comunidade escolar em geral, como por exemplo, o programa ‘Notícias em Alta’, ao qual se fez referência no capítulo anterior. As emissões da RTA, quase sempre em directo, decorrem nos três intervalos da manhã: “Espontaneamente podemos emitir nos intervalos da tarde mas é muito raro”, diz João.

Em relação às escolhas programáticas, Rosário Valente louva a tentativa dos alunos da TRIM de ultrapassar as barreiras da escola no que diz respeito aos temas que abordam: “Eles tentam fazer isso e agora até criaram uma rubrica, a do ‘Fala por ti’, em que o primeiro tema, eu julgava que eles iam escolher um assunto qualquer, mas o primeiro tema que eles escolheram foi a crise que é uma coisa que, pelos vistos, afecta

também os mais novos e eles sentem isso, portanto eles tentam ir um bocadinho mais além e há sempre outras coisas, nomeadamente a Geração C, que nos pedem para divulgar, para fazer algum trabalho, outro tema que venha, outra solicitação, por exemplo a associação de pais, por exemplo nos pede determinadas coisas e nós fazemos”. Em relação à difusão das emissões da TRIM pela escola, Rosário faz referência às mesmas dificuldades apontadas pelos alunos e explica a razão pela qual, muitas vezes, as colunas são desligadas: “Tínhamos inicialmente (...) umas colunas no bar dos alunos, só que com tanto barulho e depois com a chegada dos meninos do ciclo, de facto o barulho, com a música, com tudo, mais as funcionárias que têm dificuldade em ouvir, criava-se ruído, portanto em vez de ser uma coisa simpática, acabou por ser ruído então essas colunas só são ligadas esporadicamente quando há algum evento”.

Podemos concluir que representam entraves ao desenvolvimento destes projectos a falta de motivação dos alunos gerada quer por obstáculos impostos pela comunidade escolar quer pela falta de interesse em relação aos assuntos tratados, a falta de apoio por parte do corpo docente, as reclamações em relação à música ou aos conteúdos programáticos, a dificuldade de concentração, entre outros. Embora existam aspectos a melhorar também existem facilidades no que diz respeito à implementação e ao desenvolvimento dos projectos, como vamos analisar de seguida.

O projecto *RadioActive Europe* mostra alguns destes elementos facilitadores. No centro Metas, os três jovens entrevistados desempenham funções de relevo no que diz respeito não só ao projecto *RadioActive 101* mas também às restantes actividades que o centro desenvolve com as crianças e jovens que frequentam o espaço. Jonas começa a entrevista apresentando-se e explicando qual o seu papel no centro e no projecto: “sou dinamizador aqui do projecto Metas que é financiado pelo programa Escolhas”. A oportunidade de integrar o projecto *RadioActive 101* surgiu através de um concurso, como explica o jovem: “nós recebemos um *e-mail* de um concurso para concorrer para este projecto que é o *RadioActive 101*, no qual foram seleccionados três projectos, nós fomos seleccionados (...) achámos que seria uma boa ferramenta para divulgar as actividades aqui dos espaço e, como nós temos a parceria com a escola, seria uma mais valia”. Também José fez parte da rádio-escola e agora é peça fundamental no *RadioActive 101*, apresentando-se: “Aqui no espaço, neste momento sou o Presidente da Associação de Jovens da Ágil que também promove, um bocado, esse trabalho de incluir os jovens em novos projectos, em novas tecnologias então a rádio veio ajudar um

bocado nesse sentido”. Renato, outro dos jovens entrevistados, está mais ligado ao trabalho informático e tecnológico. Como explica: “trabalho no projecto Metas, sou monitor CID (Centro de Inclusão Digital). Na rádio faço esta ligação com os miúdos na parte mais de tecnologia de informação”.

Quando confrontado com as vantagens que este tipo de projectos proporcionam aos jovens, Jonas chama a atenção para o acesso a coisas que, noutras circunstâncias, os jovens não teriam como já foi referido no capítulo anterior. Como facilidades podemos aqui apontar o financiamento por parte do programa Escolhas, do *RadioActive*, mas também a capacidade de liderança destes três jovens que se constituem como ‘peças’ fundamentais no desenvolvimento das actividades e no investimento na formação dos jovens do centro.

Noutra perspectiva, e incidindo sobre o papel do espaço e não somente do projecto *RadioActive 101*, Renato enumera quais os objectivos que percorrem: “no que diz respeito à parte mais técnica, o objectivo do espaço é fornecer-lhes ferramentas e conhecimento a nível técnico para que eles em casa também possam trabalhar um bocadinho aquilo mesmo para os trabalhos deles pessoais, eles conhecerem um bocadinho melhor o programa, é isto que nós tentamos fazer. Por exemplo, nós lá dentro na informática, trabalhamos alguns programas de edição de imagem, eu trabalho mais com a parte de edição de imagem, e o objectivo é esse, é explicar-lhes e deixá-los trabalhar (...)”. José, por sua vez, ressalva o facto de este tipo de projectos abrirem novos horizontes às crianças e jovens participantes e frisa a possibilidade de se constituírem num investimento futuro.

A professora Rosário Valente, quando se fala em apoio financeiro, começa logo por dizer que a rádio só existe por causa da iniciativa da Câmara Municipal de Cascais explicando: “São eles que nos apoiam, quer a nível financeiro, e isso é importante, mas a nível técnico também têm uma equipa que vem às escolas e que nos apoia e que nos aconselha em determinados aspectos”. Apesar de a rádio ser uma “carolice da nossa parte”, como explica pois, foram os membros da TRIM que montaram o estúdio: “os materiais, foi tudo da Câmara. Se não, não tínhamos rádio na Ibn Mucana”.

Joana, do grupo de foco 1, também faz referência à importância do apoio dado pela Geração C para a existência da rádio na escola: “acho que temos é de ter em consideração, às vezes, algumas das ajudas que nos dão e também pensarmos que, às vezes, é bom referir certas ajudas que eles nos dão porque, muitos não sabem, mas se

não fossem eles a maior parte das coisas que aqui estão não havia e não seria rádio”. Também João, o coordenador da RTA, chama a atenção para o papel da Geração C no desenvolvimento do projecto “Todo o apoio que a Geração C nos dá é à base do apoio técnico, divulgação de actividades, convites para actividades”.

O financiamento e, por sua vez, a existência de projectos e iniciativas que permitam a integração e o desenvolvimento deste tipo de projectos na área da educação para os *media* são a base de crescimento e disseminação dos projectos que, sem qualquer tipo de apoio financeiro, não têm capacidade para se implementar, como foi possível testemunhar através das entrevistas e grupos de foco realizados.

Também se torna importante fazer referência a um dos maiores entraves que pauta estes projectos de rádios escolares- a sustentabilidade- como refere João Silva, da Geração C, como sendo um dos maiores entraves que o projecto enfrenta: “Muitas vezes, uma das dificuldades que nós temos passa pelas equipas e pelos professores, é muito difícil contornar essa barreira, chegamos a alturas que, por exemplo, agora os finais dos períodos e isso é uma altura complicada, os miúdos têm exames e é muito difícil eles gerirem tudo e cada vez mais, e isto têm-se agravado e eu já apanhei dois anos lectivos, e a tendência que vai ser e que possivelmente vai continuar é que os professores cada vez tenham menos tempo para acompanhar as equipas, isso é muito complicado de gerir”. Mediante este ponto de vista, é crucial ultrapassar as questões de renovação de alunos e professores que fazem com que os projectos nunca tenham uma continuidade e, em consequência, nunca tenham o nível de desenvolvimento expectável. Este problema pode ser ultrapassado, como os jovens já fazem na TRIM, incluindo alunos cada vez mais novos e formando-os para que, mais tarde, possam também eles próprios formar outros colegas. Outra solução possível é a realização de manuais, por parte dos alunos, que permitam às novas equipas uma aprendizagem coesa. Em relação aos professores, é importante fomentar um espírito de abertura que permita que a educação para os *media* deixe de ser um assunto marginal à realidade da escola e da educação.

O capítulo da análise de resultados culminou no levantamento de dados, através das entrevistas e grupos de foco realizados, sobre as temáticas que constituem este estudo: rádio, internet e educação. Neste capítulo podemos conferir, pela palavra dos intervenientes, a relação que estabelecem com a rádio, que competências desenvolvem através dos projectos em que estão inseridos, em que medida é que a educação para os

media se torna importante aos olhos dos jovens e comunidade escolar, quais as diferenças entre educação formal e não-formal aos olhos da sua participação nos projectos e o que apontam como vantagens e entraves ao desenvolvimento deste tipo de projectos.

Conclusão

“É inegável uma certa mística associada ao universo radiofónico, sem paralelo na relação que a sociedade estabelece com qualquer outro meio de comunicação” (Nachman, 1998 cit. por Cordeiro, 2010:62).

As considerações finais referentes ao presente trabalho vão revisitare as diferentes ideias e pontos de vista explorados ao longo do estudo e culminá-las num só capítulo.

Actualmente, o espectro radiofónico português, salvo raras excepções de estações de rádio, encontra-se na terceira fase do processo de fusão da rádio com a internet (Herrerros, 2008 cit. por Pacheco, 2010:7), em que as estações hertzianas já produzem conteúdos para o *online*, já possuem uma página na *web* e marcam presença em várias redes sociais. Assinale-se que essa realidade se assemelha nos projectos em estudo, que, à sua escala, utilizam a internet e as redes sociais como ferramenta para divulgar conteúdos. De facto, a esse nível, a aliança entre a rádio e a internet veio trazer vantagens no que toca a custos, autorizações, disponibilização de conteúdos, entre outros.

A rádio na internet oferece, de facto, “um amplo conjunto de potencialidades” ao utilizador, já não mero ouvinte, diz Paula Cordeiro (2004b). Assim, o conceito de rádio na internet pode ser entendido como uma resposta às exigências da sociedade tecnológica e do ouvinte-utilizador. Estas facilidades da rádio nas condições do digital também se evidenciam no que toca ao tipo de projectos como os analisados no estudo pois, principalmente o baixo custo é aliciante para projectos que dependem de financiamentos incertos. Também a possibilidade de emitir *online* e de divulgar os projectos através das redes sociais ou até de uma página *web* são factores que permitem o empoderamento deste tipo de rádios, já que amplificam o seu alcance e permitem estabelecer pontes com as culturas juvenis.

Em relação ao público jovem, a internet facilitou o acesso ao mundo musical, ao *download*, à criação de web rádios, factores que afectam directamente as emissoras de rádio hertziana. O público jovem que consome rádio é activo e migratório, “demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação” (Cardoso & Rocha, 2011:184). Neste estudo, encontrámos jovens que consideravam a rádio um meio de comunicação importante mas que, quando se fala em hábitos de consumo, estes surgem directamente relacionados com a música. Os jovens confessam ouvir rádio no

carro a ir para a escola, em casa e na internet mas esta utilização está mais relacionada com a música visto que afirmam que a rádio serve de despertador pois é agradável acordar logo de manhã com música. Fazem ainda referência ao carácter repetitivo das programações, principalmente das músicas, e é este o factor que confessam levar à troca de estação.

A relação cada vez mais estreita que os jovens mantêm com a internet e os meios de comunicação revela a pertinência e actualidade da elaboração do Referencial da Educação para os Media onde se chama a atenção para a importância da formação destas crianças e jovens, públicos mediatizados, para uma utilização informada da internet e dos meios de comunicação ressaltando a introdução desta matéria no quadro do sistema educativo (Pereira *et al.*, 2014:2). A educação para os *media* mostra ser cada vez mais necessária para proteger e capacitar os indivíduos, desde idades precoces, na sua utilização [dos *media*], que convida cada vez mais a uma participação. Também no nosso estudo encontramos agentes convencidos da importância crucial de projectos que estimulem o contacto dos jovens com os meios de comunicação social, que possibilitem aos jovens gerar novos conhecimentos e aumentar o seu ‘currículo’ e ainda que invistam numa vertente mais prática que crie bases para oportunidades futuras.

A emergência da introdução da temática da educação para os *media* no sistema educacional advém da preocupação em relação ao papel da escola e dos educadores perante a sociedade audiovisual. Como defende Jacques Gonnet (2007 cit. por Silveira, 2011:802), “a escola deve construir-se como elemento activo, na medida em que deve ensinar os alunos a utilizar e decifrar os meios de comunicação”. Quando inquiridos acerca da introdução dos meios de comunicação social nos programas curriculares das disciplinas, os entrevistados responderam positivamente fazendo ainda sugestões de actividades como simular a gravação de uma notícia ou entrevista para apresentar diante da câmara. A familiarização dos mais novos com as práticas associadas à educação para os *media* torna-se favorável e fundamental para a construção de um meio de “iniciação à política e consciencialização do mediatismo e das práticas de valores democráticos, através da produção de *media*” (Gonnet, 2007 cit. por Silveira, 2011:798).

Dada a importância de transformar os jovens em produtores e criadores de *media*, a escola tem vindo a tirar partido e a beneficiar desta nova funcionalidade da rádio que, aliada à internet, facilita os processos de produção e divulgação de conteúdos e diminui os custos relativos à sua implementação. Não é possível afirmar que a escola é

a única entidade a desempenhar um papel crucial no desenvolvimento destes projectos. Também várias entidades, nacionais e internacionais, apoiam projectos para a educação para os *media* e desenvolvem-nos em centros comunitários e/ou centros de jovens onde se pretende, tal como no *RadioActive*, implementar medidas que contribuam para aumentar o nível de educação e empregabilidade de jovens em situações de risco e exclusão social. Como foi testemunhado através das entrevistas e grupos de foco realizados, os jovens que participam nestes projectos desenvolvem competências a nível técnico e social que, e nas palavras dos mesmos, não desenvolveriam noutros ambientes. Para além do incentivo à produção de textos, à leitura e compreensão oral, à pesquisa e selecção de informação e à utilização informada dos meios (Junior, J., Coutinho, C., 2008:104-105), estas crianças e jovens adquirem habilidades de trabalho de grupo, espírito de equipa, de convívio, de respeito pelos colegas, professores e comunidade, de liberdade de expressão, entre todas as outras enumeradas ao longo do trabalho, que nos fazem acreditar numa dimensão de educação para os *media* que se enquadra numa educação para a cidadania e numa capacitação para a participação na vida em sociedade.

Os resultados obtidos justificam a pertinência de estudar estas questões junto das escolas, dos centros e das suas crianças e jovens. O Referencial para a Educação para os Media, que só por si representa uma contribuição bastante positiva para a implementação e desenvolvimento de iniciativas nesta temática, foi alvo de análise quando se abordou a questão das competências tanto técnicas como sociais, sendo deixadas propostas no âmbito da rádio pelo que foi testemunhado tanto nas entrevistas como nos grupos de foco mas também através da análise dos programas *RadioActive 101* que proporcionaram uma contextualização antes do trabalho de campo. Assim, além da implementação de programas e projectos de educação para os *media*, é preciso avaliá-los.

Ainda em relação ao Referencial da Educação para os Media, importa frisar que as propostas feitas se prendem com a pouca referência ao contexto radiofónico, no documento em questão, contrapondo o seu baixo custo e facilidade de acesso. Dada a evidência das competências desenvolvidas, como pudemos testemunhar, é possível defender que a rádio revela contribuições no que toca às condições do digital que conferem aos jovens uma estrutura mais acessível e dinâmica para o desenvolvimento de projectos, face a outros meios.

Em relação às competências, podemos apontar como valências do uso educacional da rádio a aquisição de técnicas e ferramentas provenientes dos programas que utilizam; a aprendizagem, muitas vezes, é de cariz autodidacta e daí surge a formação de jovens estimulados e com espírito de sacrifício, a entreaajuda e o espírito de equipa que contribui para o empoderamento da relação entre os jovens, colegas e comunidade; a motivação e satisfação fruto da visibilidade que os projectos proporcionam ao seu trabalho; a pertinência dos temas tratados como ponto importante para a integração na comunidade ou no ambiente escolar; e a aquisição de conhecimentos na área dos *media* que lhes permite a elaboração de entrevistas, de reportagens ou de notícias e que, por conseguinte, ajuda a desenvolver capacidades orais e expressivas associadas à prática jornalística em rádio.

Não obstante a importância das competências acima enumeradas, torna-se crucial abordar as questões da educação formal e não formal e da ligação que estabelecem com este tipo de projectos. Como foi dito, não é possível associá-los, de ânimo leve, a um tipo de educação ou a outro, visto que, não existe uma separação clara entre estas duas faces da educação. Em relação às escolas que integraram este estudo, se, de início, se pensava que poderiam estar associadas a uma educação formal contrapondo com o projecto *RadioActive* que estaria associado a uma educação não formal, o trabalho com os jovens e professora da TRIM evidenciou uma posição que pende para as directrizes da educação não formal. Segundo a opinião dos jovens, estes projectos levam à aquisição de competências e conhecimentos e preenchem lacunas no que toca à educação formal; os jovens afirmam ainda que seria bastante mais proveitoso que a relação que estabelecem no âmbito do projecto (mais casual e mais próxima) fosse estendida às disciplinas curriculares.

Em tom de conclusão, e falando agora dos entraves a este tipo de projectos, não são de negligenciar as questões de sustentabilidade e continuidade dos projectos e do apoio técnico e financeiro. Como foi possível entender, através dos testemunhos dos entrevistados, a escola e o próprio corpo docente ainda se encontram reticentes ao investimento na educação para os *media*, afectando o desenvolvimento deste tipo de projectos. A falta de apoio e participação dos professores, a falta de equipamento ou de qualidade do mesmo, a falta de liberdade para a escolha dos conteúdos, que são seleccionados pela direcção da escola ou por entidades que trabalham em parceria com a rádio ou a falta de motivação que, muitas vezes, afecta os jovens por não se tratarem

de temas do seu interesse ou por problemas de concentração e empenho, são factores que se constituem como pontos a melhorar. Seria necessário que o financiamento a este tipo de projectos fosse superior e por um espaço de tempo maior, pois torna-se impossível colher frutos sem uma formação e aprendizagem mais prolongadas. O interesse e envolvimento dos professores neste tipo de projectos seria essencial para que se assegurasse uma sustentabilidade dos projectos. A formação de alunos cada vez mais novos garante a perpetuação dos projectos e o aperfeiçoamento do currículo, realidade já observada nos projectos estudados.

A investigação com os projectos, que foram alvo de estudo deste trabalho, não foi tão intensa nem regular quanto o pretendido. Daí que, para linhas futuras deste trabalho, anseia-se pela possibilidade de acompanhar todas as escolas inseridas no *Projecto Rádio e TV nas escolas* para perceber se existem diferenças no sistema organizacional da rádio, se a relação com a comunidade escolar e corpo docente é semelhante à analisada, se as relações que se estabelecem no âmbito do projecto cumprem as mesmas diretrizes que as analisadas e se as competências desenvolvidas se assemelham ou se alteram consoante o contexto em que a escola está inserida. Visto que este projecto inclui rádio e televisão escolar, seria interessante fazer uma análise dos dois meios para comparar a utilização de um e de outro e testemunhar qual o investimento na educação para os *media* e as vantagens colhidas destes projectos. Em relação ao projecto *RadioActive101*, as ambições são semelhantes. Seria proveitoso continuar a analisar os programas realizados pelos três centros, incluindo o de Coimbra, para comparar a realidade dos mesmos e registar a evolução das crianças e dos jovens, já que os contextos influenciam a implementação do projecto. Seria igualmente relevante, no âmbito do projecto *RadioActive 101*, um acompanhamento mais regular com as crianças e jovens no sentido de perceber que competências desenvolveram de facto, em que foi benéfica a utilização da rádio na sua vida pessoal e a relação que estabelecem com este meio de comunicação.

Num âmbito mais geral, seria essencial a realização de um estudo sistemático que englobasse todas as iniciativas nacionais inseridas na presente temática e os seus respectivos resultados como base de documentação que permitisse às futuras investigações obter uma visão mais ampla da realidade que pretendem estudar e por que parâmetros se rege essa mesma realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/1/Paradigma%20Qualitativo%20e%20Pr%C3%A1ticas%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Educacional.pdf> [Consult. 27 Dez.2013]
- Assumpção, Z. (2006). Radioescola: locus de cidadania, oralidade e escrita. *UNIrevista*, vol. 1, nº3. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Assumpcao.PDF [consult. 1 Nov.2013]
- Brites, M., Jorge, A., Santos, S., Navio, C. (em edição). *RadioActive Europe: jovens, o digital e as suas comunidades*. In: 2.º Congresso Literacia, Media e Cidadania; Lisboa, Maio 2013.
- Brites, M., Santos, S., C., Jorge, A., Navio, C. (2014). Problematizar para intervir: rádio online e educação para os media como estratégia de inclusão de jovens. *Observatorio (OBS) Journal*, vol.8 – nº1, 145-169.
- Buckingham, D. (2003). *Media Education: Literacy, Learning and Contemporary culture*. Cambridge UK: Polity Press.
- Camargo, R. (2012). Rádio Aplicação: uma experiência educomunicativa. *Revista Eletrônica Pro-docência* vol. 1, 1-15. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/NOVOS%20TEXTOS%2006%20a%2014/ROBERTO%20CAMARGO%20-%20COLEGIO%20APLICaO.pdf> [consult. 5 Nov.2013]
- Cancian, J., Madeira, A., Schlosser, C., Carraro, M., Berté, P. (2008). *O rádio como instrumento facilitador no processo de inclusão social*. Trabalho de Conclusão do Curso em Radiojornalismo. Unipar- Universidade Paranaense, Brasil. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/cancian-juliana-radio-como-instrumento-facilitador.pdf> [Consult. 1 Out.2013]
- Cardoso, R., Rocha, C.M. (2011). A relação do público jovem com a rádio na actualidade. *Comunicação, mídia e consumo*, ano 8, vol. 8, n. 22, 167-186.

Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/225>
[Consult. 1 Out.2013]

Carias, L., Cilião, M., Maia, A. (2012, Junho). *Nas ondas da antena 23: a rádio escola e as suas interferências na formação dos alunos do Colégio de Aplicação João XXII*. In: 17º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0927-1.pdf> [consult. 27 Nov.2013]

Cavalcante, L. (s.d). *Mídia na educação: o rádio no processo educativo*. Pesquisa em educação: desenvolvimento, ética e responsabilidade social. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/MIDIA-NA-EDUCACAO---O-RADIO-NO-PROCESSO-EDUCATIVO.pdf> [consult. 1 Nov.2013]

Cordeiro, P. (2004a). *A rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução*. Resumo da investigação desenvolvida para uma Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação (A rádio em Portugal – Consensos, Dialogismos e Interactividade: da palavra analógica ao ouvido digital). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=52
[Consult.5 Jun.2013]

Cordeiro, P. (2004b). *Rádio e Internet: novas perspectivas para um velho meio*. Resumo do trabalho desenvolvido para apresentação no 2º Congresso Ibérico de Comunicação, Covilhã. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas.pdf> [Consult. 26 Set.2013]

Cordeiro, P. (2005). *Experiências de rádio produzidas para e por jovens: o panorama português das rádios universitárias*. *Actas do 1º Encuentro Iberoamericano de Radios Universitarias*. Granada. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-experiencias-de-radio.pdf> [consult. 28 Set.2013]

Cordeiro, P. (2010). *Uma abordagem à comunicação, rádio e indústrias culturais na era digital*. In: Cordeiro, P, 2010. *A rádio e as indústrias culturais: estratégias de programação na transição para o digital*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Diegues, V. (2010). *Educomunicação: produção e utilização de podcasts na dinamização de uma webrádio*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade do Minho. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13667/1/Tese.pdf> [consult. 8 Nov.2013]
- Freire, P. (1987). *A Educação como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gadotti, M. (2005). A Questão da educação Formal/Não-Formal. *Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problem sans solution?*, (pp. 1-11). Institut International Des Droits de L'Enfant (IDE), Suisse. Disponível em: http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/estrutura_politica_gestao_organizacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf [Consult. 10 Jan.2013]
- Gomes, L. A. (2008). Processos educacionais- a experiência de rádio-escola no Assentamento Santana. *Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, Braga. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/309/293> [Consult. 25 Nov.2013]
- Gómez, J. (2011). Pantallas en la sociedad audiovisual: edu-comunicación y nuevas competencias. In: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. *Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania"*. Braga. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/view/710> [Consult. 21 Out.2013]
- Gonnet, J. (2007). *Educação para os Media: As controvérsias fecundas*. Porto: Porto Editora.
- Gustafsson, J. (2012). Community Radio as Promoters of Youth Culture. In: Tufte, t., Wildermuth, N., Hansen-Skovmoes, A., Mitullah, W., 2013. *Speaking Up and Talking Back? Media, Empowerment and Civic Engagement among East and Southern African Youth*. Nordicom, University of Gothenberg: The International Clearinghouse on Children, Youth and Media.

- Junior, J., Coutinho, C. (2008). Rádio e Tv na Web: vantagens pedagógicas e dinâmicas na utilização em contexto educativo. *TEIAS*: Rio de Janeiro, ano 9, nº17. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7964/1/Radio%20e%20TV.pdf> [consult. 25 Out.2013]
- Khan, A. W. (2008). “Introduction”. Empowerment Through Media Education: An Intercultural Dialogue, Carlsson, U., Tayie, S., Jacquinot-Delaunay, G., Tornero, J. M. P. (eds.). Gotemburgo, Nordicom: 15-18.
- Leal, S. (2010). Encontros com a Rádio: Um espaço de cidadania e trabalho com o oral e o escrito na escola. In: *2º Encontro Nacional Os Mass Media e a Escola – Ondas Rádio*. Ponta Delgada. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/647/1/Encontros%20com%20a%20R%C3%A1dio%20um%20espa%C3%A7o%20de%20cidadania%20e%20trabalho%20-%20com%20o%20oral%20e%20o%20escrito%20na%20escola.pdf> [consult. 8 Nov.2013]
- Lopes, P. (2011). Educação para os Media nas sociedades multimediativas [CIES e-Working Paper, nº 108]. *Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa*. Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP108_Lopes.pdf [Consult. 13 Out. 2013]
- Meditich, E. (2005). O elogio do invisível pelo mestre da imagem: Rudolf Arnheim e o poder estético da rádio. In: NP-06 Rádio e Mídia Sonora. *4º Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-elogio-do-invisivel.pdf> [Consult. 2 Out.2013]
- Meneses, J.P. (2007). *Internet: Possibilidades e ameaças para a rádio musical*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meneses-joao-paulo-internet-possibilidades-ameacas.pdf> [Consult. 2 Out.2013]
- Meneses, J.P. (2011). Os jovens e a rádio (em Portugal): Uma geração perdida?. *Observatorio (OBS*) Journal*, vol.5, nº2, 053-078. Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-59542011000200004 [Consult. 1 Out.2013]

- Morgan, D. (1996). Focus Groups. *Annual Review of Sociology*, Vol. 22, 129-152.
Disponível em: http://digitalvillage.org.uk/docs/wp-content/uploads/2009/02/morgan_d_1_1996_focus_groups_annual_review_of_sociology.pdf [consult. 30 Nov.2013]
- Mozzato, A., Grzybovski, D. (2011, Jul/Ago). *Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios*. *RAC*, v.15, 731-747. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>
- OberCom, 2011-2012. Anuário da Comunicação 2011-2012. Lisboa: OberCom.
Disponível em: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=28&fileName=Anuario2012.pdf>
[Consult. 25 Set.2013]
- Oliveira, M. (2013). A história surda dos estudos de rádio e os desafios da investigação sobre as significações do ouvir. *Revista da Cultura Audiovisual*, v.40, 71-87.
Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/59951>
[Consult. 23 Ago.2013]
- Pacheco, M. (2010). *A rádio na internet: do “on air” para o “online”*. Estudo de caso do Serviço Público e o caminho para o futuro. Trabalho de Projecto de Mestrado em Novos Media e Práticas Web, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://run.unl.pt/handle/10362/4661> [Consult.5 Jun.2013]
- Pereira, S., Pinto, M., Madureira, E., J. (2014). *Referencial de Educação para os Media para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência. Disponível em: http://erte.dge.mec.pt/index.php?action=view&id=1333&date_id=1409&module=calendarmodule§ion=9 [Consult. 15 Jan.2013]
- Pinto, M., Pereira, S., Pereira, L., Ferreira, T. (2011). *Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho: Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Ponte, C. (2012). *Crianças e Media. Pesquisa internacional e contexto português do século XIX à actualidade*. In: Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.

- Portela, P. (2006). *Rádio na internet em Portugal: A abertura à participação num meio em mudança*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6251> [Consult.5 Jun.2013]
- Quivy, R., Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Silveira, A. (2011). A Educação para os Media: uma abordagem teórica acerca do conceito e da sua aplicação no contexto educativo. In: Actas do 1º Congresso Nacional “Literacia, Media e Cidadania”. Braga, Março 2011, Centro de estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/lmc/article/view/513> [Consult. 21 Out.2013]
- Soares, I., O. (1999). Comunicação/Educação: Emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contacto: Revista brasileira de comunicação, arte e educação*, nº2, 19-74. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf> [Consult. 10 Nov..2013]
- Teixeira, M., Silva, B. (2009a). Experiências do rádio na educação online. In: Actas do 10º Congresso Internacional Galego- Português de Psicopedagogia, Universidade do Minho, 2009. Braga. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9967/1/EXPERI%25C3%258ANCIAS%2520DO%2520R%25C3%2581DIO%2520NA%2520EDUCA%25C3%2587%25C3%2583O%2520ONLINE.pdf> [consult. 22 Out.2013]
- Teixeira, M., Silva, B. (2009b). Rádio Web: Educação, Comunicação e Cibercultura no Universo Académico Português. In: Dias, P., Osório, A. J., org. – “Challenges 2009: Actas da Conferência Internacional de TIC na Educação, 6, Braga, Portugal, 2009”. Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10020/1/R%25C3%25A1dio%20Web%20Educa%25C3%25A7%25C3%25A3o,%20Comunica%25C3%25A7%25C3%25A3o%20e%20Cibercultura%20no%20Universo%20Acad%25C3%25A9mico%20Portugu%25C3%25AAs.pdf> [consult. 28 Set.2013]
- Teixeira, M., Silva, B. (2010). Rádio web e podcast: integração, diferenças e interactividade na educação. *Actas do 9º Colóquio sobre Questões Curriculares/*

5º Colóquio Luso Brasileiro. *Debater o Currículo e seus Campos: Políticas, Fundamentos e Práticas*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18255/1/R%C3%A1dio%20web%20e%20podcast%20integra%C3%A7%C3%A3o,%20diferen%C3%A7as%20e%20interactividade%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> [consult. 25 Out.2013]

Tereso, R. (2012). *O diálogo entre a rádio e a internet na informação da Antena 1*. Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://run.unl.pt/handle/10362/9052> [Consult. 25 Ago.2013]

Webgrafia

<http://erte.dgidec.min-edu.pt> [consult. 14 Nov.2013]- Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

<http://pt.radioactive101.eu/> [consult. 14 Nov.2013]

http://www.geracaoc.com/conteudo.aspx?lang=pt&id_object=562&name=Radio-e-TV-nas-Escolas [consult. 14 Nov.2013]

<http://www.literaciamediatca.pt/7diascomosmedia/apresentacao> [consult. 14 Nov.2013]

<http://www.scuolaradioelettra.it/> [consult. 25 Out.2013]

<http://www.televisioneducativa.gob.mx/index.php/quienes-somos/red-edusat> [consult. 25 Out.2013]

<http://www.radioecca.org/index.php> [consult. 25 Out.2013]

<http://recursos.cnice.mec.es/media/radio/bloque9/index.html> [consult. 25 Out.2013]

<http://www.radio.ufpa.br/> [consult. 25 Out.2013]

<http://www.rum.pt/> [consult. 25 Out.2013]- Rádio Universitária do Minho

www.ruc.pt [consult. 25 Out.2013]- Rádio Universitária de Coimbra

www.universidade.fm [consult. 25 Out.2013]

www.rua.pt [consult.25 Out.2013]- Rádio Universitária do Algarve

educamedia.educatic.info [consult. 25 Out.2013]

<http://www.programaescolhas.pt/apresentacao> [consult.20 Jan.2014]

ANEXOS

Apêndice 1. Guião das entrevistas e grupos de foco

1.1- Guião de entrevista – Professora Rosário Valente e aluno João Pinto

Primeira Parte – Origem e caracterização do projecto de rádio

1. A criação desta rádio está inserida no programa “Rádio e TV nas escolas” desenvolvido pela Câmara Municipal de Cascais? Este projecto ainda se encontra em vigor?
2. Que objectivos foram traçados para este meio de comunicação escolar?
3. Quais foram as razões que levaram a escola a candidatar-se ao projecto “Rádio e TV nas escolas”?
4. A rádio faz parte dos programas das disciplinas ou é adoptada como actividade extracurricular?
5. Existe, por parte da escola e dos professores, uma tentativa de inserir os meios de comunicação social nos programas das disciplinas ou são fiéis à estrutura tradicional de ensino?
6. A Educação para os Media é uma matéria de interesse nesta escola?

Segunda Parte – A rádio e a sua programação

1. Sendo que a rádio é feita pelos e para os alunos são eles também que escolhem os conteúdos programáticos e as *playlists*?
2. Existe algum tipo de regras definidas pelo professor coordenador ou pela direcção em relação aos conteúdos radiofónicos seleccionados pelos alunos?
3. As emissões da rádio decorrem em que horários? E são difundidas pela escola?
4. Os conteúdos que fazem parte das emissões são limitados ao ambiente escolar ou ultrapassam as barreiras da escola e pretende explorar outras realidades?

Terceira Parte – A rádio e a educação

1. Como professora coordenadora do projecto de rádio, que vantagens pensa que a rádio trouxe à escola?
2. Os alunos participam voluntariamente ou como parte de disciplinas?
3. E para os alunos? Que capacidades são desenvolvidas através da rádio?
4. Considera este projecto inovador? Porquê?
5. Têm ligação com outros projectos da Câmara Municipal de Cascais? Quais acha que são as principais diferenças do vosso projecto?
6. Fazendo um balanço do tempo em que está a coordenar a rádio da escola, o que diria que são os pontos fortes deste projecto? Que capacidades permitiu desenvolver aos alunos que participam?

1.2- Guião grupos de foco

Primeira Parte – Rádio

1. O que é, para vocês, a rádio?
2. Como é que a rádio apareceu na vossa vida? Lembram-se da primeira vez que ouviram rádio?
3. Onde é que costumam ouvir rádio? E ouvem sozinhos ou com companhia?
4. O que costumam ouvir na rádio?

5. Quais são as vossas rádios preferidas?
6. E em relação à música? O que acham das *playlists* das rádios portuguesas?
7. Quem é que escolhe as músicas que passam na rádio da escola?
8. Os programas que fazem para a rádio da escola são sugeridos por quem? Pelos alunos da rádio ou qualquer aluno da escola pode dar ideias?

Segunda Parte – Rádio e Internet

1. Por que meios ouvem música na internet?
2. Ouvem rádio através da internet?
3. Acham que a internet modificou a rádio? Em quê?
4. E em relação às rádios que só emitem na internet. Costumam ouvir? Quais?
5. Aqui na rádio da escola também utilizam a internet para divulgar o que fazem?
6. Quem é que gere o canal do *Youtube* do projecto rádio?

Terceira Parte – Rádio e Educação

1. Porque é que decidiram participar no projecto de rádio da escola?
2. Acham que a rádio vos ensinou alguma coisa? O quê?
3. Pensam que a rádio e os restantes meios de comunicação deviam estar inseridos nos programas da escola como conteúdos obrigatórios?
4. O que é que aprenderam com a rádio que não podem aprender com as disciplinas como o português, a matemática, etc.?
5. O que é que mais gostaram de fazer na rádio da escola?
6. Do que é que não gostaram ou correu mal?
7. Se tivessem que explicar a jovens de outra escola porque deviam fazer este projecto na sua escola, o que lhes diriam?

1.3- Guião de entrevista Geração C- Origem e caracterização do projecto “Rádio e TV nas Escolas”

1. Como surgiu e em que consiste o projecto “Rádio e TV nas escolas” desenvolvido pela Câmara Municipal de Cascais?
2. Que objectivos foram traçados para este projecto?
3. Como se estabelece a relação entre a Geração C e estes meios de comunicação escolar?
4. Existiu algum tipo de selecção na escolha das escolas que agora fazem parte do projecto?
5. Como é feito o acompanhamento dos projectos?
6. Cada escola tem metas específicas para o seu projecto? Quem as define?
7. Existe, por parte da Câmara Municipal de Cascais e da Geração C, uma tentativa de investir na educação para os Media? É esse o objectivo principal deste projecto?
8. Qual é a interferência da Geração C na programação destes meios de comunicação escolar?
9. Existe algum tipo de regras em relação ao conteúdo programático definidas pela Geração C ou são as próprias escolas que definem as suas barreiras?
10. Este projecto pretender estar ligado apenas ao ambiente escolar ou explora assuntos que ultrapassam as barreiras da escola?
11. Existe mais algum projecto desenvolvido pela Câmara e Geração C ligado à área da educação para os *media*?

12. Que vantagens considera que este tipo de iniciativas traz às escolas e principalmente aos alunos?
13. Fazendo um balanço do tempo em que está inserido/a no projecto, o que diria que são os pontos fortes e fracos desta iniciativa? Que capacidades permitiu desenvolver nos alunos que participam?

Apêndice 2. Transcrição das entrevistas e grupos de foco

2.1- Escola Secundária Ibn Mucana- Entrevista à professora Rosário Valente, coordenadora da TRIM (Televisão e Rádio Ibn Mucana) - 3 de Dezembro de 2013

Rosário Valente: O meu nome é Rosário Valente e sou professora de Físico-química na escola secundária Ibn Mucana e sou coordenadora do projecto TV e Rádio Ibn Mucana, TRIM.

Entrevistadora: A criação da TRIM está inserida no programa “Rádio e TV nas escolas” desenvolvido pela Câmara Municipal de Cascais? Em que consiste este projecto?

R.V: Sim, sim. O projecto já remonta a 2005/2006, não foi o meu, não fui eu que me candidatei, foi um colega meu que entretanto já se reformou e foi um projecto lançado pela Câmara Municipal de Cascais para a criação de rádios escolares, na altura só rádio escolar, e o meu colega apresentou o projecto e entretanto ele reformou-se e peguei eu no projecto. O projecto foi aceite, esta rádio foi feita de raiz, portanto não havia, havia uma infra-estrutura assim muito pequenina que era uma arrecadação e depois juntámos as salas e tudo mais e foi tudo feito por alunos na altura que inseriram, que ficaram, já tinham algum contacto com o projecto, que eram alunos do professor Artur Duque, e outros alunos que nos ajudaram a construir em termos de electricidade, electrónica e tudo mais que eram do curso profissional de electricidade que existia e foram eles que nos fizeram essa montagem técnica toda, portanto foi tudo FEITO POR NÓS.

E: Quando a professora chegou à rádio que objectivos tinham sido traçados para este meio de comunicação escolar?

R.V: Foi mesmo para desenvolver competências nos alunos em termos de comunicação social e, não só, de tornar a escola MAIS VIVA. Na altura, ainda não tanto o ver algumas actividades que a escola tinha, era mesmo para tornar a escola mais viva e os alunos que participassem no projecto tivessem essas, essas, que lhes fossem dadas sem ser num contexto de disciplina, que eles têm nomeadamente a português, eles dão a parte da comunicação social a português e nomeadamente também a história, em física dão uma parte mais técnica, mas a ideia era de facto eles num clube, tal como já havia o clube de jornal, existir um clube de rádio onde efectivamente um grupo de alunos estimulasse ESSA MAGIA que é a magia da rádio, depois da televisão.

E: Mais tarde, quando a escola aderiu, já com a professora, ao projecto da Câmara Municipal de Cascais, quais foram as razões que a levaram a candidatar a escola ao projecto?

R.V: É assim a rádio existia, a rádio TRIM existe por causa desse projecto da Câmara, pelo convite feito pela Câmara, antes não existia rádio, existiu há muito anos atrás, soube entretanto, por ex-alunos que já, sei lá, isto há 20/25 anos atrás, existia uma rádio na escola mas foi completamente desmantelada, portanto deixou de existir. A rádio só existe hoje porque houve isto da Câmara.

E: Então o outro professor já estava inserido neste projecto?

R.V: Sim, foi ele que apresentou o projecto, não teve foi tempo de começar efectivamente no campo, fez só mesmo o projecto e eu é que o apanhei e continuei.

E: A professora consegue-me dizer, pronto eles falam dos meios de comunicação social em história, em português, mas [

R.V: [Eles já fizeram alguns trabalhos para a disciplina de Inglês precisamente porque também está nos conteúdos de Inglês.

E: Mas a rádio em si não faz parte dos programas da [

R.V: [FAZ, a rádio faz. Os meios de comunicação e a rádio fazem. De Português, de Inglês e de História, esses tenho a certeza, e depois as comunicações, telecomunicações, faz parte também de Físico-Química, mas eu lembrei-me de Inglês porquê? Porque há, e já começa a haver cada vez mais, os pedidos de professores dizerem aos meninos para fazerem trabalhos de pesquisa, trabalhos de grupo, em que eles vêm aqui à rádio pedir ajuda para fazer esses trabalhos

E: Então a rádio também serve e entra nos programas das próprias disciplinas?

R.V: [Exactamente, exactamente.

E: Portanto a escola dá, de certa forma, importância à educação para os *media*?

R.V: [Sim, sem dúvida.

E: [Sendo que é uma matéria cada vez mais importante de ser estudada

R.V: [Sim, EXACTAMENTE, não só porque está nos currículos que cada vez mais é a imagem, o som, a informação imediata que é importante e estes miúdos têm-se destacado de alguma forma não é? E isto é uma maneira de que eles possam ter uma mais-valia quando acabarem o seu secundário, nomeadamente o curso.

E: Agora passando para a TRIM, mais propriamente, sendo que a rádio é feita pelos alunos e para os alunos, são eles que seleccionam tantos os programas como [

R.V: [São eles que fazem TUDO e quando têm alguma dúvida, eles vão-me sempre dizendo tudo, quando têm alguma dúvida, alguma coisa mais especial, pedem ajuda. Eu sou de facto a que está mais tempo com eles, não é? Nós não temos horas não lectivas para isto, isto é uma carolice da nossa parte, mas depois tenho dois professores que também nos ajudam bastante, que é o professor José Nogueira, mais a nível técnico e a nível do portal, que é o coordenador do plano tecnológico da educação aqui da escola, e o professor Carlos Silva que está com eles e tem o clube de informática com os mais pequeninos, quintos e sextos anos, e depois canaliza também esses meninos para um *blogue* de notícias, portanto fazem notícias, e depois colocamos essas notícias às vezes em rádio ou em televisão, portanto conseguimos fazer essa ligação [

E: [Portanto fazem todo um tipo de actividades que estão ligadas à educação para os *media* e que convergem tanto a rádio como a Internet como o jornal

R.V: [Exactamente, exactamente. Eles têm [

E: [Têm total liberdade?

R.V: EXACTAMENTE. Depois quando têm alguma dúvida vêm perguntar, é tipo, ‘se calhar é melhor não fazermos desta maneira não é?’ Convém. Mas não, são eles que têm as ideias, que fazem [

E: [Mas estão sempre sob a aprovação da Direcção da escola?

R.V: NÃO, NÃO. É assim, de mim e depois quando eu detectar alguma situação um bocadinho mais complicada, que se calhar é melhor eu perguntar porque alguma temática seja mais sensível, então eu aí vou directamente à Sra. Directora que efectivamente me diz se é para avançar, se não, para ter alguns cuidados.

E: As emissões decorrem em que horário?

R.V: Só aos intervalos. Infelizmente é só nos intervalos.

E: [E são difundidas pela escola toda?

R.V: [Pela escola toda quer dizer, pelo RECREIO. Tínhamos inicialmente, tínhamos umas colunas no bar dos alunos, só que com tanto barulho e depois com a chegada dos meninos do ciclo, de facto o barulho, com a música, com tudo, mais as funcionárias que têm dificuldade em ouvir, criava-se ruído, portanto em vez de ser uma coisa simpática, acabou por ser ruído então essas colunas só são ligadas esporadicamente quando há algum evento ou coisa que o valha.

E: Os conteúdos que são tratados nas emissões referem-se apenas ao ambiente escolar ou podem explorar assuntos que ultrapassem as barreiras da escola?

R.V: Eles TENTAM fazer isso e agora até criaram uma, a rubrica do “Fala por ti” em que o primeiro tema, eu julgava que eles iam escolher um assunto qualquer, mas o primeiro tema que eles escolheram foi a CRISE que é uma coisa que, pelos vistos, afecta também os mais novos e eles sentem isso, portanto eles tentam ir um bocadinho mais além e há sempre outras coisas, nomeadamente a Geração C, que nos pedem para divulgar, para fazer algum trabalho, outro tema que venha, outra solicitação, por exemplo a associação de pais, por exemplo nos pede determinadas coisas e nós fazemos.

E: [Porque a rádio aqui tem uma ligação directa à Geração C que apoia este tipo de projectos nas escolas do município

R.V: [É, É, exactamente. São eles que nos apoiam, quer a nível financeiro, e isso é importante, mas a nível técnico também têm uma equipa que vem às escolas e que nos apoia e que nos aconselha em determinados aspectos.

E: [Quando fala em financiamento, os equipamentos foram cedidos então pela Câmara de Cascais, as salas, construção, sonorização?

R.V: Sim, sim, sim. Fomos NÓS que fizemos tudo, mas os materiais foi tudo da Câmara. Se não, não tínhamos rádio na Ibn Mucana.

E: Enquanto coordenadora do projecto de rádio, que vantagens é que consegue apontar que a TRIM trouxe à escola?

R.V: Olhe a escola ficou, de facto, muito mais VIVA, em termos de qualidade de, dos eventos que se realizam na escola, em termos de equipamento e de alguma, como é que eu hei-de dizer? de alguma ajuda técnica que não havia existe, e agora não é só uma pessoa, não é só um professor que sabe, é um CONJUNTO DE PESSOAS, são alunos mas são pessoas que já estão com alguma experiência. Ainda hoje existiu uma palestra, eu não sabia, não estava, e então foi só procurar um aluno da TRIM e eles mobilizaram-se e foram montar tudo, foram filmar portanto, em termos de, da criação de, e isso é uma tentativa do agrupamento, a criação de um portefólio com todos os eventos que acontecem na escola e que são muitos, isso existe graças à TRIM, portanto nós conseguimos filmar tudo, fazemos pequenas peças, ainda a semana passada fomos filmar o primeiro torneio de *surf* do desporto escolar, que a nossa escola é um centro de formação do desporto escolar de *surf*, e fomos a S. Pedro sábado de manhã, um frio de rachar, mas fomos filmar para que isso ficasse registado, portanto, isso é uma mais valia para a escola que vai ficar com um conjunto de memórias devidamente documentadas com alguma qualidade e sem existir a TRIM isso não existia e vejo, principalmente destes miúdos que passam por aqui, e já passaram alguns apesar de não ser assim há tantos anos, são seis anos, mas já passaram alguns, em que efectivamente os marca, MARCA, porque eles ganham autonomia, sabem trabalhar em equipa que é IMPORTANTÍSSIMO, se não estiverem neste tipo de clubes não conseguem, criam vontade de saber mais sobre os meios de comunicação, há alunos de ciências que passaram por aqui que a sua opção foi ir para comunicação social, e isso é uma MAIS VALIA, portanto em termos dessas competências, do saber estar, do saber ouvir, do espírito de equipa, do esforço, de saberem que as coisas não aparecem por nada, do espírito de sacrifício, isto eles só têm aqui, eu numa aula de físico-química não consigo transmitir esse tipo de situação, isso é muito importante para os miúdos, para o crescimento pessoal deles é muito importante.

E: [Quando a professora falou em agrupamento, a TRIM trabalha para o agrupamento de escolas

R.V: [Que são muitas escolas, são quatro escolas, são cinco escolas, primeiro ciclo com dois jardins-de-infância e esta escola portanto, de vez em quando, também pego em alguns e lá vamos nós filmar aqui ou ali e há projectos INTERESSANTÍSSIMOS, há o projecto de “filosofia para crianças” em que nós já participámos algumas vezes, para além das festas, dos colóquios que eles fazem e os do primeiro ciclo eu tenho pena de não ter horas, não ter mais horas, porque efectivamente eles só vão se alguém os levar, e aí tenho que ser eu a levá-los, e eu tenho pena de não ter mais horas para ir mais ao primeiro ciclo porque os miúdos gostam IMENSO destes mais velhos, de irem filmar o que eles fazem e não sei o quê, e é pena não conseguir fazer isso, tenho muita pena. A rádio também devia existir, e estes equipamentos e estas equipas, também DEVIAM existir nas escolas de primeiro ciclo e os mais novos acho que até é uma aposta, já falei disto com algumas pessoas, era uma aposta que se deveria fazer a nível do agrupamento ou a nível da Câmara. Logicamente tem que ser com professores, estes aqui já têm autonomia e já são eles que podem entrar ou sair, agora temos alguns meninos mais

‘novinhos’ que sabem que só podem cá estar quando estiverem os colegas mais velhos, e então se isso for com o primeiro ciclo não conseguimos fazer agora, eles têm muita vontade de fazer, de comunicar, não têm vergonha do microfone, não têm da câmara, não têm nada, isso é pena mas pronto, cada vez que lá vamos é BOM.

E: [Os alunos participam na TRIM voluntariamente, não o fazem por causa do português ou da matemática, para ganhar valores nas disciplinas...

R.V: [Sim. NÃO, NÃO, de maneira alguma, o que eles fazem é que usam, há muitos que não estão na TRIM, no clube, mas alunos que sabem que podem contar com a TRIM para determinadas disciplinas, para fazer trabalhos e isso pedem para fazer. Como ajuda, como ajuda, o que também é bom, ajudam os outros a criar também as competências que eles aqui criam, ajudam os outros que não estando no clube ficam com alguma ‘coisinha’ não é? Segurar a câmara, fazer o guião, todo esse tipo de coisas que alguns não sabem e que estes transmitem isso.

E: E, para os alunos, que capacidades é que a professora acha que, já falámos de algumas, mas que capacidades é que acha que eles desenvolvem aqui trabalhando na rádio?

R.V: Eu já disse. É o espírito de equipa, tornarem-se mais independentes, mais responsáveis, a responsabilidade é FUNDAMENTAL.

E: E em relação a capacidades técnicas?

R.V: Eles aqui também as adquirem, portanto eles se não estivessem aqui não sabiam fazer um filme com alguma estrutura, não sabiam montar uma câmara, um tripé, coisas que se calhar ‘mas por que é que eu quero saber isso?’, qualquer situação para marcar a diferença e os jovens, hoje em dia, têm de marcar a diferença, isso é importante e são alunos que estando neste clube têm mais acesso, por exemplo, a *workshops*, portanto já têm algum estímulo, e podem fazer *workshops* de voz promovidos pela Câmara, os *workshops* técnicos, tudo e mais alguma coisa de comunicação, a escrita criativa...

E: São projectos promovidos pela Câmara Municipal de Cascais?

R.V: Sim, são promovidos pela Câmara e que normalmente são divulgados a todos os jovens mas, de facto, estes estão PRIVILEGIADOS porque têm logo a informação portanto é-lhes mais acessível e como JÁ GOSTAM e já sabem que até é giro e que até se aprende qualquer coisa, alguns até no seu conforto das suas férias de verão vão, outros vão para a praia, e eles também vão lá fazer os seus filmes e estar com as pessoas.

E: A professora considera este projecto inovador? Este projecto promovido pela Câmara...

R.V: Sim considero inovador e considero que é FUNDAMENTAL, nos dias que correm é fundamental e é preciso algo que motive os alunos para não estarem noutros sítios, daí que eu às vezes diga aquelas coisas do ‘devias era ir para a TRIM’, porque enquanto estão aqui estão a trabalhar, estão a conviver, estão a aprender e não estão com outras

situações de risco, que nós consideramos situações de RISCO, e acabam por fugir um bocadinho a isso, isso é importante, é muito importante, e de facto é inovador.

E: [Também tem uma vertente importante, de inclusão social...

R.V: [INCLUSÃO SOCIAL, sem dúvida alguma, sem dúvida alguma.

E: Para além destas formações que a professora mencionou da Câmara Municipal de Cascais, a escola está envolvida em mais projectos com a Câmara?

R.V: Nós pertencemos também à plataforma da saúde, em projectos de educação para a saúde e para a sexualidade que também todas as escolas têm, temos a rede em movimento que também tem algumas vertentes a nível da Câmara de Cascais, estamos no empreendedorismo com a DNA Cascais. Temos imensos, a Câmara Municipal de Cascais está sempre presente nas escolas.

E: As câmaras seriam um parceiro bastante importante neste processo de investir na educação para os *media* nas escolas, de fazer este tipo de projectos... A Câmara seria portanto o elemento base para a concretização desse tipo de projectos?

R.V: sim, é fundamental.

E: Para terminar, um balanço do tempo que já passou aqui na rádio, da experiência, de como foi para si enquanto professora e também quanto pessoa porque, não é só enquanto professora, certamente aprendeu alguma coisa com a rádio e com os seus alunos também, certamente aprendeu alguma coisa com eles...

R.V: Era isso que eu queria dizer, eu hoje em dia se calhar aprendo mais com eles do que eles possam aprender comigo porque, que é algo que é muito POSITIVO neste tipo de projectos, é que eles vão passando a mensagem aos que ficam não é? Portanto eles vão saindo, acaba o décimo segundo ano e vão às suas vidas, e isso eu tenho vindo a aperceber-me. Nós, no início, fizemos uma formação muito intensiva, fizemos na Vale do Rio uma parte técnica, porque nós não sabíamos nada, sou professora de física e sei, teoricamente, algumas coisas de electricidade mas pouco e coisas de electrónica mas, neste campo, NÃO sabíamos nada portanto aprendemos tudo e essa aprendizagem foi passando logicamente que eles vão fazendo *workshops*, mas ao nível técnico por acaso não tem havido essa possibilidade, portanto ao longo dos anos, o que eu tenho aprendido como professora é que ser professor não é só debitar a física e a química portanto há uma série de coisas que nós temos de transmitir aos alunos, os valores...

E: [E a educação e o seu próprio papel enquanto professora acaba por se transformar...

R.V: [Aqui transforma-se MUITO

E: [Aqui passamos de uma educação vertical para uma educação horizontal, a professora está ao nível dos alunos...

R.V: [ESTOU, ESTOU e há uma interacção e uma ligação muito forte aliás eu nem gosto muito, apesar de acabar por ter sempre, de ter alunos aqui que sejam meus alunos mesmo a nível de disciplina. Acabo por ter, porque isso é inerente não é?, estou no

projecto e eles dizem ‘*stora* posso ir?’ é muito mais fácil, é muito mais fácil porque eles mesmo que quisessem, quisessem muito, vão pedir porque ‘a professora é minha professora’ e pronto é óbvio não é? Mas aqui há um espírito familiar MUITO grande, eles até por brincadeira chamam-me mãe, há um aluno meu que já acabou e que veio fazer uma visita e entrou na sala ‘então mãe posso entrar?’ e os meus alunos começaram todos a olhar para mim ‘Mãe?!’ porque, de facto, há aqui uma, tem que haver, TEM QUE HAVER uma ligação porque nós estamos aqui muitas horas, isto nada se faz em comunicação social, no seu projecto vai ver, nada se faz sem muito tempo, é algo que demora muito tempo, porquê? Porque também tem que ser muito rápido... as coisas não são assim tão simples e portanto, tenho, TENHO CRESCIDO, tenho tido só coisas positivas aqui, há sempre complicações, há sempre alguma coisa, não se pode agradar a todos, há sempre algum barulho que eles fazem não é?, é dar voz aos jovens, os professores nem sempre acham que isso é o principal numa escola, portanto há aqui algumas coisas que eu também tenho de saber gerir.

E: Portanto a TRIM está a caminhar, passo a passo, para investir numa educação mais informal, numa educação em que professor e aluno, não estão ao mesmo nível porque isso nem sequer é coerente, mas entende-se que o professor e o aluno podem partilhar experiências e aprender e crescer juntos...

R.V: mas, se me permite, para este tipo de projectos, para os jovens se manterem neste tipo de projectos, com TANTA exigência, com TANTA responsabilidade, com TANTO espírito de sacrifício, são alunos que, a nível de uma sala de aula eu também conseguia fazer isso, portanto aqui só estão efectivamente alunos que tenham esse perfil e nas escolas, infelizmente, nós não temos só estes alunos, há alunos que estão por estar e isso não se consegue, agora com estes alunos, com este tipo de alunos que temos aqui efectivamente isso acontece.

E: Mas a professora considera que esse tipo de educação seria mais proveitoso?

R.V: SEM dúvida alguma. Por isso é que eu estou a dizer, eu quando tenho alunos, deste estilo de alunos, em que há responsabilidade, há espírito de equipa, há iniciativa, há autonomia, há criatividade, as minhas aulas correm MUITO melhor.

2.2. Escola Secundária Ibn Mucana- Grupo de foco sobre rádio com alunos da TRIM (Televisão e Rádio Ibn Mucana) - 3 de Dezembro de 2013

Elementos do grupo de foco: Joana, 17 anos, 12º ano
Rodrigo, 15 anos, 10º ano
Raquel, 15 anos, 10º ano

E: O que é, para vocês, a rádio?

Rodrigo: Para mim a rádio é quase como uma segunda família, é uma casa, é uma família, damo-nos todos bem, acho que gostamos de estar todos uns com os outros...

Raquel: Sim, é uma casa.

Joana: É uma forma de aprendermos todos a trabalhar em equipa.

Raquel: Estamos sempre a participar em vários eventos...

E: E a rádio enquanto meio? Sem ser a rádio aqui da escola...

Joana: É uma excelente forma de dar a conhecer certas coisas e eventos às pessoas, tanto como os concertos que passam na rádio, como certas notícias, se a pessoa vai, por exemplo, numa viagem pode ir dando atenção às notícias através da rádio. É um meio de comunicação bastante importante.

Raquel: Por uma lado é bom por, por exemplo, nós não sabemos uma música e eles podem-nos dar a conhecer.

E: Como é que a rádio apareceu na vossa vida? Lembram-se da primeira vez que ouviram rádio ou onde ouviam rádio?

Joana: A primeira vez acho que foi no carro, o meu pai ponha sempre música para nós ouvirmos.

Raquel: Sim, foi no carro.

Rodrigo: Talvez em casa ou no carro.

E: Têm o hábito de ouvir rádio em casa?

Raquel: SIM, logo de manhã.

Rodrigo: Sim, rádio, computador. O despertador é rádio por isso ((ri))

Raquel: Acordar logo de manhã com música...

E: Portanto ouvem rádio na Internet?

Raquel, Joana e Rodrigo: Sim.

E: Que rádios é que costumam ouvir na Internet?

Raquel e Rodrigo: Mega *Hits*.

Joana: Quando vou no carro é a Rádio Comercial de manhã ((ri))

E: Em relação à música, o que acham das *playlists* das rádios?

Joana: Eu acho muito repetitivo.

Raquel e Rodrigo: SIM, muito repetitivo.

Joana: É sempre a mesma música. Se estiver o dia inteiro, assim mais repetidamente a ouvir rádio, chego a ouvir 6/7 vezes a mesma música.

Rodrigo: As músicas são actuais, algumas músicas são actuais.

Raquel: Sim, mas quando são repetitivas isso é o ponto em que mudo de rádio.

Rodrigo: [Sim, começa a cansar.

E: E em relação à música portuguesa? O que é que acham?

Raquel: Ai é daqui ((faz gesto na orelha como quem quer dizer que é bom e todos riem))

E: E passam música portuguesa suficiente ou não? O que é que acham?

Raquel: Depende das rádios, a *Mega Hits* raramente.

Joana: A rádio Comercial é mais, mais... Ai, como é que se diz?

E: Nacionalista?

Joana: Também...

Raquel: A rádio Renascença é que costuma passar isso...

Rodrigo: E nas noites pacíficas do oceano também passa alguma coisa ((todos riem))

E: E aqui na rádio quem é que escolhe as músicas que passam?

Rodrigo: Depende dos dias...

Raquel: Nós fizemos grupos e cada dia está um grupo a por música e está sempre a variar, acho que cada um, cada grupo...

Joana: [Cada grupo tem um estilo diferente de música

Rodrigo: E nós depois também escrevemos no computador e dizemos que músicas já metemos para não se tornar tão cansativo

Raquel: Exacto. Segunda-feira passaram estas, então terça vamos tentar não por as mesmas

E: Então fazem uma programação temática é isso? Cada dia tem um tema?

Raquel, Joana, Rodrigo: Sim.

Raquel: E depois vêm pedir músicas para nós pormos.

Joana: Sim, os alunos podem vir cá, pedem a música que querem e nós pormos.

Rodrigo: Ou então até nos pedem nas aulas ou assim e nós passamos.

E: Os programas que fazem parte da rádio da escola são sugeridos por quem? São sugeridos por vocês, são vocês que dizem ‘gostava de fazer uma reportagem sobre este tema’ ou, por exemplo, são os vossos colegas, que não estão aqui na rádio que dizem ‘olha era giro, por exemplo, falarem do concerto do artista tal ou da festa não sei o quê ...

Raquel: [Depende. Quando há trabalhos e ‘coiso’, somos nós que escolhemos, outros ((pausa)) é a Direcção.

Joana: [Maior parte dos eventos que nós filmamos e fazemos reportagens são eventos da escola que nós também achamos interesse e que a escola nos pede para nós irmos filmar e fazer a reportagem. Neste momento nós temos também, tivemos em grupo uma ideia de criar um programa nosso, MESMO nosso, foi ideia do grupo e nós é que escolhemos o tema que a reportagem vai abordar. [Neste caso o “Fala por Ti”.

Raquel e Rodrigo: [“Fala por Ti”.

E: E em que é que consiste esse programa?

Joana: Nós vamos abordar vários temas que, que são um problema na sociedade neste momento, o primeiro problema em que falámos foi sobre a crise, que está já acabado e vamos editar esta semana ainda, e nós entrevistámos professores, entrevistámos alunos da escola, dos mais ‘novinhos’ aos mais velhos, e inclusive também a nossa turma de economia para saber se têm andado a aprender, o que é que já aprenderam e o que eles nos têm a dizer sobre isso. Isso vai ser um dos temas e vamos abordar também uma sobre *fast-food*, sobre que nós, NESTE MOMENTO, comemos muito mal também, vamos falar também sobre alguma forma de vestir da nossa escola que há certas pessoas que esquecem que estão numa escola, então vamos fazer uma pequena abordagem, meio crítica, meio cómica dos assuntos ((fala sobre este último tema sempre a ri e a olhar para os colegas)). É tornar um assunto sério apetecível aos alunos para ver.

E: E quem é que faz os textos para os programas, quem é que organiza...

Raquel: NÓS. Nós é que estamos a fazer.

Rodrigo: Fazemos tudo!

E: E vocês sentem que existe alguma dependência vossa em relação à Câmara Municipal de Cascais ou à Geração C porque são eles que organizaram e que são os financiadores deste projecto?

Joana: Depende, isso depende. Nós fazemos, temos as nossas próprias ideias e fazemos aquilo que temos em mente e temos planeado. Dependente, eu não diria, apenas acho que temos é de ter em consideração, às vezes, algumas das ajudas que nos dão e também pensarmos que, às vezes, é bom referir certas ajudas que eles nos dão porque, muitos não sabem, mas se não fossem eles maior parte das coisas que aqui estão não haviam e não seria rádio.

E: Então e se me pudessem dizer, cada um de vocês, qual é o objectivo desta rádio... qual é o objectivo da TRIM, qual é o papel da TRIM aqui na escola?

Joana: Eu acho que algumas partes é dar voz à escola e também acho que há certos alunos que também ainda não conhecem a rádio, andam cá há imenso tempo e nunca ouviram falar, acho que também é um bocado problema nosso porque temos alguns problemas técnicos e também às vezes, o ano passado por exemplo não houve quase música a passar, as colunas estavam avariadas e os amplificadores ‘pifaram’ e não houve oportunidade. Eu acho que nós devíamos dar um bocadinho mais de visibilidade à rádio e também às pessoas que trabalham cá porque há muitas coisas que são feitas por nós e ninguém sabe.

Raquel: E outra coisa é que nós queremos fazer alguma coisa e temos de estar sempre a pedir autorização e, às vezes, não autorizam então não podemos fazer nada e assim não podemos estar a transmitir a nossa ideia às pessoas.

E: Portanto tudo o que vocês querem fazer tem de ser aprovado pela Direcção é isso?

Raquel: ‘Hum, Hum’ ((abana a cabeça dizendo que sim))

Joana: Aquilo que nós queríamos era dar voz aos alunos desta escola, acho que é para isso que a rádio serve, não só para darmos a nossa opinião mas também para darmos a ouvir a opinião dos outros que não estão cá mas que nós os queremos representar e às vezes não podemos dizer tudo aquilo que gostaríamos ((ri))

Raquel: Por exemplo, o ano passado como não tínhamos colunas nós queríamos por as nossas colunas, que estavam aqui lá fora, só que nós não podíamos porque não tínhamos autorização então...

E: Ao início vocês disseram que a rádio é como se fosse uma família, o que é que ao início vos motivou a vir para a rádio? Foi exactamente estarem à espera que fosse uma iniciativa que vos envolvesse e que tornasse amizades mais fortes ou que criasse novas amizades...

Joana, Rodrigo, Raquel: Sim, sim.

Joana: Isto já existia antes de eu cá estar, já havia cá alunos mais antigos e sempre que olhava para eles via, VIA uma família a ajudarem-se uns aos outros e, mesmo quando discutiam, eram aquelas discussões como se vêm em casa, depois no fim resolve-se tudo e fica tudo bem. Eu acho que é um ((pausa)) eu acho que fazem falta estes projectos para nos ligarmos com as pessoas e aprendermos também a trabalhar em equipa porque isso é MUITO IMPORTANTE, quer o trabalho que nós façamos no futuro, acho que é sempre importante sabermos trabalhar em equipa e confiarmos nas pessoas.

Raquel: Este ano estamos a por mais gente nova porque para o ano já não está quase ninguém então queríamos criar outra família, não é criar...

E: [É ir passando o testemunho?

Raquel: [É, sim.

Rodrigo: [EXACTAMENTE.

E: E em relação às técnicas que vocês adquirem aqui visto que são vocês que trabalham com os materiais... o que é que acham que isso traz para o vosso futuro? Acham que é importante? Acham que a importância destes projectos também passa por aí?

Rodrigo: [Sim porque isso ajuda-nos a ganhar conhecimento e...

Raquel: [E experiências novas!

Joana: Quanto mais coisas nós sabemos trabalhar, melhor vai ser para nós e melhor vamos poder fazer as coisas no futuro.

Raquel: Isso é bom para apresentar os trabalhos, as técnicas que nós sabemos principalmente, agora este trabalho, se não tivesse a técnica, se não soubesse mexer nas coisas que estão cá, não sabia fazer o vídeo.

E: Com que equipamentos é que vocês trabalham?

Rodrigo: Câmaras, microfones...

Joana: Programas de edição de imagem, de som...

Raquel: Mesas de mistura, computadores, tudo.

E: E todos dominam?

Raquel, Joana, Rodrigo: Sim

Raquel: [Os mais novos agora tem de ser com calma porque depois eles querem fazer tudo...

Rodrigo: [Podem estragar o equipamento...

Joana: Depois há aqueles que estão cá há mais tempo e já sabem como é que as coisas funcionam então nós vamos sempre dividindo, uns que estão cá há mais tempo com os mais novos para eles irem aprendendo, tipo estagiário que vai aprendendo enquanto nós vamos fazendo e depois damos uma oportunidade para eles irem experimentando também.

2.3. Escola Secundária Ibn Mucana- Grupo de foco sobre rádio e internet com alunos da TRIM (Televisão e Rádio Ibn Mucana) - 4 de Dezembro de 2013

Elementos do grupo de foco: Maria, 15 anos, 10º ano

Mafalda, 18 anos, 1º ano de licenciatura em Publicidade e Marketing na Escola Superior de Comunicação Social

Inês, 18 anos, 1º ano de licenciatura em psicologia no ISCTE

Bruno, 17 anos, 12º ano

E: Através de que meios costumam ouvir rádio? Costumam ouvir no carro, na internet, os dois?

Inês: Na internet e depois no rádio de casa.

Mafalda: Carro, internet, em casa e, na faculdade, oiço a rádio da escola quando vou lá aos estúdios e fico a ouvir as emissões.

Bruno: Oiço rádio no carro a vir para a escola basicamente.

Maria: Oiço no carro e na internet.

E: E que rádios ouvem na internet?

Resposta comum: *Mega Hits*.

E: E rádios que emitem exclusivamente online, costumam ouvir?

Mafalda: Eu oiço a ESCS (Escola Superior de Comunicação Social) FM.

E: Acham que a internet modificou a rádio em alguma coisa?

Inês: Deu menos visibilidade. Quando queres saber uma coisa não vais estar à espera que passe n rádio, vais logo à Internet. Acho que a Internet acaba por ser mais valorizada... eu lembro-me do meu avô a apanhar a antena! Agora não. Já não é rádio, rádio quando ouves através da Internet.

Bruno: Neste caso deu mais visibilidade. Agora tens mais informação sobre a própria rádio a partir da Internet. Não deixa de ser rádio só porque ouves na Internet.

Mafalda: Eu acho que depende dos casos que estamos a abordar, é verdade que o que o Bruno estava a dizer de se nós quisermos ouvir temos a Internet que nos facilita no caso de também podermos ouvir, se não tivermos carro para ouvir música, vamos ouvir na Internet. Mas depois também tem a questão que a Inês estava a dizer que dificulta se calhar um bocado o trabalho aos locutores de rádio quando, a maior parte das pessoas não têm paciência para esperar por algo e vai logo procurar por si à Internet.

E: Mas as rádios têm emissão online...

Mafalda: Têm mas, por exemplo, e eu falo por mim, pelos menos os mais velhos, os meus avós, quando querem ouvir uma notícia, antes ouviam na rádio não é? E agora, suponhamos que eles querem ouvir um segmento específico e não têm rádio para ouvir, nem televisão para ver, já podem pedir aos netos ‘olha vai lá ver...’ e eles não precisam de ouvir a emissão completa, vão logo procurar.

E: Mas não falando só de notícias, porque a rádio não é só notícia, falando da rádio meio em si, da rádio emissão hertziana, não acham que a Internet veio mudar o panorama radiofónico?

Inês: Veio facilitar o acesso

Maria: Eu uso a rádio na Internet mas para saber as músicas que passaram na rádio que, às vezes, não me lembro do nome, vejo a hora em que a música deu e depois eles têm lá o nome, é mais por isso que uso.

Bruno: Uso os *sites* da rádio, que não seja só para ouvir a rádio na Internet, porque podemos ficar a conhecer os programas que a rádio tem, os horários, quem participa, o que é que eles fazem e tentar regular um pouco os nossos horários para tentar ouvir a rádio se gostarmos de determinado programa.

E: [Não precisas de regular horários porque a rádio agora já tem aquele sistema do *podcast* em que deixam as coisas...

Bruno: [Exacto, exacto! Nem precisamos de estar a ouvir em tempo real, podemos ouvir depois

Mafalda: Também é bom ir aos *sites* das rádios porque eles têm sempre aqueles passatempos para fazer com que as pessoas também os oiçam um bocadinho mais... acabamos também por ganhar participando nisso e eles ganham muita visibilidade.

Inês: E acabam por ser sempre uma companhia, aquelas rubricas divertidas...

Bruno: Sim, sim as da manhã

Inês: E se não fosse a rádio não havia rádio na Ibn Mucana, porque nós utilizamos basicamente a música...

Mafalda: Do *Youtube*

Inês: Sim mas precisas da Internet

E: Quando vocês ainda frequentavam a escola, já tinham o canal no *Youtube*? E como funciona o canal do *Youtube*?

Inês e Mafalda: Já, já

Inês: Nós postamos os nossos vídeos, que editamos, para dar um bocadinho mais visibilidade ao nosso trabalho, para tentar que vejam mais, até para os alunos da escola

Mafalda: Nós temos muito aquela coisa das pessoas que falam 'são da rádio, não fazem nada, andam para aí com a câmara atrás e estão sempre a faltar às aulas' e depois temos aquele trabalho todo por trás, que dá muito trabalho, eu lembro-me de estar aqui com eles, saímos da escola às nove e tal da noite e quando não foi mais tarde, domingos que passávamos aqui. Isto dá trabalho e o canal do *Youtube* era mesmo para conseguirmos mostrar esse trabalho que temos.

E: Portanto são vocês que gerem o canal do *Youtube*? Sem intervenção de professores? São vocês que metem lá os conteúdos, editam os vídeos, fazem tudo?

Resposta comum: Sim

E: Em relação a ti (Mafalda), porque tu seguiste para o ramo da comunicação, a TRIM teve alguma influência nisso?

Mafalda: Teve bastante porque... Eu estou a tirar publicidade e marketing porque, inicialmente foi porque era eu que, maior parte das vezes, fazia os cartazes tanto da TRIM como da Associação de Estudantes em que eu estava e era uma coisa que eu achava interessantíssima, por ali de maneira a chamar a atenção, fazer publicidade e aqui na TRIM mexer nas câmaras e toda a edição de vídeo que também me interessa bastante e daí que eu queira fazer uma dupla licenciatura, quero também fazer audiovisual e multimédia porque isto aqui foi como que uma actividade extracurricular que deixou de ser só extracurricular e passou a ser um bocado, digamos de família, porque, é verdade, nós passávamos aqui imenso tempo e trabalhávamos imenso a fazer estas coisas e eu não sabia, não fazia a mínima ideia do que queria seguir e lembro-me de estar aqui na rádio a fazer uma data de rascunhos 'ou vou para aqui ou vou para ali', e depois pensei 'então mas eu gosto tanto disto. E se for fazer alguma coisa relacionada com isto?'

E: em que área estavas aqui na escola?

Mafalda: Eu estava em ciências. A maior parte dos meus colegas são todos de humanidades na faculdade e nós de ciências se formos a ver numa turma de 30 alunos somos para aí uns três.

E: Se eu te pedisse par apontares o que a TRIM trouxe de bom à tua vida, foi exactamente isso que apontaste...

Mafalda: Exacto. Foi, para além de me trazer uma família nova de pessoas com quem eu não me dava, trouxe-me muitos novos conhecimentos e trouxe-me novos interesses que eu acho que podem servir bastante no futuro.

E: E os restantes o que aprenderam com a rádio?

Inês: Eu aprendi que não posso dizer tudo ((ri)). Aprendi a mandar, isso aprendi ((riem)).

E: Falando um bocadinho mais a sério, vocês acham que estes projectos são realmente importantes, que as escolas deviam começar a investir na educação para os *media*, deviam começar a tornar estes projectos parte dos programas curriculares das disciplinas?

Inês: Sem dúvida alguma porque nós lidamos com pessoas que sabem mais que nós, fazemos entrevistas, aprendemos a comunicar com as pessoas e isso é importante para a vida toda, eu acho. Eu aprendi muito a trabalhar em grupo.

E: E que capacidades é que vocês desenvolvem aqui?

Bruno: Desenvolvemos competências e capacidades que não têm nada a ver com aquilo que estamos a dar nas aulas, que às vezes resolver problemas na edição ou fazer uma entrevista, andar a correr de um lado para o outro e tentar resolver os problemas, se

combinámos com uma pessoa ou com outra uma reportagem, esse tipo de situações que provavelmente vão acontecer no mundo do trabalho, nós vemo-nos, na nossa escola, numa situação em que nas aulas nunca tínhamos possibilidade de o fazer. Eu acho que é nesse sentido a grande vantagem.

Mafalda: Eu acho que aprendi essencialmente a trabalhar melhor sob pressão e sob *stress*, principalmente nós temos uma semana, a semana do patrono, em que temos uma data de actividades e nós só temos uma câmara, temos uma mais pequenina também que usamos de vez em quando, mas essa câmara tem de percorrer a escola toda e filmar todas as actividades que estão a acontecer mas estão a acontecer actividades à mesma hora, estamos ali, temos de ir a correr para o outro lado para apanhar um bocado daquela e ir para o outro para apanhar um bocado daquela e depois há sempre aquela pressão ‘então e onde é que estão as edições disso para vermos o trabalho feito?’, é sempre muita pressão, e eu lembro-me que este ano agora que passou, quando foi essa altura, acho que foi na quarta-feira, eu andava com o tripé de uma lado, a câmara do outro, os fios todos aqui pendurados, ‘então ainda estás aqui já devias estar ali’ e eu a sair de um sítio ainda a ir para o outro, e isso eu posso dizer que me ajudou a conseguir trabalhar sob pressão porque a seguir os trabalhos que eu tinha de entregar e acontecia alguma coisa e eu os perdia, por exemplo, às vezes acontece aqueles azares no *word*, nos computadores e aquilo vai tudo a baixo e perdemos tudo, ‘isto é para amanhã e agora?’, estamos tão habituados a trabalhar sob pressão e sai um trabalho melhor do que estava antes e entregar tudo ali ‘direitinho’ e ter melhores notas.

Maria: Eu estou aqui há pouco tempo não é? Mas o que me motivou a vir para cá também foi o facto de eu ver o trabalho deles em anos anteriores e ter vontade de aprender de, eu pessoalmente não tenho, não percebo muito de computadores e editar filmes e assim e entrei cá mesmo por esse motivo, para tentar aprender porque eu sei que isto vai servir para o resto da minha vida.

E: Querem dizer mas alguma coisa em relação à rádio, em relação à estrutura do ensino?

Inês: Eu acho que deviam apostar mais na qualidade dos materiais, eu sei que é um bocado complicado e que estamos em época de crise, eu percebo isso tudo, mas deviam apostar um bocadinho mais nas rádios escolares, não só porque nós damos um DINAMISMO à escola que não existia se não houvesse rádio, damos música, parece que não mas ‘aqueles ali da rádio passam esta música’, a música anima as pessoas e não só, brincamos, falamos e não existia isso tudo, se calhar não conhecíamos tanta gente da escola se não houvesse a rádio e, às vezes, a falta de material para fazer isso ou a falta de empenho por parte de algumas pessoas é desmotivante e acaba por perder um bocado a essência o projecto.

Bruno: Isso e os entraves que nós encontramos muitas vezes, por exemplo o ano passado tivemos de parar de por música porque os professores não gostavam de ouvir música nos intervalos porque fazia muito barulho. Depois voltámos a por música, porque conseguimos convencer esses professores, mas só podíamos por um determinado tipo de música, e são esses entraves todos que nós vamos encontrando que nos dificulta e perdemos um bocado a motivação. Se calhar podíamos fazer muito mais coisas nesse ano e não fizemos porque estávamos a tentar convencer os professores para poder passar a música, nem sequer pensámos em fazer um programa porque não

podíamos passar coisas na rádio, e isso vai-nos impedindo um pouco de ir mais além e tentar evoluir um bocadinho mais.

E: Mas acham que estes projectos, passo a passo, vão destruindo essas barreiras da educação formal?

Bruno: sim, é um lado da educação que passa muito por nós, nós temos de aprender a fazer muitas das coisas sozinhos, principalmente a trabalhar em equipa, que parece muito fácil fazer trabalhos de grupo, que é a única coisa que fazemos nas aulas normais, mas que é bastante complicado tentarmos coordenar-nos uns aos outros e tentar levar o material todo, cada pessoa leva uma coisa e ficam uma data de coisas para trás, tentar coordenarmo-nos como equipa sem ninguém a cima a dizer o que devemos fazer é muito importante e é uma coisa que não fazemos no dia-a-dia como alunos.

E: E em relação á relação que estabelecem com a professora Rosário aqui na rádio? Qual é a diferença entre a relação com ela aqui e a relação com os professores das outras disciplinas?

Bruno, Inês e Mafalda: Não tem nada a ver. É a mãe

Mafalda: Nós costumamos dizer que a professora Rosário é a nossa mãe porque, para além de passarmos imenso tempo aqui a trabalhar e ela estar connosco muitas das vezes, para além de também ela trabalhar connosco e fazer edição de vídeo de vez em quando, desse tempo todo que passamos com ela, eu acho que é seguro dizer que qualquer um de nós, que se precisarmos de alguma coisa, a primeira pessoa a quem podemos, que sabemos que podemos recorrer é à professora Rosário porque ((pausa)) como é que eu hei de explicar? Este tempo todo que nós cá estivemos, nós crescemos, não só em termos de rádio, em termos de edição de imagens, mesmo em termos pessoais, toda a gente aqui teve de crescer de alguma maneira e ela acompanhou-nos SEMPRE nesse processo e é família mesmo, é diferente dos outros professores, claro que há professores que nós também gostamos muito e que também se dão bem connosco, por exemplo nós estivemos aqui no teatro e também estivemos imenso tempo com a professora de teatro, [mas foi uma relação que foi criada ...

E: [Mas acham que devia investir-se mais nesse tipo de educação? Numa educação informal que está baseada numa ideia de que o professor obviamente está acima dos alunos mas não é uma educação vertical, portanto o conhecimento não vem de cima para baixo, o aluno e o professor encontram-se praticamente ao mesmo nível, são capazes de trocar e cruzar conhecimentos e de crescer e de aprender em conjunto

Inês: Sim mas também temos de ter em atenção o tipo de alunos

Bruno: Sim isso é verdade

Inês: Nem toda a gente conhece o limite, ou seja, a linha que separa, às vezes é um bocado complicado. Mas sim, aposto sim, a relação que a professora nos dá, ela não só é nossa professora como nos educa, tipo mãe

Bruno: Connosco sempre correu bem porque este tipo de projectos só funciona com professores como a professora Rosário porque ela confia muito em nós, ao ponto de nós

fazermos tudo o que quisermos com as coisas que temos, nós temos aqui coisas que, a maior parte dos professores, não poria na mão de alunos e acho que essa confiança levamos a, não queria dizer dever, mas temos algum dever de responsabilidade perante a professora Rosário e, além de, a professora Rosário quebrar essa barreira, pôr-se ao nosso nível, essa confiança que ela nos dá obriga-nos a ter um respeito acrescido para ela então a relação é diferente mas funciona melhor do que as relações normais e isso é muito interessante para um projecto destes

Mafalda: Eu lembro-me no primeiro ano em que entrei na rádio, antes mesmo de entrar, nós sabemos que as novas tecnologias toda a gente, pelo menos eu já vejo muito a malta toda a mexer no telemóvel e está tudo a mexer no telemóvel em vez de estar a conversar, eu acho que é importante as pessoas conversarem e eu lembro-me de estar lá em baixo com os meus colegas e lembro-me de reparar nisso, eu estava toda a gente com os telemóveis e a música parou e disseram ‘agora temos um anúncio’, era uma declaração de amor que alguém veio cá pedir para dizer, e toda a gente parou de mexer nos telemóveis ‘o que é isto? Vamos lá ouvir’ e riam-se ou comentavam, houve ali mais interacção do que seria de esperar. E depois o que é que acontecia? Quando quisessem por um anúncio para rir, quando é o dia dos namorados há sempre aquela coisa quando alguém quer dizer alguma coisa ou não, e as pessoas param de mexer no telemóvel, param de ser tão antisociais e ‘olha estás a ouvir?’ e é uma interacção, é diferente, as pessoas ligam-se um bocadinho mais eu acho que só, SÓ esse factor já devia ser suficiente para as pessoas quererem fomentar este projecto em mais escolas porque é bom isto haver entre as pessoas.

2.4. Escola Secundária Ibn Mucana- Grupo de foco sobre rádio e educação com alunos da TRIM (Televisão e Rádio Ibn Mucana) - 4 de Dezembro de 2013

Elementos do grupo de foco: Joana, 12 anos, 7º ano, Duarte, 12 anos, 7º ano, Tiago, 12 anos, 12 anos, Inês, 12 anos, 7º ano, Miguel, 12 anos, 7º ano, Margarida, 12 anos, 7º ano, Matilde, 12 anos, 7º ano

E: Porque é que decidiram participar no projecto de rádio aqui na TRIM?

- 1- Porque é fixe, gostamos de nos exprimirmos e de aprender novas coisas. Temos oportunidade de ter coisas que os nossos pais não tiveram.
- 2- Temos aprendido algumas coisas, temos oportunidade de fazer entrevistas e de por músicas no intervalo.
- 3- Como a directora de turma também é directora deste projecto, nós também tivemos uma entrada mais fácil para aqui.
- 4- Eu entrei há pouco tempo por isso... Era para por a música, conhecer novas pessoas, para depois entrar nos projectos que eles fazem.

E: Até agora, com a experiência que já tiveram com a rádio, o que é que aprenderam?

- 1- A trabalhar no Edis (programa de edição).
- 2- É o programa que usamos para editar os vídeos e tudo mais.
- 3- Aprendemos a conviver.
- 4- A entrevistar.
- 5- A falar diante da câmara.

6- Aprendemos a não ter medo de nos exprimirmos.

E: Pensam que a rádio, a televisão e os restantes meios de comunicação social deviam estar inseridos nos programas curriculares das disciplinas, ou seja, vocês deviam incluir nas vossas aulas de português, matemática e restantes disciplinas, os meios de comunicação social?

1- Sim, devíamos aprender como se mexe nas coisas se é que ainda não sabemos.

2- Em TIC aprendemos essas coisas, em português, às vezes, podíamos fazer teatros mas...

3- E dar a notícia e a entrevista porque podemos, por exemplo, se dermos os meios de comunicação, fazer um pequeno vídeo a apresentar uma notícia em frente a uma câmara.

4- E agora a nossa geração anda muito ligada às novas tecnologias e vêm cada vez mais novos dispositivos.

5- O ano passado não usávamos tanto o projector, agora, em quase todas as aulas, os professores usam o projector. Agora todos os professores usam o projector.

6- Aqui para a escola era bom termos quadros interactivos. Era fixe, são ensinamentos diferentes.

E: O que é isso dos ‘Ensinos diferentes’?

1- Aprendemos melhor com algumas coisas.

2- Participamos muito mais.

3- Se calhar para os alunos que têm mais dificuldades, é uma maneira mais fácil de aprender.

E: E falando dos alunos sem dificuldades, por exemplo, se vocês compararem as aulas que têm aqui na rádio com as aulas de português e de matemática, vêm diferenças... Que diferenças são essas?

1- Podemos falar quando quisermos, podemos tratar as pessoas por tu.

2- A relação com o professor é mais casual.

3- Nesse caso, os alunos que já sabem, às vezes, ficam um bocado ‘à seca’ quando a professora vai explicar aos que não sabem, se as aulas fossem mais interactivas ao menos estávamos todos a participar minimamente.

4- Também podíamos ter um *tablet*.

E: O que gostaram mais de fazer aqui na rádio?

1- Entrevista. Só entrevistei uma pessoa, uma ‘*stora*’, mas ela depois ficou o resto do tempo a conversar.

2- Editar e participar na organização dos desfiles do carnaval. Eles gravam e depois o vídeo vem para cá para nós editarmos. Editamos os vídeos e fazemos os efeitos todos.

E: E alguma coisa que tenha corrido menos bem?

- 1- Nada, nada.
- 2- Nós, às vezes, libertamo-nos um bocado mais e damos novas ideias e acabamos por nos divertir. Imagina ‘agora tens de falar normal, sem pressão’ e nós, às vezes, não conseguimos exprimir-nos e começamos a rir ...
- 1- Temos sempre os mais velhos a ajudar por isso quando precisamos de alguma coisa eles estão aqui e ajudam.

E: E qual é o papel dos mais velhos aqui em relação a vocês?

- 1- Transmitir a mensagem que eles têm para nos dar e depois nós transmitimos às próximas gerações. É passar o testemunho.
- 2- Eu e ele somos os mais novos que sabemos editar. Foi o Bruno que nos ensinou e agora nós também já sabemos editar. Basicamente é eles ensinarem-nos a nós para depois quando vier mais gente para a rádio nós ensinarmos a eles. Transmissão de saberes.

E: Se tivessem de explicar a jovens de outra escola o projecto da TRIM como é que explicariam?

- 1- Que era a rádio da escola, que punha música durante os intervalos e que organizava bastantes eventos.
- 2- A TRIM é a rádio e televisão da escola e tem também um canal no *youtube* com vídeos sobre as actividades da escola.
- 3- Aprendemos algumas coisas. Nos intervalos, em vez de estarmos a olhar perdidos, se calhar estávamos sentados a ouvir música.

E: Querem explicar-me em que consiste o canal do *youtube*?

- 1- Po exemplo o vídeo do campeonato de *surf* por causa do desporto escolar, nós editamos, cortamos as partes que não interessam, mostramos à professora e depois quando o vídeo estiver pronto a ser publicado nós colocamos no *youtube* para que as pessoas vejam.
- 2- Mas isto demora tempo, para o que as pessoas pensam ... Se calhar um vídeo de um minuto demora um dia ou até mais.
- 3- Não é como a página do *facebook*, é mais para partilhar as nossas coisas para depois os outros verem.

E: Vocês gostam de andar aqui na rádio porque já sentem que isto é uma família? Os mais velhos são um grande apoio para vocês porque vos ensinam e vos ajudam?

- 1- Também já os conhecíamos há mais tempo e também é uma forma de melhorar a nossa relação.
- 2- Quando se entra para o 5º ano temos os padrinhos que nos ajudam a orientar e a aprendermos onde é que é tudo.
- 3- A escola dá-nos imensos clubes para nós escolhermos mas a TRIM é o melhor.
- 4- E também dá oportunidade aqueles que têm menos dinheiro de participar em coisas grátis.

E: O que é o ‘Fala Por Ti’?

- 1- O 'Fala Por Ti' basicamente é o programa que nós fizemos em que perguntamos, entrevistamos vários alunos da nossa escola sobre o tema a tratar, que nós escolhemos. Pode ser aproveitado e aprofundado para sabermos a opinião das outras pessoas cá da escola.
- 2- Gravamos aqui, o cenário agora não está montado, mas gravamos aqui.
- 3- Depois vamos à volta da escola, uma pessoa filma e outra pergunta sobre o tema que estamos a tratar, encontrando pessoas mais velhas e pessoas mais novas.
- 4- Procuramos saber o que as pessoas mais novas pensam e o que as pessoas mais velhas pensam. São ideias completamente diferentes de pessoas completamente diferentes.

2.5. Escola Frei Gonçalo de Azevedo- Entrevista a João, aluno coordenador da Rádio e Televisão Activa (RTA) - 5 de Dezembro de 2013

João Pinto: Sou o João Pinto, estou no 12º A, estou a fazer melhorias de matemática, tenho 18 anos. Estou na Rádio e Televisão Activa a desempenhar o papel de coordenador.

Entrevistador: A criação da rádio da escola está inserida no projecto da Câmara Municipal de Cascais "Rádio e TV na escola"? Queres falar-me um pouco sobre este projecto e da sua pareceria com a escola?

João Pinto: sobre isso sei mesmo muito pouco. Todo o apoio que a Geração C nos dá é à base do apoio técnico, divulgação de actividades, convites para actividades, fazem também um trabalho mais activo mesmo com a parte da TV, há sempre mais projectos para a televisão mesmo até pedidos pela Geração C.

E: Que objectivos foram traçados para este meio de comunicação escolar?

João Pinto: O principal objectivo da equipa da RTA é iniciar a transmissão online, portanto vamos trabalhar um ano inteiro, ou melhor estamos a trabalhar já há, este é o segundo ano, para conseguir ter uma emissão online da rádio. Tínhamos também o principal objectivo de todas as semanas ter duas actividades lançadas, portanto ter duas actividades prontas para lançar para a página, até para o serviço escolar, para a comunidade.

E: E objectivos em relação aos alunos? Porque é que é pertinente existir uma rádio nesta escola? O que é que isso traz de benefícios para a comunidade escolar?

João Pinto: Vamos começar mesmo pela equipa porque esta equipa, a equipa é composta essencialmente por alunos com uma pré inscrição mas, depois dessa pré-inscrição existe uma, nós próprios, a equipa, portanto a professora Teresa e eu este ano fizemos a selecção dos alunos. Este ano houve uma selecção diferente, o que é que se foi buscar?!, foi-se buscar alunos com alguns problemas de inclusão social, insucesso escolar, para quê?!, o espaço da rádio para além de ocupar o tempo dos intervalos e o tempo livre dos alunos, também começa a criar uma ligação com professores, com

funcionários e até com a restante comunidade escolar desde os pedidos de música que os alunos vão lá fazer, temos, o ano passado funcionámos, tínhamos uma caixa à porta da rádio e tínhamos uns *tickets* em que era feito esse pedido de música, as dedicatórias e *etc.* era tudo feito nesse *ticket*. Este ano como temos aquela, como temos a rádio digamos mais agarrada ao acesso aos alunos em geral, tentámos que começasse a ser feito o pedido pelo *facebook*, alguns alunos já começam a fazer esse pedido pelo *facebook*, já começa a haver aquela mensagem no *chat* do nosso *facebook* “gostávamos de ouvir a música tal”, mas todo esse trabalho depois implica toda a equipa da rádio ter que ouvir a música para perceber o conteúdo da música que é para ver se não tem aquele conteúdo indesejado.

E: Mas em relação aos alunos que fazem parte da equipa da rádio, estavas a dizer que tu e a professora Teresa seleccionaram alunos que tinham um certo tipo de problemas ao nível da aprendizagem, dos estudos. Porquê a escolha desses alunos? Porque a rádio seria um meio para os integrar e para os afastar de certos problemas?

João Pinto: A ideia é mesmo essa, depois tem uns normais, não querendo ser aqui rude como é lógico, mas algumas inscrições foram seleccionadas.

E: A rádio da escola faz parte das disciplinas da escola ou é adoptada apenas como actividade extracurricular?

João Pinto: Nesta escola é apenas extracurricular

E: Mas, por exemplo, na Ibn Mucana o que a professora me disse foi que a rádio é adoptada como actividade extracurricular mas que muitos alunos que não pertencem à TRIM (TV e Rádio Ibn Mucana) vão pedir ajuda para fazerem trabalhos, imagina, para filosofia, para filmarem ou gravarem um excerto de texto, aqui também acontece isso?

João Pinto: Logo assim que começou o projecto de televisão fiz com o 10º C, portanto apoio à infância, eles tinham um trabalho para apresentar também acho que em psicologia e fizemos logo a gravação das vozes delas e depois a montagem foi toda elas que fizeram e queriam mesmo a gravação em estúdio por isso...

E: Portanto o que me estás a dizer é que a rádio é uma actividade extracurricular mas apoia alunos no que eles precisarem em relação às outras disciplinas para os trabalhos?

João Pinto: sim, sim, sim. Inclusive o ano passado, também para um trabalho de uns alunos do 8º ano fizemos a gravação, portanto eles resolveram que queriam uma música para apresentar, nós fizemos toda a gravação, fizemos toda a edição e montagem das vozes em concordância com a música e apresentamos. Portanto, basicamente, a nota era para eles mas o trabalho foi nosso, pronto.

E: Nessa sequência, tu consideras que existe por parte desta escola e dos professores uma tentativa de inserir os meios de comunicação social nos programas curriculares das disciplinas, ou seja, se os alunos são incentivados a aprender em todas as disciplinas o que são os meios de comunicação social, para que serve a rádio, a televisão, o jornal, o que se faz na rádio, na televisão, no jornal, se são incentivados a conhecer e a trabalhar com esses meios? Existe uma aposta na educação para os *media* por parte desta escola?

João Pinto: Não, não tem sido incentivado. Portanto a escola está toda equipa com sistema de som em certos pontos, desde o bar de alunos, sala de professores, secretaria, até na própria direcção e o que é que nós nos apercebemos? Que esse sistema de som está constantemente desligado. Tudo bem, e temos noção que se calhar o tipo de música que muitas vezes está a ser passada não é aquilo que atinge os professores talvez, eu não sei porque não estou na sala de professores, talvez quando estão a passar notícias ou quando estamos a dar alguma informação, eles activem o sistema de som na sala de professores ou não, mas a maioria das vezes está sempre desligado e queixam-se do barulho, do incómodo que é a rádio na escola.

E: Portanto, sendo que a rádio é feita pelos alunos e para os alunos, não é?! É feita por ti que és aluno desta escola e fazes para os alunos, são vocês que escolhem todos os conteúdos programáticos e as *playlists*?

João Pinto: Sim.

Entrevistadora: Sim? Tudo? Ok. E existe em relação a isso algum entrave ou algum tipo de regras definidas pela Direcção em relação aos conteúdos que passam na rádio?

João Pinto: não, não têm quaisquer limitações.

E: Ou seja não tens de prestar contas, digamos assim, a ninguém sobre aquilo que fazes ou pretendes fazer na rádio?

João Pinto: não, só à professora que está também à frente do projecto, dar conhecimento do que se fez durante a semana, o que se vai fazer na próxima semana, todo o tipo de actividades.

E: sim mas até agora não tiveste nenhum tipo de problema com nenhum conteúdo programático que quisesses apresentar e que te dissessem “não isso não é adequado ou não vamos tratar esse assunto aqui”...

João Pinto: não, não. Nós também já temos esse cuidado de ver que temas é que vamos tratar.

E: Em que horários é que decorrem as emissões?

João Pinto: As emissões decorrem no intervalo das dez às dez e vinte cinco, das onze e cinquenta e cinco ao meio dia e dez e da uma e quarenta às duas. Espontaneamente podemos emitir nos intervalos da tarde mas é muito raro.

E: Ok. As emissões são difundidas pela escola toda como tu já me disseste, mesmo que, às vezes, as colunas sejam desligadas porque estão a incomodar. Os conteúdos que fazem parte das emissões são limitados ao ambiente escolar ou vocês tentam ultrapassar as barreiras da escola, ou seja, tentam falar de assuntos que não estejam simplesmente relacionados com a escola? Por exemplo, falam da crise, falam das notícias do país, falam da actualidade... Deixam a rádio ultrapassar as barreiras da escola?

João Pinto: sim, sim. Temos mesmo um programa, portanto um conteúdo que é o “notícias em alta” que falamos sobre acontecimentos em Portugal e no mundo portanto

alguma coisa que seja também acaba por estar relacionada com a escola, às vezes, acontecimentos, alterações no Ministério da Educação, falamos também da greve dos professores, porque pronto acabamos por estar a transmitir para a comunidade mas a comunidade não é só os alunos, é também professores e funcionários.

E: Mas, portanto também tratam assuntos que não tenham nada a ver com a escola, por exemplo imagina, assuntos como o *bullying*, como a sexualidade, como...

João Pinto: A sexualidade, em princípio queremos trazer, queremos trazer uma psicóloga de fora e uma psicóloga estagiária que já faça parte da escola, o ano passado já o fizemos, este ano gostávamos de voltar a fazer 4/5 perguntas, uma espécie de questionário ou uma, um debate entre as duas psicólogas, queríamos tentar um bocadinho uma psicóloga que esteja no âmbito desportivo e portanto uma que esteja no âmbito educacional. Qual é a ideia no espaço onde executam a profissão.

E: Como aluno coordenador, neste caso, do projecto rádio aqui da escola, que vantagens achas que a rádio trouxe?

João Pinto: Pronto, a rádio traz, para além da situação de ser um coordenador torna-se um pouco complicado vedar acessos ou impor alguma coisa a colegas porque acabamos por ser todos alunos, mas cria-se uma grande relação com a direcção da escola, com os professores... Eles acabam por nos, apesar de não incentivarem, acabam por nos acompanhar e até os próprios professores já vieram pedir músicas e já vieram pedir para dar os parabéns a colegas, pronto brincadeiras destas que....

E: E em que é que a rádio transformou a escola, digamos assim? O que é que a rádio veio trazer de novo à escola?

João Pinto: Penso que o que a rádio traz de novo na escola portanto acho que a ideia é mover massas. Enquanto se não tivermos a rádio a escola também se espalha, temos os alunos em tudo o que é sitio, se há certos sítios em que há emissões e que nós sabemos que os alunos estão à espera daquela música ou o que é que acontece? Centram-se mais ou estão mais juntos das colunas para poderem ouvir, penso que a rádio diminui um pouco o nível de distúrbios para além de que os miúdos do 5º ano são uns diabretes e com confusão eles ainda vão mais para as aulas mais revoltados mas acomodam-se mais, estão mais juntos todos dos sítios onde temos a emissão desde o bar dos alunos, [também quando há emissão da televisão no bar ...

E: eles param para ouvir ou para ver?

João Pinto: neste caso na rádio para ouvir e na televisão para ver.

E: Mas param?

João Pinto: sim param!

E: Os alunos participam voluntariamente na rádio? A participação dos alunos na rádio nas lhes traz benefícios em relação às outras disciplinas?

João Pinto: Não nenhuma

E: E para os alunos, que capacidades, e tu próprio também és aluno, que capacidades achas que a rádio desenvolve em vocês?

João Pinto: Bom além da inclusão social, desde jovens com problemas de, com vergonha, acho que nos desinibimos portanto, estamos dentro de quatro paredes, estamos escondidos entre quatro paredes, mas dizer o nosso nome, quando falamos, dizer o nosso nome, quando saímos cá para fora eles sabem “ Aquele é o João” portanto começa a haver... Pronto há um medo de inibição, há mais à vontade nos alunos, aprendemos também a lidar com diferentes tipos de música, cada um tem o estilo de música preferido, na rádio aprendemos a ter de ouvir e a trabalhar com todos os estilos de música, não só aquele que gostamos...

E: ou seja, aprendem a trabalhar em equipa?

João Pinto: sim, aprendemos a trabalhar em equipa, a dicção, problemas de dicção são muito trabalhados, se calhar não digo tanto na rádio o problema da dicção não é tão trabalhado quando estamos em directo, mas na televisão é muito trabalhado, chegamos a repetir uma frase n vezes até ela estar perfeita para ser gravada.

E: As emissões da rádio são pré-gravadas ou emitem em directo?

João Pinto: Emitimos em directo. É tudo feito em directo salvo algum dia, vamos pensar que não pode estar lá ninguém, pomos a reproduzir alguns daqueles 15 minutos que tínhamos programados, pomos a reproduzir isso durante o dia.

E: mas normalmente emitem em directo?

João Pinto: Normalmente é em directo sim.

E: Portanto vocês têm de estar bem preparados para quando ligam o microfone saberem exactamente o que é que vão dizer...

João Pinto: Sim, há sempre, digamos um trabalho de casa de pensar o que é que vamos fazer no dia a seguir, todos temos *facebook*, todos temos telemóveis, há sempre o cuidado de “vamos pensar, eu vou estar na quinta-feira, na quarta-feira falar com as pessoas que vão estar comigo e dizer olha vamos passar, podemos passar estas músicas, vamos falar sobre isto, vamos apresentar este cantor, ou então escolham as músicas que querem passar”, anda sempre um trabalho em casa e um trabalho em grupo.

E: Fazendo um balanço do tempo em que estás aqui à frente da rádio, o que é que tu podes dizer que foram os pontos fortes e os pontos fracos desta experiência? Podes dizer a nível pessoal, o que é que isto significa para ti porque com certeza significa muito porque se não tu não te ponhas à frente de um projecto e não tinhas o trabalho que obviamente tens com isto, e em relação aos teus colegas e às pessoas que estão a fazer a rádio contigo.

João Pinto: A entrada para a rádio, foi tudo muito engraçado, foi na altura de campanhas da associação de estudantes, em que íamos começar então o que é que, nós tínhamos informações que eram na rádio, que os nossos colegas, houve ai uma altura em que

começaram as obras que ficamos sem, sem sala, a associação de estudantes ficou sem sala, então por brincadeira, por o que é que aconteceu? Viemos pedir ajuda à rádio para ir guardar o material que tínhamos para começar campanhas. Nesse dia calhou entrar na rádio, calhou em ter connosco o professor que estava responsável nesse ano pela rádio, começou a falar connosco como se nós tivéssemos inscritos na rádio, a explicar tudo, a explicar toda a interacção que a rádio tem com a escola, portanto foi criado um bichinho de participar na rádio sem termos pensado nisso, portanto naquele momento foi-nos dito tanta coisa, tanto incentivo que nos foi dado que nós simplesmente no dia a seguir fomos inscritos na rádio. Até hoje o que é que a rádio me tem dado? Tem dado muita experiência, muita ligação com a escola, até com elementos que não fazem parte da escola, são de outros locais, de outros programas...

E: Em relação aos alunos que estão a fazer rádio contigo, portanto és tu que lhes passa a mensagem, que os ensinas a fazer as coisas, que lhes fazes um certo tipo de formação digamos assim, como é que é esse convívio com os alunos? Devem ser como se fosse uma família não é? Passam o tempo ali todos juntos, trabalham uns para os outros, como é que é...

João Pinto: sim é um pouco assim. Marcamos horas portanto, no dia, vamos pensar na segunda-feira vou ter lá alguém que não está habituado, portanto o que é que eu faço? Venho à segunda-feira, estou com ele aqueles três intervalos mesmo tendo aulas estou cá o dia inteiro, durante dos três intervalos, está sempre acompanhado, portanto o que é que eu acabo por fazer? Acabo por lhe fazer uma primeira introdução para ele perceber o que é que deve dizer, os pontos básicos, acabámos de ouvir uma música, indicar o nome da música que acabámos de ouvir, identificar sempre as pessoas que estão neste momento na rádio, portanto “hoje, segunda-feira, estamos com João Pinto e Tiago Guerreiro, estivemos a ouvir isto e aquilo e vamos ficar agora com a música”, portanto naquele espaço em que acaba uma e começa outra há sempre todo este trabalho que, nestes dias que eles estão a aprender, eu faço todo esse trabalho de lhe explicar e de lhe dizer o que é que ele vai introduzir.

Entrevistadora: Portanto, tu és um bocadinho autodidacta no que toca a isto da rádio porque és tu que fazes as grelhas de programação, és tu que organizas tudo o que se vai passar em cada dia da semana, és tu que, basicamente, ensinas as pessoas que estão contigo na rádio, como é que aprendeste, onde é que surgiu essa necessidade de queres saber, de imagina como é que tu sabes fazer uma grelha de programação? Como é que aprendeste? Como é que dinamizas a vossa página do *facebook*? Vais ver páginas de outras rádios, por exemplo da Comercial, da Mega *Hits* e vais tentando perceber, mais ou menos, como é que funcionam as coisas para fazer igual?

João Pinto: Sim, vou sempre ao encontro da programação de uma rádio que já está bem estruturada, que se tem as informações ao acesso de todos acho que nós podemos agarrar, não usar o que eles têm lá, mas agarrar e compor de acordo com a nossa necessidade.

E: Mas sentiste vontade de aprender a fazer as coisas sozinho porque achavas necessário que as coisas fossem feitas de uma certa maneira para que resultasse, como tu querias ou como tu esperas que resulte, as coisas têm de ser feitas de uma certa maneira e essa vontade de aprender vem de onde? Onde é que surgiu essa vontade de aprender e de

querer saber e de ser tão interessado em procurar informação, em fazer, em fazer bem, em ajudar os outros, em ensinar...

João Pinto: Acho que vem mesmo de casa, das bases que tenho em casa portanto quando me inscrevo em alguma coisa, quando entro para algum projecto é para levar até o fim e para dar o máximo. Acho que é a base que eu tenho em casa, é o trabalho que eu tenho como aluno também, gosto sempre de tudo muito certo, sou muito viciado em computador, sou muito viciado em organização, desde *dossiers*, cadernos, tenho sempre tudo muito organizado, fazer tabelas e *etc.* é sempre desde o horário, ando sempre agarrado ao computador portanto...

E: Esta necessidade de tu quererens ensinar e ajudar os colegas que estão contigo na rádio está também liada ao facto de que tu estás no teu último ano, em breve irás para a faculdade, e depois quem é que vai tomar conta da rádio nessa altura?

João Pinto: Exacto, por acaso já este ano tive este receio quando, quando escolhemos a equipa tenho sempre medo de quem é que ficará para o ano se, já este trabalho, e eu que já cá estou e é o segundo ano, tem de ser todo feito novamente seria interessante que, para o ano, esse trabalho não tivesse que ser feito porquê? Porque quem continua no projecto já sabe e já há uma continuidade, já não há ali uma quebra que é as férias, há ali aquela quebra onde toda a gente esquece tudo e, para o ano, tem de ser tudo novamente inserido no disco rígido, digamos assim. O porquê de este ano ter aceitado o convite de ser coordenador da rádio? Foi também com essa base de se eu não estou quem é que vai ficar? Os restantes colegas saíram todos ou quase todos portanto, há só dois ou três que se mantiveram que já estavam o ano passado, houve aquela necessidade de “mas espera lá aquele trabalho todo que eu fiz durante o ano passado, este ano é tudo novo, vai tudo por água abaixo outra vez? Assim não pode ser, por isso vou aceitar o convite que me foi feito, vou ficar mais um ano e formatar a cabeça dos alunos que lá estão para que no ano a seguir possa ser daquela maneira que eu estive durante um ano a formatar.

2.6. Entrevista Loja Geração C de Cascais- 9 de Dezembro de 2013

Apresentação dos entrevistados:

João: Sou o João Santos e sou um pós, portanto sou do programa de ocupação de jovens, estou cá temporariamente, já vou em oito meses de programa e nos últimos seis tenho estado a fazer parte do projecto ‘Rádio e Televisão nas escolas’. O que eu faço, basicamente, é dar um apoio muito próximo às escolas garantindo que os nossos objectivos estão a ser cumpridos e que as nossas mensagens e os conteúdos que nós produzimos aqui na Geração C cheguem às escolas que, por sua vez, utilizem aquilo para fazer as peças que vão fazendo na rádio e na televisão nas escolas.

Sílvia: Sou a Sílvia, faço a gestão dos conteúdos nos meios de comunicação da Geração C e estou só a acompanhar um bocadinho este projecto no sentido de divulgarmos, depois, aquilo que as escolas vão produzindo.

E: Como surgiu e em que consiste o projecto “Rádio e TV nas escolas” desenvolvido pela Câmara Municipal de Cascais?

João: Como eu já tinha dito, para a Geração C é importante, tendo em conta que as escolas secundárias estão dentro do nosso público-alvo, era importante que a nossa mensagem chegasse às escolas e uma das maneiras que se conseguiu utilizar para que isso aconteça foi criar este canal onde nós lançamos todos os conteúdos que nós pretendemos para as escolas e as escolas utilizam-nas para eles próprios produzirem os seus conteúdos que depois, por sua vez, nós também promovemos um bocadinho as actividades que as escolas fazem e criamos este canal Escola- Geração C que facilmente chegamos ao nosso *target*.

((Falando entre si sobre o projecto, os entrevistados acabam por chegar à conclusão de que este projecto já existe há, pelo menos, 11 anos))

E: Que objectivos foram traçados para este projecto?

Silvia: Era dotar as escolas com equipamento de rádio e de televisão, ao início apenas de rádio, para que eles pudessem produzir conteúdos e criar uma rádio escolar em que os alunos pudessem participar e, nalguns casos, também televisão.

E: Como se estabelece a relação entre a Geração C e estes meios de comunicação escolar?

((Apesar do João já ter respondido à questão, voltei a perguntar no sentido de saber se havia algo a acrescentar))

João: Convém também deixar aí a importância do professor Pedro, que também já conheceste, que é ele que faz também, é ele que se calhar está mais próximo, juntamente comigo, das escolas e dos alunos, o professor Pedro está mais responsável das plataformas online, dos sites das escolas, mas também é muito importante a relação que ele tem escola e alunos, ele está na escola Cidadela, é professor na Cidadela, mas tem uma ligação com as outras escolas e com os outros professores também é muito importante essa ligação que ele faz com eles.

E: Existiu algum tipo de selecção na escolha das escolas que agora fazem parte do projecto?

Silvia: [Foram as escolas que têm segundo e terceiro ciclo

João: [Sim. Basicamente só a Escola Secundária de Carcavelos e a Fernando Lopes Graça. A Fernando Lopes Graça vai começar portanto, nesta altura, só mesmo a Escola Secundária de Carcavelos é que é a única escola do concelho que não tem.

Silvia: Portanto não houve uma selecção, foram contactadas as escolas e depois aquelas que se quiseram, de facto, meter no projecto acabámos por fazer parceria com eles. Isto é sempre uma actividade quase extra-escolar, os professores não dedicam o tempo que têm extra a este projecto, os alunos também, portanto não é uma actividade obrigatória da escola e, por isso, a própria escola tem que se comprometer nesse sentido, se de facto têm vontade para isso e se todos os professores conseguem agarrar o projecto com os alunos porque se não houver esta vontade de cada um deles o projecto depois também não anda para a frente.

E: Como é feito o acompanhamento dos projectos?

João: Isto cabe-me a mim um bocadinho, há este acompanhamento que eu ando começar agora a fazer, numa primeira fase tivemos as reuniões de início de ano, muito gerais para perceber como é que as escolas estavam, e a partir daí passa por umas visitas, se calhar bimensais era o ideal, perto das escolas para garantir que os conteúdos estão a ser produzidos e que, com a pouca experiência que tenho, também poder dar algum contributo e poder ajudar com algumas coisas.

Silvia: Isto porque é um projecto que é construído durante o ano lectivo mas chega ao fim do ano lectivo e, se o professor não for o mesmo a continuar, nós aqui temos de começar todo o processo com outro professor e com novos alunos e portanto é sempre um processo cíclico, está sempre a repetir...

João: Uma escola que hoje está muito boa se calhar para o ano está muito má porque os alunos são do décimo segundo e vão-se todos embora e temos uma equipa toda nova e é complicado gerir isso, uma das coisas que temos tentado fazer é garantir haja sempre miúdos mais novos, escolas que só têm décimo ano, ter sempre um miúdo de décimo ano que possa fazer o décimo, o décimo primeiro e o décimo segundo, porque no décimo segundo já estive a ensinar outras pessoas. Já me tinhas dito que tinhas visto isso na Ibn Mucana, que os miúdos mais novos querem aprender para poder continuar... É essa a ideia

E: Cada escola tem metas específicas para o seu projecto? Quem as define?

Silvia: Lá está, depende do tempo que o professor tem e do tempo que eles têm. O protocolo acaba por definir uma série de metas, não é uma coisa obrigatória porque, lá está, depende do trabalho que eles vão tendo ao longo do ano mas a ideia é que eles possam produzir peças, quer de rádio quer de televisão, dependendo do trabalho que têm durante os períodos mas que possam acompanhar as diferentes actividades e com isso construir o trabalho deles a nível de rádio e de televisão e depois passá-lo para nós para que o possamos divulgar para fora, mas não existem regras, havia no início mas depois percebemos que não era fácil seguirmos por esse número portanto acaba por ser um bocadinho de acordo com o trabalho que eles vão tendo e com os professores que se conseguem disponibilizar.

E: Perante isto, é possível dizer que, por parte da Câmara Municipal de Cascais e da Geração C, existe uma tentativa de investir na educação para os Media? É esse o objectivo principal deste projecto?

Silvia: Sim, sim. Ainda agora estávamos a ver uma peça que a TRIM, da Escola Ibn Mucana fez por causa de um campeonato de *surf* que fizeram este fim-de-semana e já tem imensa qualidade, portanto eles são todos ‘pequeninhos’ também não é? Isso é importante.

João: Sim, acho que é importante até porque... Há coisas engraçadas, estiveram aqui dois miúdos da cidadela que já não fazem parte do projecto e o que eles me estavam a dizer é que tinham acabado de vir da cidadela porque hoje começou a nova equipa da rádio e televisão, eles também têm televisão, e foram acompanhar, é uma espécie de família que eles criam ali e depois isso traduz-se também nos conteúdos que fazem, quanto mais unidos eles são e quanto melhor são as equipas, eles produzem melhor e claramente se tiverem contentes com o que estão a fazer...

Silvia: [Isto pode influenciar o futuro deles, podem até nem estar despertos para essas áreas e, de repente, começam a deparar-se...

E: Eu deparei-me com um caso desses com uma ex-aluna da TRIM... O conteúdo programático é só sobre assuntos da escola ou também aborda assuntos que ultrapassam as barreiras da escola, por exemplo, o campeonato de *surf*, não há qualquer restrição em relação a isso?

Silvia: Eles, às vezes, por mais boa vontade que tenham também não conseguem chegar a todo o lado, por isso é que normalmente se concentram na escola, nas actividades da escola.

João: Até há o caso muito específico da cidadela que utiliza os alunos do curso profissional para, fazem os estágios na escola e, muitas vezes, eles até cobrem peças para exterior, as pessoas pedem e eles vão fazer coisas que não têm nada a ver com a escola, é trabalho. É outra perspectiva do projecto, é outro contexto que também existe que são estes miúdos super profissionais, vêm muito bem preparados do curso profissional, produzem conteúdos muito bons, mas muitas vezes fora do contexto escolar porque assim lhes é pedido.

E: Portanto isso pode responder a esta pergunta que eu ia fazer que está relacionada com a existência de mais projectos da Câmara e da Geração C ligados à educação para os media... Directa ou indirectamente o que acabaste de dizer é outra forma de chegarmos aqui

João: Cada escola tem o seu contexto próprio, são todas muito diferentes, um bocadinho como acontece aqui também com as nossas lojas, cada escola tem o seu contexto e este ramo que a cidadela tem, nós já tentámos explorar em outras escolas, tem sido bem utilizado e os miúdos têm promovido muito bem, outro, por exemplo, é a rádio de S. João que também tem outro contexto onde vêm miúdos da universidade fazer ali o estágio, se assim quisermos chamar e também estão a li a aprender numa rádio também muito profissional e também eles fazem outro tipo de conteúdos que mais nenhuma rádio faz

E: Que vantagens é que consideram que este tipo de projectos traz aos alunos participantes?

Silvia: Alguns já dissemos que acabam por ser, um bocadinho, o despertar de outros gostos que eles possam ter não é? E que nunca tinham pensado nisso e, de repente, é uma área em que gostavam de investir e gostavam de seguir no futuro e depois interessarem-se pelas actividades que são promovidas pela escola não é? E criam um espírito de equipa porque têm de fazer obrigatoriamente parte de uma equipa e portanto isso vai desenvolver competências pessoais não é?

João: Também para nós e para eles também é importante porque o que nós produzimos aqui também, muitas vezes, é para o interesse dos jovens e chega lá da maneira que nós queremos e através deste canal eles ficam a saber coisas que são do interesse deles, nós também ficamos a saber coisas que nos interessam sobre a escola que podemos promover nos nossos meios e esta ligação, quando os canais estão a funcionar bem, é

vantajosa para os dois lados, acho que para os três até, para a escola, para os alunos e para nós.

E: Fazendo um balanço do tempo em que estão inseridos nesta iniciativa, o que diriam que são os pontos fortes e fracos do projecto?

João: Muitas vezes, uma das dificuldades que nós temos passa pelas equipas e pelos professores, é muito difícil contornar essa barreira, chegamos a alturas que, por exemplo, agora os finais dos períodos e isso é uma altura complicada, os miúdos têm exames e é muito difícil eles gerirem tudo e cada vez mais, e isto têm-se agravado e eu já apanhei dois anos lectivos, e a tendência que vai ser e que possivelmente vai continuar é que os professores cada vez tenham menos tempo para acompanhar as equipas, isso é muito complicado de gerir a menos que haja bons samaritanos como o Bruno e a Joana na Ibn Mucana, o João na Frei Gonçalo, miúdos que vão ficando lá e que vão levando as coisas a bom porto. Uma grande vantagem e um dos grandes benefícios, de facto, é o espirito de equipa, os miúdos criam mesmo uma relação de família ali tanto com os professores como com eles próprios, depois os miúdos saem de lá bastante bem preparados, independentemente de chegarem lá com algum ou com nenhum conhecimento sobre rádio, sobre televisão, os miúdos aprendem muito lá, dá-lhes outro tipo de coisas que a escola não dá porque os miúdos saem da escola, vão fazer trabalhos para outros lados, conhecem outras pessoas...

E: Acaba por ser uma aprendizagem também um bocadinho autodidacta não é?

João: É totalmente autodidacta muitas vezes, tem algum apoio nosso, é verdade, e nós fazemo-lo tanto quanto possível...

Silvia: [E este ano começámos as oficinas de verão, tentámos que fosse um intercâmbio entre as escolas para aquilo que uma sabe mais poder ensinar às restantes. Acabou por ser só para uma escola, no entanto, o resultado foi óptimo

João: [Até penso que será para continuar agora nas férias da páscoa, uma oficina...

E: Eu só estou a falar desta aprendizagem autodidacta por causa do João da Frei Gonçalo de Azevedo porque ele levou-me para os estúdios e começou a mexer na mesa de mistura e a falar daquilo tudo e eu perguntei ‘Quem é que te ensinou isto?’ e ele respondeu ‘Eu fui aprendendo sozinho, via ali, carregava nos botões’ e depois olhou para mim e disse ‘ Sabes que quando tu tens tantos botões tens de carregar em cada um deles e perceber o que é que eles fazem’ ...

João: É um bocadinho assim e depois também tem muita a ver com os miúdos

Silvia: Temos o apoio técnico do professor Pedro mas, ainda assim, ele não está lá todos os dias e não pode estar lá todos os dias e se calhar passa as cosas a um e o outro que na verdade mexe não está lá então acaba por ser um bocadinho também autodidacta

João: Essa ideia das oficinas de verão que, à partida se vai estender agora para a páscoa, era mesmo essa. O grande objectivo não era que eles viessem para aqui, para a Geração C produzir conteúdos que a nossa comunicação não podia fazer, era mesmo que eles partilhassem experiências entre alunos de escolas diferentes porque o que uma escola

tem de melhor na rádio, outra escola tem de menos bom na rádio mas, se calhar, tem de muito bom na televisão e se conseguíssemos balancear esses dois factores e partilhar experiências ‘Eu sou, mexe neste botão e isto faz um efeito sonoro muito giro e não sei o quê’ e aprendendo com a experiência uns dos outros. Isso é outro tipo de competências que a rádio está a dar e, independentemente de nós estarmos só a tentar fazer isso nestas oficinas, queríamos que se estendesse e, este ano, temos falado muito na possibilidade de alguns alunos irem a outras escolas ajudar, o caso do João, o caso do Bruno também, e portanto são miúdos que sempre se disponibilizaram a fazê-lo e que também esta relação que existe entre escolas e entre alunos também acho que é um benefício.

2.7. Entrevista Renato e José – Metas, Projecto RadioActive 101- Porto, 18 de Dezembro de 2013

Renato: Sou o Renato, tenho 23 anos, trabalho no projecto METAS, sou monitor CID (Centro de Inclusão Digital). Na rádio faço esta ligação com os miúdos na parte mais de tecnologia de informação com a rádio mas eu faço a ligação de programas e de conteúdos na parte tecnológica para a parte das montagens, faço essa ligação com o José, na rádio é só isso que eu faço e depois tenho a parte de tratar com eles e de fazer algumas gravações com eles, de trabalhar alguns textos, algumas gravações, é isso basicamente.

José: Eu sou o ‘Zé’, tenho 18 anos, na rádio o meu papel é edição técnica, ou seja, tudo o que é gravado, tudo o que é posto no programa passa pelas minhas mãos para ser editado e para ser nivelado e essas coisas todas técnicas. Por vezes trabalho também na parte das entrevistas com os miúdos aqui no estúdio, o Renato vai articulando comigo também algumas coisas, também com o nosso colega, o Jonas. Aqui no espaço, neste momento sou o Presidente da Associação de Jovens da Ágil que também promove, um bocado, esse trabalho de incluir os jovens em novos projectos, em novas tecnologias então a rádio veio ajudar um bocado nesse sentido.

E: Já que estamos a falar nisso, vou recuar um bocadinho antes de me explicarem o tema do programa, gostava que me dissessem quais acham que são as capacidades ou as vantagens que a rádio traz para os jovens que frequentam aqui o centro, que capacidades é que acham que os jovens desenvolvem e adquirem com este projecto da rádio?

Renato: Os jovens, primeiro, com este tipo de iniciativa e actividades como é a rádio adquirem ferramentas mais técnicas, mais de conhecimento de programas, de edição, de montagem e tudo mais, e depois também adquirem um bocadinho de trabalho de equipa, ‘eu sozinho não faço a rádio mas todos fazemos a rádio’ então eles têm de trabalhar em grupo, têm de pensar em temas, temas esses que têm de ser abordados nos programas, pensar nos conteúdos, falar com pessoas para gravar, arranjar sítios para gravar, ter a noção do material que é preciso para fazer a gravação, acho que isso tudo são mais-valias para estes miúdos que, normalmente, não têm acesso a este tipo de material e a este tipo de trabalho.

José: Completando só um bocado aqui que o Renato disse, acho que a coisa mais importante é que eles realmente estão a fazer alguma coisa, não estão parados a fazer asneiras ou a procurar confusão com alguém, estão interessados a fazer algo que

realmente lhes dá prazer porque, apesar de aprenderem coisas novas, eles gostam daquilo que estão a fazer e muitas vezes vêm, se calhar, uma profissão no futuro a fazer algo daquilo e então ajuda um bocado por esse lado, é uma nova porta que se abre para eles.

E: Agora em relação ao próximo programa que vão fazer, que tem como tema os jovens e a educação, de onde é que surgiu o interesse de tratar esse tema?

Renato: Na altura quando pensámos fazer isto da rádio, nós pensámos em arranjar temas para cada programa, então pensámos como aqui a freguesia tem bastantes pessoas ligadas à arte e à cultura, nós pensámos começar com ‘os jovens e a comunidade’, falar um bocadinho sobre aquilo que estes miúdos e que as pessoas aqui da comunidade fazem, e agora pensámos que como a educação está assim um bocadinho, lá com estas novas medidas de professores, lá com estes novos vídeos que existem na Internet de professores a bater nos alunos, os alunos a bater nos professores e este desleixo dos miúdos em relação à educação, nós pensámos que seria importante abordar este tipo de tema e agora sim, pensar em fazer ‘os jovens e a educação’ e abordar isto de uma forma muito mais *soft*, não tão maçador mas abordar estas partes de educação, o que é a educação formal, a educação não formal, que tipo de conhecimentos é que eles adquirem numa e na outra...

E: Mas o tema foi posposto por eles?

Renato: [Exactamente. O tema foi pensado por eles, nós quando queremos decidir alguma coisa reunimos os miúdos ali na ‘salinha’ e falamos...

José: [É uma espécie de *brainstorming*

Renato: Nós já tínhamos esta ideia na cabeça de querer fazer alguma coisa relacionado com a educação e então explicámo-lhes o que é que queríamos fazer e então o tema base é, mais ou menos, pensado por nós mas todo o conteúdo do programa é pensado por eles. Nós chegámos lá e dissemos que era interessante trabalhar sobre a educação, os jovens e a educação, e eles escolhem. Todos os conteúdos que aparecem dentro do programa é tudo pensado por eles, são eles que decidem que entrevista é que vão fazer, que pessoas é que vão entrevistar, o que é que vai ter, o que é que não vai ter, a partir daí é tudo deles, nós só temos de fazer assim esta ligação mais institucional que é para saber se aquela pessoa pode falar com aquele miúdo... Fazemos este tipo de ligação.

José: O título é ‘Os jovens e a comunidade’ porque o programa é feito pelos jovens, os jovens e qualquer coisa, porque é sempre a opinião deles, então daí chamar-se ‘Os jovens (...)’.

((Maria José: Esta estratégia, acho que foi uma estratégia muito boa porque jovens é jovens, eles são jovens, o centro é um centro para jovens... O que interessa é que sejam os jovens a participar, esse é o ponto comum do centro.))

E: Com que idades é que vocês trabalham aqui na rádio?

José: Ora bem o mais novo tem 11 anos, o mais velho não há limites de idade

((Maria José: (...) o projecto, no seu objectivo inicial, era até aos 24 anos. (...) Mas há uma questão que também é importante, o nosso interesse e deles também, portanto este é um interesse partilhado é na rádio o *target* são jovens, tanto em termos de, até como entrevistados procura-se sempre que eles também sejam entrevistados, como entrevistadores, como produtores, etc., mas eles estão numa comunidade não 'é? Nós, no fundo, estamos aqui há para aí duas horas e a palavra comunidade vem sempre não é? Eles estão, como todos nós, inseridos numa comunidade então quando nós começámos a implementar o projecto achámos que 'ok, nós damos um objectivo – jovens, mas nós não queremos que esses jovens apareçam descontextualizados do contexto em que estão por isso é que, por exemplo, a Sofia é um exemplo interessante porque é o exemplo de alguém que até trabalha aqui mas que, de repente, faz também...))

E: Em relação a ti José, que estás mais ligado à parte técnica, como é que adquiriste esse tipo de conhecimentos? Foi alguém que te ensinou ou foi também, foste um pouco autodidacta, digamos assim, nessa aprendizagem?

José: Boa pergunta! Eu já tinha alguma experiência na área do vídeo e na escola, na Leonardo Coimbra, onde trabalha o professor Couceiro e onde está o Jonas, agora também a trabalhar com os jovens, havia um projecto que se chamava 'A Rádio Semáforo' que era na própria escola em que o professor da disciplina de religião e moral procurava inculcar na gente que trabalhasse com as redes sociais e essas coisas, então um dos projectos que houve, em que o Jonas foi pioneiro e trabalhou desde início, era essa tal rádio. Nós nas aulas íamos para lá trabalhar com os programas e assim e eu fui apanhando um bocado de cada coisa, quer seja trabalhar nos programas de áudio, noutras coisas, mas claro que muita da aprendizagem vai-se fazendo automaticamente e, por vezes, vai-se vendo algumas coisas na Internet, por exemplo, se eu não souber mexer nalguma coisa talvez o Renato saiba, ou alguém sabia e possa dizer, e então vai-se trabalhando assim.

E: Ensinas aos miúdos mais novos como mexer nos programas ou eles não fazem parte desse processo?

José: Não, eles não, alguns não mostram muito interesse mas, por exemplo, às vezes ensino-os a montar um sistema de som, a falar sobre os cabos, a equalizar níveis, mais assim na área dos programas, como eu digo, há miúdos que têm interesse e outros que não, por vezes estão sempre aqui dois ou três e então vão vendo e, por acaso, também já sabem fazer algumas coisas e aprendem e vão perguntando e é assim que eles vão aprendendo, a gente não dá aulas sobre aquilo ou diz 'Olha hoje vamos aprender a fazer a edição', não, eles vão vendo e, às vezes, eu digo 'Olha cola aí este programa' e eles então vão fazendo assim pequenas coisas e é assim que vamos trabalhando.

Renato: Sim porque esse também é o objectivo do espaço, no que diz respeito à parte mais técnica, o objectivo do espaço é fornecer-lhes ferramentas e conhecimento a nível técnico para que eles em casa também possam trabalhar um bocadinho aquilo mesmo para os trabalhos deles pessoais, eles conhecerem um bocadinho melhor o programa, é isto que nós tentamos fazer. Por exemplo, nós lá dentro na informática, trabalhamos alguns programas de edição de imagem, eu trabalho mais com a parte de edição de imagem, e o objectivo é esse, é explicar-lhes e deixá-los trabalhar também ali um

bocadinho para que eles cheguem a casa e no computador deles ou nas fotografias deles...

José: [Exactamente, é para eles trabalharem nos seus projectos pessoais porque, se calhar a rádio não tem interesse mas, por exemplo, um miúdo que goste de música e até que queira fazer uma música ou até aprender a trabalhar com isto, automaticamente está a aprender a trabalhar com outras coisas...

((Maria José: Já agora uma outra questão que estavas a falar da fotografia, da imagem, se tu reparares isso é muito visível em tudo o que está na Internet do METAS, esta questão muito visível. Eles tiram sempre fotografia de tudo, depois enviam as fotografias, eu faço o *upload* e eles próprios fazem também essa divulgação no *facebook*..))

Renato: Sim, nós temos essa parte muito gráfica que achamos que é ideal e tentamos passar aos miúdos e acho que é a melhor maneira de apresentar as coisas. É uma forma mais limpa, como se costuma dizer, mais 'bonitinha', então temos esse cuidado com a gráfica.

José: E também porque, hoje em dia, a sociedade vive um bocado pela imagem, ou seja, se a gente associar o som à imagem, não é directamente, mas mesmo que seja indirectamente, associa-se sempre um bocado um tipo de trabalho a outro, é muito mais fácil as pessoas reconhecerem as coisas e dizerem 'Aqueles é que são os que fazem aquele projecto da rádio' ...

Renato: A emissão anterior veio com a revista, a revista que nós lançamos saiu no dia em que a emissão da rádio foi para o ar, são um bocadinho a ligação uma da outra.

((Maria José: E no primeiro programa também fizemos, que vocês tinham posto a indicação de que no, de que ia sair a revista, e há um *link* da revista no primeiro programa também, também houve essa ligação. (...) Pronto, eles tentam fazer esta ligação e faz todo o sentido, aliás, há uma coisa que nós não costumamos falar muito, dizemos que o projecto é de rádio mas o projecto é de rádio e *social media* portanto tudo isto faz todo o sentido)).

E: Quem é que define a estrutura, quem é que faz os textos, quem é que escreve os textos, os mais velhos dão algum apoio aos mais novos, como é que isso se processa?

José: Acerca disso, acho que a coisa mais importante, para além da gente fazer estes programas, nós somos fieis ouvintes, ou seja, a gente no dia a dia, a gente ouve rádio, ouve música, e então tem uma ideia de como se faz as coisas mesmo que a gente não tenha nenhuma experiência, a gente no subconsciente vai adquirindo um bocado essas ferramentas e então a gente vai ouvindo programas de rádio e emissões ao longo do dia no carro ou assim e então o que a gente procurou foi fazer algo que fosse agradável de toda a gente ouvir mas, acima de tudo, que nos desse prazer a nós fazer e poder dizer assim 'Não, isto é o nosso trabalho e por acaso está bem feito' não quero ser egocêntrico acerca do nosso trabalho aqui mas a questão é a gente poder dizer assim ' A gente gosta disto mas, acima d tudo, as outras pessoas também gostam' e acho que o prazer de fazer alguma coisa é no fim poder receber os elogios e ouvir os *feedbacks* das pessoas a dizer ' Olha por acaso está fixe, está bem editado' ou, por exemplo, ' Esta

entrevista por acaso foi bem conseguida’, acho que, acima de tudo, o prazer das coisas é esse. Agora, acerca do trabalho, a gente vai dividindo por etapas não é? Para não cair tudo em cima de uma pessoa então, por exemplo, nos textos a Patrícia e a Maria José vêm porque têm uma experiência diferente, quer seja a tratar dos erros, a ajudar a estruturar as frases, na parte das entrevistas normalmente está o Renato e o Jonas que coordenam um bocado disso e dão algumas indicações a quem está a ser entrevistado ‘Olhe tenha cuidado para não falar assim muito alto’, aqueles contributos mais técnicos, e depois na parte da edição normalmente sou eu que edito as coisas e pronto é assim que a gente vai dividindo o trabalho para não ser muito cansativo.

Renato: Eu acho que os nossos programas que, é como o ‘Zé’ diz, nós fazemos porque gostamos e têm este formato de ter uma música inicial e um texto, ter uma música de fundo, vai um bocadinho pelo nosso gosto, pelo que nós gostamos, o ‘Zé’ tem ligações ao mundo do cinema, do vídeo e tem umas ideias, eu sou ligado a outras coisas e tenho outras ideias e então juntos, e os miúdos também têm outras ideias, e então juntos vamos tentando enquadrar isto tudo para tentar que fique algo, fique no ouvido das pessoas mas também fique no nosso, eu era incapaz de por alguma coisa para o ar se não gostasse, então é isso que nos destaca aqui, nunca fazemos nada que para nós não esteja bem, é como o ‘Zé’ estava a dizer, não é ser egocêntrico, mas de todos os programas que nós fizemos eu gostei e o programa que vamos fazer a seguir, a primeira reunião que tivemos sobre este programa, foi eu dizer e estar duas horas a dizer que o tema tem de ser bem pensado e bem estruturado porque se não a emissão vai ser secante e é isso, é tentar pensar um bocadinho, porque nós fazemos os conteúdos mas já estamos a pensar na fase da montagem e é preciso ter cuidado com a montagem para não se deixar cair naquela monotonia de estar alguém a falar muito tempo e a pessoa desligar, aí é que está, as pessoas ultimamente não ouvem rádio porque tem alguém a falar sobre política ou sobre o tempo e nós gostamos de ir no rádio com a nossa companhia que é a música, eu estava no outro dia a dizer à Maria José que há um anúncio muito interessante de televisão que é um taxista que diz ‘Eu estar a conduzir e não ouvir rádio é o como chegar a casa e não ter a minha mulher’ e ultimamente nós vamos no carro a ouvir rádio e só ouvimos publicidade e a falar de política, para isso vejo o telejornal, e nós tentamos fugir um bocadinho a isso de não ser tão maçador, falar e ter aquelas partes dos miúdos a falar sobre as coisas...

E: [E dar uma certa dinâmica porque, como o José me estava a dizer, escolheram as famílias, os amigos e os professores e vão, para a mesma pergunta, por as diferentes opiniões das diferentes pessoas...

Renato: Sim é pensado para isso, para aquela pessoa não ter dois minutos a falar mas, para aquela questão, ser durante dois minutos mas com a opinião de cada um. Não é tão maçador, a voz muda e então a nossa atenção fica outra, então eu ouvi aquilo que tu disseste aquele bocadinho, vais fugir para o José, mas eu estou interessado e estou atento a quando é que vou ouvir a tua voz outra vez, quando é que vou ouvir a tua opinião, acho que esta brincadeira, estes ‘joguinhos’ de cortar e colar, fica interessante na rádio assim com os miúdos. Dá trabalho, dá, mas fica no ouvido e as pessoas têm gostado, felizmente as pessoas têm gostado.

((Maria José: Eles fazem produção dos conteúdos, música e etc., mas depois utilizam também, que também é interessante, músicas de artistas locais.))

Renato: ((em relação à utilização das músicas de artistas locais ou simplesmente da cidade do Porto)). Como o tema é ‘Jovens e a Comunidade’, nós pensámos que todas as músicas deviam ser de alguém que estivesse ligado ao projecto ou à comunidade. ((enumera os cantores de cada emissão já realizada)) São pessoas que têm ligação à comunidade, que têm ligação ao projecto e também é bom para nós porque temos alguém da comunidade que faz este tipo de música e também serve para ele e para divulgar o seu trabalho junto das pessoas, e esta ligação aos Ornatos, porque o baterista dos Ornatos Violeta foi nosso colega de trabalho e então nós pedimos para colocar uma música. Fizemos isto também por causa dos direitos de autor, a rádio tem aquelas músicas que podemos usar mas depois também temos aquele cantor da comunidade que eu digo ‘Olha podemos por a tua música aqui?’ e ele diz sim e não temos problema com mais ninguém.

2.8. Entrevista Jonas – Metas, Projecto RadioActive 101- Porto, 19 de Dezembro de 2013

Jonas: Sou o Jonas Oliveira, sou dinamizador aqui do projecto METAS que é financiado pelo programa Escolhas e a ideia da rádio surgiu numa altura em que nós discutíamos como é que iríamos divulgar as actividades aqui do espaço e, nessa mesma altura, nós recebemos um *e-mail* de um concurso para concorrer para este projecto que é o RadioActive 101, no qual foram seleccionados três projectos, nós fomos seleccionados na altura e esta ideia da rádio surgiu porque alguns dos jovens aqui, eu inclusive, fizemos parte de uma rádio-escola na escola Leonardo Coimbra, ou seja, achámos que seria uma boa ferramenta para divulgar as actividades aqui dos espaço e, como nós temos a parceria com a escola, seria uma mais valia. Este tema agora, ‘Os jovens e a educação’ surgiu porquê? Porque nós, desde o início, desde a primeira emissão criámos um mecanismo de escolher um tema e discutir aquele tema, já discutimos os jovens e a arte, os jovens e a comunidade e neste momento a educação e, como nós temos, somos muito próximos aqui da escola, achámos que seria um bom tema para discutir até porque o professor Paulo Couceiro, que é o que está mais à frente da rádio e que esteve connosco no início, está a pensar reactivar a rádio- escola outra vez e está a pensar fazê-lo em parceria connosco.

E: Sendo que fizeste parte das duas realidades, da rádio-escola em que estás inserido numa educação mais formal, e aqui em que a rádio é como se fosse uma actividade extra curricular, que diferenças é que apontas que distingam as duas maneiras de fazer rádio?

Jonas: Eu acho que em ambas as maneiras ((pausa)) por exemplo, eu acho que a da escola não era tão formal quanto isso, eu acho que também lá era uma actividade extra curricular, apesar de ter sido feita através da disciplina de Religião e Moral, pelo professor dessa disciplina, eu acho que ela fugia um pouco à educação formal, acho que até os assuntos eu eram discutidos não era nada assim ((pausa)) Como é que eu hei de explicar?

E: Não era nada que estivesse ligado às disciplinas em si, à Matemática, ao Português...

Jonas: Exacto. Eu não ligo a rádio-escola à educação formal até ligo à educação não formal, acho que são muito semelhantes as duas ((rádios: escola e extra curricular)). Claro que, na escola, os assuntos que eram discutidos estavam mais ligados à educação, aqui nós, se calhar, temos outras áreas que conseguimos discutir.

E: Podemos falar de uma questão que vocês vão abordar no vosso programa que é exactamente a distinção entre a educação formal e a educação informal. Porque é que existe essa necessidade de abordar as duas perspectivas da educação?

Jonas: Nós abordamos essas duas perspectivas a pensar na relação que os jovens têm tanto com os técnicos como com os professores e, nesta abordagem, nós estamos a tentar escolher professores que, para além das aulas que dão dentro da sala de aula, também têm outras actividades como, por exemplo, esse tal professor, o professor Paulo Couceiro e outra professora, por exemplo, uma professora de matemática que dá aulas de dança do ventre na escola, ou seja, esses professores, se calhar, estão nessas duas perspectivas da educação formal e não formal e é mais para retractar a relação que eles têm com os alunos e os alunos com os professores.

E: O que é que tu achas que a rádio aqui traz de melhor para os jovens que frequentam o centro? Que capacidades desenvolveu neles que não tinham antes de participar na rádio?

Jonas: Além da visibilidade, eles aprendem também a mexer em coisas que, se calhar, não tinham oportunidade de mexer em outra ocasião. Por exemplo, nós através deste projecto conseguimos receber material que se calhar não tínhamos, por acaso algum tínhamos, mas parte dele não tínhamos e estamos a ter estas formações, como a que tivemos agora ((formação de dicção com o Sílvio, coordenador do projecto em Coimbra, no Trampolim)) e, basicamente é isso, eles têm acesso a formações, têm acesso a material e também têm visibilidade para tudo o que eles queiram fazer e têm voz também, eles próprios, eles conseguem fazer-se ouvir, ou seja, conseguem dar a perspectiva deles, por exemplo, uma das peças que nós vamos incluir nesta emissão é depoimentos, depoimentos em que, tanto professores como alunos e funcionários das escolas vão dar em relação à mesma pergunta, pequenos depoimentos de como é a relação entre os professores e os alunos, para eles qual é a relação deles, se é boa, se é má, o que é que podiam mudar, o porquê dela ser boa, o porquê dela ser má, ou seja, é dar a voz a eles, ou seja, coisas que eles, se calhar normalmente, não diriam. Até noto isso, quando eu lhes fazia as perguntas eles tinham sempre um bocadinho de receio do que iam dizer...

E: É dar-lhes voz a eles e também à comunidade não é? Porque vocês aqui também trabalham muito em função da comunidade, pelo que eu vi pela análise que fiz dos vossos programas, reparei que vocês dão muito valor à inserção os jovens na comunidade...

Jonas: Eles não estão habituados a dar a sua perspectiva por isso é que eles eram um bocado acanhados, quando eu lhes fazia a pergunta eles tinham um bocado de receio do que haviam de dizer.

E: E agora queres contar-me o que foste fazer a Lisboa?

Jonas: Fomos a uma gala do Escolhas, que eles fazem todos os anos, onde eles, além das distinções, eles têm algumas distinções, alguns prémios a jovens que se destacaram de alguma forma, seja no desporto, seja pelo voluntariado, seja pelo empreendedorismo, ou pela educação, ou pela escola. Nós aqui no projecto tivemos um jovem que foi seleccionado, que foi o Rodrigo, que recebeu um prémio de mérito escolar, ou seja, é a segunda vez que ele ganha o prémio, o ano passado ganhou do segundo ciclo porque teve nota máxima a todas as disciplinas, isto é tudo a concurso, nós enviámos o nome dele, eles analisam toda a gente que enviou a candidatura e ele foi seleccionado pela segunda vez, primeiro no segundo ciclo e este ano pelo terceiro ciclo.

E: Porque é que tu és tão famoso aqui no Metas?

Jonas: Talvez porque me mostro disponível para as coisas, às vezes, até demais.

E: Também és tu que fazes a ligação do centro à escola? E essa ligação é recente pelo que eu percebi...

Jonas: Neste momento sim. Agora tenho um dia da semana que é passado só na escola, não venho aqui para o espaço jovem, fico só a trabalhar com o professor, esse que está responsável pela rádio e os restantes alunos que estão disponíveis lá para trabalhar.

E: Portanto o METAS está a trabalhar em parceria com a Escola? E vocês lá só trabalham na rádio?

Jonas: Não só a rádio, neste momento sim porque é o que agora está a necessitar mais de trabalho, estamos a recolher o material, mas tudo o resto, por exemplo, eu tenho uma actividade que tenho de desenvolver que é 'O teu projecto', ou seja, eu sou a ferramenta facilitadora deles se eles quiserem desenvolver um projecto, que querem desenvolver mesmo e que não têm possibilidades de o fazer e eu sou o facilitador desse projecto, ou seja, eu tenho que ir lá tentar perceber com eles o que eles gostariam de fazer e tentar desenvolver essas actividades.

E: Os jovens com quem tu trabalhas na escola não são necessariamente os jovens que frequentam aqui o centro pois não?

Jonas: Nem todos os jovens da escola estão, neste momento, a frequentar aqui o espaço, ou seja, por exemplo, na quinta-feira eu estou na escola mas, ao mesmo tempo, a Patrícia, a coordenadora, está a trabalhar aqui com os que estão no espaço, os dois a trabalhar na rádio, eu a recolher trabalho, eu a recolhe material e ela com eles aqui, se calhar, a criar os textos...

E: Então a única coisa que tu fazes com eles lá que sirva para aqui para o RadioActive é a recolha de material?

Jonas: Sim e também, por vezes, criar outras peças para passar lá na escola, não que entrem na nossa emissão mas colaboramos.

E: Em relação à vivência que tens aqui no centro, como classificas a importância deste tipo de projectos que investem na educação para os *media*, qual é a necessidade de existir este tipo de projectos?

Jonas: Vai um pouco pelo que eu disse à pouco, vai mesmo pela visibilidade que eles têm porque eles, até à pouco, nós já fizemos muita coisa e muita coisa boa aqui mas nunca tivemos a visibilidade que, se calhar, esperávamos e é um bocado por aí...

((conversa entre entrevistado e entrevistadora sobre o trabalho do Metas))

Jonas: Não sei se já te falaram da curta-metragem que fizemos... Por exemplo nós fizemos uma curta-metragem em relação ao bairro do Aleixo, classificado como o bairro mais problemático aqui, é o centro da droga, eu e o Renato fomos moradores lá e está no processo de demolição neste momento, que já toma algum tempo, já foram duas torres demolidas e as pessoas estão a ser espalhadas pelo Porto e nós tentámos retractor a perspectiva dos jovens em relação a este acontecimento através duma curta-metragem sendo que a curta-metragem é metade ficção e metade documental. E esse trabalho foi feito aqui com pessoal profissional da filmagem, do som, que nos apoiaram, o José é o realizador do filme, em que basicamente os jovens falam das amizades que são quebradas ou as pessoas que são separadas por causa de um acontecimento destes, ou seja, a outra perspectiva não é tanto o que eles falam, a droga, isto e aquilo, é mais a perspectiva dos jovens e dos moradores daquele bairro que estão a ser separados, estão a ser espalhados pelo Porto, para sítios que eles não escolheram, pronto e fizemos uma curta-metragem assim e não teve assim uma visibilidade muito grande, mesmo através do Escolhas, na altura foi tudo através dos nossos parceiros cá, nós fizemos a estreia em Serralves mas não tivemos assim grande visibilidade, na altura se tivéssemos a rádio...

Apêndice 3- Diário de Bordo

3.1-Escola Secundária Ibn Mucana

3.1.1-Entrevista professora Rosário Valente, coordenadora da TRIM (Alcabideche, 3 de Dezembro de 2013)

A professora mostrou-se bastante disponível para a realização da entrevista e para me ajudar na organização dos grupos de foco com os alunos. Muitas das vezes, e durante o processo de contacto com a escola e com a professora, devido à sua imensa vontade de ajudar e participar, acabou por não perceber os objectivos do trabalho e por fazer coisas com os alunos que não eram as previstas. Para além desse contratempo, depois tudo correu como planeado e foi possível realizar a entrevista com a professora e os três grupos de foco com alunos de idades entre os 12 e os 18/19 anos, alunos que até já estavam na faculdade e que foram à escola em visita no dia em que eu lá estava a fazer o meu trabalho.

A relação que é criada entre alunos e professora no ambiente da TRM é bastante positiva uma vez que agem de uma maneira informal, nada comparável ao ambiente de sala de aula, em que todos partilham opiniões e um interesse comum: a rádio. A professora perde o seu papel autoritário para se encontrar mais próxima dos alunos numa atitude de ensino e aprendizagem conjuntas.

No segundo dia de trabalho com a TRIM tive a oportunidade de conhecer dois elementos que também estão ligados ao projecto da Câmara Municipal de Cascais “Rádio e Tv na escola”, o João que trabalha na loja da Geração C de Cascais e o professor Pedro que dá aulas na Escola Secundária da Cidadela e também faz trabalho de assistência técnica às escolas do projecto. Deste encontro surgiu a oportunidade de ir à Escola Frei Gonçalo de Azevedo, por parte do professor Pedro, conhecer o João e entrevistá-lo e de ir à Geração C em Cascais para saber mais um pouco sobre este projecto e sobre o seu desenvolvimento.

Tanto a entrevista como os grupos de foco foram realizados nos estúdios da TRIM e foram filmados também pela equipa da rádio para documentar o acontecimento e para o possível uso num intercâmbio que o clube está a realizar com uma escola italiana a propósito da rádio.

Os alunos com quem fiz os grupos de foco foram bastante receptivos ao meu trabalho e tentaram sempre arranjar maneira de planear e organizar as coisas comigo para que eu conseguisse ter uma amostra diversificada e abrangente. Tanto os mais velhos como os mais novos foram participativos, claro que uns mais que outros, e mostraram ter adquirido conhecimentos com a participação na rádio da escola.

3.1.2-Grupo de foco 1 (3 de Dezembro de 2013)

Quando as perguntas tratavam assuntos mais específicos ou que necessitavam de algum conhecimento extra para dar resposta, normalmente era a Joana, elemento mais velho do grupo, a responder.

O guião deste grupo de foco sofreu algumas alterações a par do decorrer do próprio trabalho sendo que, por vezes, era pertinente ir alterando o percurso da conversa consoante os temas que iam surgindo.

Estes jovens têm um grande sentimento de pertença em relação à rádio, prova disso foi a primeira pergunta que lhes fiz em que o que pretendia era uma opinião sobre o meio de comunicação rádio e as respostas que obtive foram todas direccionadas para a TRIM e para aquilo que sentiam em relação à rádio da escola o que me leva a concluir

que rádio, para estes jovens, é exactamente aquilo que construíram e que constróem na TRIM, desde as relações que se criam ao trabalho que ali é desenvolvido.

Muitas das vezes não há intervenção dos três elementos nas perguntas porque as respostas de um ou de outro iam completando a ideia do grupo.

3.1.3-Grupo de foco 2 (4 de Dezembro de 2013)

As duas alunas que estão, de momento, no primeiro ano de licenciatura, já frequentaram a escola em questão e fizeram parte da equipa da rádio. Acederam, de bom grado, ao meu pedido de participarem neste grupo de foco pois achei que seriam uma mais-valia visto que podiam, com uma perspectiva mais abrangente, dar a sua opinião em relação à contribuição do projecto nas suas vidas.

Neste grupo de foco acabou por se repetir o que aconteceu no primeiro, algumas perguntas que estavam previstas acabaram por ser alteradas e o próprio guião acabou por sofrer alterações devido ao surgimento de outros assuntos e ao desenrolar de outras ideias que iam sendo propostas ou mencionadas pelos participantes.

Foi interessante perceber a relação que estabelecem com a professora Rosário e a maneira carinhosa com que falam sobre a professora utilizando, muitas vezes, o termo mãe.

Por vezes distraíam-se um pouco ou não levavam as perguntas muito a sério pois estavam na ‘galhofa’ por serem colegas da rádio e também amigos e porque as duas alunas de licenciatura foram à escola em visita no dia deste trabalho.

A Maria era o elemento mais tímido do grupo, não quis ser filmada e por isso este grupo de foco foi o único que não foi filmado para registo da escola nem para o intercâmbio que a escola está a estabelecer com outra escola italiana no âmbito da rádio.

Achei curioso dois dos elementos terem dito que ouviam rádio em casa pois, pelo que sei, já não é uma prática muito recorrente nos jovens.

3.1.4-Grupo de foco 3 (4 de Dezembro de 2013)

Este grupo é constituído por alunos todos da mesma turma, sendo que uns estão na TRIM há mais tempo que outros.

Apesar de serem os mais novos, foram os que, de todos os grupos, estiveram mais à vontade, brincaram, riram, não tiveram problemas de expressar as suas opiniões nem tiveram vergonha de falar para a câmara (que estava a filmar para documentar o trabalho para o intercâmbio com a escola italiana) ou para o gravador.

Foram um grupo bastante participativo, uns mais que outros, os rapazes falavam mais sobre a edição dos vídeos e as raparigas mais sobre a música e as actividades da TRIM. Dois dos elementos do grupo, dois rapazes, já sabem utilizar os programas de edição e já editam alguns vídeos para o *youtube* porque o Bruno, um dos elementos mais velhos da TRIM, os ensina a mexer nos programas de edição.

As respostas obtidas com este grupo de foco espelham a capacidade, cada vez maior, das crianças e jovens de se exprimirem e a possibilidade da intervenção dos meios de comunicação, através deste tipo de projectos, estar relacionada com isso.

Este grupo de foco mostrou conhecer bastante bem a realidade que os rodeia e souberam explicar, com alguma clareza, aquilo que lhes foi solicitado.

Por vezes tornava-se complicado seguir o guião e fazer as perguntas pela ordem originalmente definida pois, como nos outros grupos, surgiam outros assuntos propostos ou falados pelos entrevistados que levavam a uma alteração do curso do grupo de foco. Para além disso, e falando na etapa seguinte (a transcrição), era complicado porque

todos queriam participar e falavam muito uns em cima dos outros o que torna a transcrição mais complicada e, pode conduzir, à perda de alguma informação, de algumas falas que vão ficando sobrepostas.

3.2-Escola Frei Gonçalo de Azevedo

3.2.1-Entrevista João Pinto, aluno coordenador da RTA- Rádio e Televisão Activa (Abóboda, 5 de Dezembro de 2013)

À chegada à escola, o João prontamente ofereceu-se para me mostrar os estúdios da rádio. Uma vez no estúdio, o João mostrou-me o *dossier* da rádio onde constavam as grelhas de programação (feitas pelo próprio), uma tabela que deveria ser preenchida após cada emissão para ficar escrito aquilo que tinha sido feito durante essa estadia na rádio. As mesas de mistura e os programas de edição são aquilo de que João fala com mais entusiasmo, explicando como funcionam as ligações da mesa, os diferentes microfones e a passagem dos diversos elementos para os computadores. Pude reparar que a mesa de mistura tem botões “trancados” com fita-cola, técnica que o João arranjou para facilitar aos colegas o manuseamento da mesa e das suas diversas funcionalidades delimitando assim as posições dos diferentes botões da mesa.

De volta à sala de professores, onde foi realizada a entrevista, passámos pelos corredores da escola onde circulavam diversos alunos e professores depois do toque e apercebi-me de que o João é um aluno bastante popular entre alunos e professores e bastante respeitado pois todos acedem aos seus pedidos ou solicitações.

Durante a entrevista mostrou-se bastante mais nervoso do que quando estávamos no estúdio e me estava a explicar o funcionamento da rádio, não sei se por estar mais à vontade naquele espaço físico (a rádio) ou por estar intimidado com a presença do gravador. Por vezes era complicado levar o João a dar-me respostas ou até mesmo a entender as questões que lhe colocava, o seu discurso era confuso e, por vezes, mal estruturado.

Para além destes entraves, a entrevista correu bastante bem e foi possível perceber que este jovem tem uma paixão imensa pela rádio da escola, dedica-se de corpo e alma ao projecto e, por vezes, tem de lidar com situações menos agradáveis como a com que se deparou dias antes da nossa entrevista. Uma das mesas de mistura da rádio desapareceu e, visto que ninguém se acusou, a equipa da rádio teve de ser desmantelada e reconstruída para o 2º período. Esta situação não permitiu a realização dos grupos de foco com os alunos da rádio.

3.3-Entrevista Loja Geração C de Cascais (9 de Dezembro de 2013)

Esta entrevista foi proveitosa no sentido de perceber, de uma maneira mais aprofundado, as raízes deste projecto e os seus objectivos de desenvolvimento. Ao falar com o João e com a Sílvia fiquei mais esclarecida em relação às bases constituintes desta iniciativa e a todas as restantes intervenções e projectos que rodeiam este em particular ou que são preconizadas pela Geração C como as oficinas de verão.

3.4-Entrevistas Metas

3.4.1- Entrevista com Renato e José – Projecto RadioActive 101 (Porto, 18 de Dezembro de 2013)

No primeiro dia de trabalho no Porto, fui com a Maria José ao centro do Metas em Lordelo do Ouro. Depois de uma visita guiada pelas instalações do centro, fomos para o estúdio da rádio.

Já no estúdio, o José esteve a mostrar-me os depoimentos recolhidos pelo Jonas na escola para o programa ‘Jovens e Educação’. Também tive acesso à estrutura do programa (próxima emissão), uma ficha técnica onde constavam as datas limite para a execução de certas tarefas previstas para a emissão. Ainda antes da entrevista, falámos um pouco sobre a iniciativa do Dia Mundial da Rádio em que alguns membros da rádio do Metas foram à Antena 3 para uma entrevista. Esta nova emissão- ‘Os jovens e a Educação’- vai contar com uma música original em que os mais novos fazem a letra e os mais velhos ajudam na parte técnica.

A entrevista com o Renato e com o José decorreu na presença da Maria José e, por não saber previamente que existia a oportunidade de fazer uma entrevista, não tinha nada preparado e as perguntas foram surgindo espontaneamente e com a colaboração dos entrevistados.

Estrutura da emissão ‘Os jovens e a Educação’:

- Entrevista entre indivíduos da educação formal e da educação não formal: Professor e técnico de educação
- Rubrica ‘Jovens de hoje em dia’: perguntas gerais e específicas sobre o tema a familiares, amigo, colegas e professores
- Rubrica ‘Jovem de Mérito’: Entrevista a Rodrigo Florim que foi a Lisboa receber um prémio à gala do Escolhas; Possível entrevista ao pai de Rodrigo
- Próximos eventos e ficha técnica

3.4.2- Entrevista com Jonas – Projecto RadioActive 101 (Porto, 19 de Dezembro de 2013)

A entrevista com o Jonas decorreu no estúdio da rádio, o José esteve presente pois estava lá a trabalhar mas não entrevi. Quando pedi ao Jonas para se apresentar ele deu-me logo uma série de informação que me permitiu traçar o seu perfil. Pareceu-me ser um jovem bastante dedicado ao projecto, bastante esclarecido em relação aos propósitos dos projectos em que está inserido e bastante empenhado em cumprir o seu papel na comunidade e com as crianças e jovens com quem convive e trabalha.

3.4.3-O Workshop de Dicção e Respiração (Porto, 19 de Dezembro de 2013)

Catapulta- Abordam a questão dos jovens ouvirem as suas vozes nos programas, se gostam ou não e se ouviram alguma coisa estranha ou menos natural. O Silvio fala sobre o tema do *workshop* ‘Dicção e respiração’, duas coisas muito importantes em rádio. Depois de uma pequena introdução ao tema feita pelo Silvio, os jovens fazem alguns exercícios de respiração que incluem exercícios de relaxamento dos ombros, pescoço e cara, a leitura de um texto para treinar a respiração e a leitura de outros textos dedicados ao treino da dicção.

Em relação aos jovens presentes no *workshop*, alguns participaram com agrado, outros tiveram bastante vergonha e outros estavam dispersos e mostravam vontade de estar a fazer outras coisas que não estar ali.

O tema do próximo programa (8 de Janeiro): Desporto, música, imigração e emigração (o centro tem parceria com SOS Racismo) e media.

Dias reservados à rádio, embora que sempre sujeitos à quantidade de jovens, são à segunda e quarta-feira das 14h às 16h.

A mesa de Ping-Pong é um elemento bastante importante neste centro e que até já foi trabalho numa das emissões. Os jovens, quando se falou durante o *workshop* sobre as questões que envolvem a participação na rádio, mostraram gosto e interesse pelo trabalho que fazem na rádio, percebi que têm um certo fascínio pela rádio e toda a sua envolvimento e que gostam da visibilidade e notoriedade que adquirem ao fazer rádio.

O estúdio onde os jovens trabalham não tem as melhores condições de sonorização mas, por outro lado, as tarefas a realizar estão bastante bem organizadas, assim como os temas a tratar no programa e as datas a cumprir para as diferentes tarefas, tudo com a grande ajuda da coordenadora que orienta as actividades e coordena e ajuda o grupo na sua execução. As crianças e jovens que frequentam o Catapulta têm entre 11 e 16 anos.

Metas- O *workshop* segue a mesma sequência que no Catapulta. Começa por abordar a questão de ouvir a voz gravada e do nervosismo ao gravar. Nos exercícios, primeiro exploram o relaxamento e a respiração e depois treinam a dicção e alguns tiques da fala. Em relação aos jovens e ao ambiente em que decorreu o *workshop*, em primeiro o Metas tem jovens mais velhos como o Renato, o Jonas, o José que, para além de participarem, ajudam a coordenador os mais novos e, em segundo lugar, os jovens aqui são mais e bastante mais participativos, não têm tanta vergonha e vê-se que não são apenas colegas mas sim amigos. Para além destes pontos positivos é óbvio que mais gente cria mais confusão, mais barulho, mais dispersão mas nada disso prejudicou o *workshop*, muito pelo contrário, tornou-o mais dinâmico, mais alegre e mais divertido para todos.

3.4.4-Emissão em directo do programa “Os Jovens e a Educação” do centro Metas (3 de Fevereiro de 2014)

No dia da emissão em directo eu e a Maria José chegámos ao Metas por volta das 17h30. A emissão estava programada para as 18h30 e, até ser hora, estive nos estúdios a acompanhar as preparações para o programa. No estúdio, o Daniel Catalão ajudava o Jonas a montar a mesa de mistura, a fazer a ligação dos microfones e a ligar tudo ao computador do Daniel para que daí fosse feita a transmissão. Enquanto o Jonas andava para trás e para a frente a tentar resolver um problema com um dos microfones (estava a fazer ruído), alguns jovens iam entrando e saindo do estúdio, iam acompanhando o estado das coisas e iam vendo se era preciso ajuda.

A emissão começou a horas com todos os participantes dentro do estúdio prontos a cumprir o seu papel. Nós (eu, Maria José e restantes membros do centro que não participavam em directo na emissão) fomos para a sala dos computadores ouvir a emissão que estava a ser realizada. A emissão correu como planeado, não houve grandes problemas com a transmissão em directo, alguns *delays* mas nada que não seja normal neste tipo de transmissão.

Durante a emissão, os jovens que estavam a ouvir, alguns, mostravam interesse pelas peças ou pela música e iam acompanhando a emissão cantando ou ‘estando a par’ do conteúdo que se seguia. Mostravam interesse e orgulho pelo seu trabalho.

Quando acabou a emissão, os jovens reuniram-se todos para lanchar e comemorar o sucesso de mais uma emissão.

**Apêndice 4. Grelhas de análise - programas RadioActive 101 nos centros
Metas e Catapulta**

RadioActive 101- CATAPULTA “Os sons do Porto (do séc.XIX)” (1/08/2013)			
Música	<u>Grelha de programação</u>	4	Músicos de rua em Sta Catarina; Som das caixas de disco; A Internacional é ouvida numa caixa de disco na livraria; Hip-hop/Rap do grupo B13
	De fundo	vários	Barulho de fundo de manifestações quando é introduzida essa mesma peça; Barulho de fundo que acompanha a entrevista ao amolador de tesouras (trânsito, música do mercado do Bulhão) e ainda barulho do amolador a amolar as tesouras; Som de caixa de música e alguém a trautear (caixa de disco alemã, séc. XIX da livraria Chaminé da Mota);
Palavra	Peças Jornalísticas	Entrevistas	Músicos da rua de Sta Catarina; Luís, o amolador de Tesouras do Mercado do Bulhão; Sr. Israel Matos do Cardoso Cabeleireiros; todas as entrevistas do Vox Populi; Isabel Andrade (Guia); Entrevista a trabalhador da Livraria sobre o dono; Entrevista aos membros do grupo de hip-hop B13

		Reportagem/ Transmissão de excertos do encontro	No âmbito do “Escolhas Portas Abertas” – visita da Alta Comissária para a emigração e Diálogo Intercultural; fala do projecto Sinergias e do projecto Escolhas
	Textos locutor	2	<ul style="list-style-type: none"> •Textos sobre todos os locais e pessoas entrevistadas neste programa – são textos de integração do ouvinte ou textos de ligação entre excertos de peças jornalísticas •Textos de inicio e fim de emissão com respectivos agradecimentos aos participantes
Ruído	Barulhos de fundo	Entrevistas	Barulho de fundo da rua de Sta. Catarina – os músicos, a agitação cidadina; Barulho de fundo do mercado do bulhão e barulho do amolar das tesouras; Vox Populi- barulho de fundo da rua; Na livraria Chaminé da Mota- Barulho de fundo da caixa de disco;
	Sons de edição	2 tipos de Separador “RadioActive 101” e Sons da caixa de disco	Normalmente são utilizados para definir a entrada ou saída de um novo elemento na programação; os da caixa de disco simbolizam o tema do programa – os sons do Porto

Observações:

- Os programas iniciam-se sempre da mesma maneira com o separador de introdução com música e o nome do projecto ‘RadioActive 101’ dito por vários jovens. De seguida, um dos jovens do centro, que está a realizar o programa, faz a introdução: apresenta o centro e o tema do programa.
- Os separadores entre os diferentes blocos de programação são, normalmente, um jingle com o nome do projecto ‘RadioActive 101’.
- Entre as várias entrevistas que são feitas ao longo do programa, os jovens vão intercalando intervenções em estúdio com o objectivo de situar e esclarecer os ouvintes, comentar as entrevistas que estão a fazer e a sua pertinência e apresentar as pessoas que estão a entrevistar
- O início e fecho de programa são feitos sempre com o separador do projecto ‘RadioActive 101’
- O tema deste programa, “os sons do Porto do século XIX”, requer uma grande habilidade por parte dos jovens pois vão abordar vários temas e personagens; para os ajudar a encontrar “os sons do Porto” contam com Isabel Andrade, a guia que os vai conduzir nesta viagem
- No âmbito da semana “Escolhas Portas Abertas”, os jovens fazem um Vox Populi em que vão para a rua perguntar aos habitantes da cidade ‘Como poderiam os jovens ajudar a transformar o Porto numa cidade melhor?’ – Entrevistam Crianças/Jovens e também adultos
- No último dia da semana do “Escolhas Portas Abertas” deu-se o encontro dos vários projectos e a visita da Alta Comissária para a Emigração e Diálogo Intercultural – Rosário Farmehouse. A Comissária dá ênfase ao projecto Sinergias que juntou o Lagarteiro, o Cercate e o Catapulta e fala também do projecto Escolhas e da criação desta semana.
- Neste programa, como o número de entrevistas é vasto, os jovens optam por não passar na íntegra a gravação das entrevistas em que o esquema é de pergunta- resposta, e adoptam a técnica de, em estúdio, fazer a introdução de algumas das perguntas de maneira a tornar a peça mais dinâmica e menos monótona. Portanto fazem a pergunta em estúdio, ou introduzem o tema em estúdio, e só depois é que lançam a resposta dos entrevistados.

RadioActive 101- METAS “Os Jovens e a Arte” (26/07/2013)			
Música	<u>Grelha de programação</u>	2	Hip-hop/Rap
	De fundo	1	Encerramento do programa com agradecimento aos participantes
Palavra	Peças Jornalísticas	Entrevista	Organizador, participantes e assistência da ‘Imagine Battle’ do Festival Imaginários

	Textos locutor	3	<ul style="list-style-type: none"> •Textos elaborados sobre o Festival imaginários e o evento ‘Imagine Battle’ •Agenda cultural do projecto •Textos de início e fim de emissão
Ruído	Barulhos de fundo	Entrevistas	Barulho do evento que acompanha cada entrevista que é feita aos participantes ou a quem está a assistir – devido à natureza deste programa, o barulho de fundo é uma constante nas peças de entrevista
	Sons de edição	Separadores “RadioActive 101”	Normalmente são utilizados para definir a entrada ou saída de um novo elemento na programação

Observações:

- Os programas iniciam-se sempre da mesma maneira com o separador de introdução com música e o nome do projecto ‘RadioActive 101’ dito por vários jovens. De seguida, um dos jovens do centro, que está a realizar o programa, faz a introdução: apresenta o centro e o tema do programa.
- Os separadores entre os diferentes blocos de programação são, normalmente, um jingle com o nome do projecto ‘RadioActive 101’.
- Entre as várias entrevistas que são feitas ao longo do programa, os jovens vão intercalando intervenções em estúdio com o objectivo de situar e esclarecer os ouvintes, comentar as entrevistas que estão a fazer e a sua pertinência e apresentar as pessoas que estão a entrevistar
- A agenda cultural faz um apanhado das próximas actividades do projecto
- O início e fecho de programa são feitos sempre com o separador do projecto ‘RadioActive 101’
- A música deste programa foi sempre de artistas nacionais, mais especificamente da cidade do Porto, e que cantam música do estilo Hip-Hop/Rap.

RadioActive 101- CATAPULTA “Cenas Nossas” (23/10/2013)			
Música	Grelha de programação	2	“cupsong”; música escrita pela Inês; Beatbox e alguém a cantar
	De fundo	1	Entrevista ao Prof. Ricardo – música acompanha os intervalos entre pergunta e resposta;
Palavra	Peças Jornalísticas	Entrevistas	Prof. Ricardo (música); Miguel (orientador dos ensaios juntamente com Rosarinho e Adão; Catapultos que foram para o campo de férias em Amarante; Rui Queirós/Spike do Teatro de Marionetas do Porto
		Reportagem/ Relato de actividade	Teatro; Talentos individuais; Campo de férias em Amarante; Participação no espectáculo “Quem sou eu?”
	Textos locutor	2	<ul style="list-style-type: none"> •Textos sobre todos os locais e pessoas entrevistadas neste programa – são textos de integração do ouvinte ou textos de ligação entre excertos de peças jornalísticas •Textos de inicio e fim de emissão com respectivos agradecimentos aos participantes

Ruído	Barulhos de fundo	Relato de actividade	Teatro: pessoas, passos lentos e mais rápidos, som dos exercícios que realizam, som de exercícios vocais, som de palmas; Campo de férias em Amarante: som do jogo de ping pong; Participação no espectáculo “Quem sou eu?”: Som de fundo de vento/brisa
	Sons de edição	2 tipos de Separador “RadioActive 101”	Normalmente são utilizados para definir a entrada ou saída de um novo elemento na programação

Observações:

- Os programas iniciam-se sempre da mesma maneira com o separador de introdução com música e o nome do projecto ‘RadioActive 101’ dito por vários jovens. De seguida, um dos jovens do centro, que está a realizar o programa, faz a introdução: apresenta o centro e o tema do programa. Neste programa específico, visto que é a comemoração de 9 meses de projecto, o jovem que faz a introdução felicita o grupo e o próprio centro pelos 9 meses que passaram juntos.
- Os separadores entre os diferentes blocos de programação são, normalmente, um jingle com o nome do projecto ‘RadioActive 101’.
- Entre as várias entrevistas que são feitas ao longo do programa, os jovens vão intercalando intervenções em estúdio com o objectivo de situar e esclarecer os ouvintes, comentar as entrevistas que estão a fazer e a sua pertinência e apresentar as pessoas que estão a entrevistar
- O início e fecho de programa são feitos sempre com o separador do projecto ‘RadioActive 101’ mas neste caso, seguindo o separador vêm os agradecimentos aos participantes
- O tema deste programa proporciona aos jovens um à vontade diferente visto que estão a falar de “cenas deles”. Os jovens sentem-se confiantes e seguros nas suas intervenções e, ao longo do programa, vão fazendo brincadeiras entre eles, principalmente quando o Zé (que não foi a Amarante) entrevista os colegas sobre o campo de férias e a estadia.
 - Neste programa também é apresentada a música escrita pela Inês, que é cantada pelo Daniel e com uns arranjos feitos pelo Zé
- Os jovens falam das actividades que mais gostaram de fazer neste 9 meses do projecto e é através destas actividades que está dividido o próprio programa: Música, Teatro, Talentos individuais, Campo de férias de Amarante, Participação no espectáculo “Quem sou eu?”

RadioActive 101- METAS “Os Jovens e a Comunidade” (12/11/2013)			
Música	Grelha de programação	3	Duas de programação – Insólito e dia mau; uma ao vivo – o começo
	De fundo	3	Abertura do programa; Agenda cultural; Encerramento do programa com agradecimento aos participantes
Palavra	Peças Jornalísticas	Entrevista	Jovens do CIJ; Ana Luísa Castelo, psicóloga; Lino Pereira, membro do grupo de teatro; Renato Florim, presidente da equipa de futebol; Pedro Santos, baterista dos Ornatos Violeta e Quest
		Testemunhos dos jovens do intercâmbio	Espanha, Turquia e Lituânia – as traduções eram feitas em simultâneo
	Textos locutor	3	<ul style="list-style-type: none"> •Textos sobre todos os locais e pessoas entrevistadas neste programa – são textos de integração do ouvinte ou textos de ligação entre excertos de peças jornalísticas •Textos de início e fim de emissão com respectivos agradecimentos aos participantes •Agenda cultural do projecto

Ruído	Barulhos de fundo	Emissão em directo	Entrevistas em directo, na actuação de Quest e nas intervenções do locutor em directo
	Sons de edição	Separadores “RadioActive”	Normalmente são utilizados para definir a entrada ou saída de um novo elemento na programação e no início e fecho de programa

Observações:

- Os programas iniciam-se sempre da mesma maneira com o separador de introdução com música e o nome do projecto ‘RadioActive 101’ dito por vários jovens. De seguida, um dos jovens do centro, que está a realizar o programa, faz a introdução: apresenta o centro e o tema do programa. Neste programa, todos os separadores “RadioActive” são diferentes, acompanhados de uma música nova e sem as vozes e o 101 habitual.
- Este programa está organizado em função do seu tema – jovens e a comunidade e fala das diferentes iniciativas realizadas: Teatro comunitário, Desporto- equipa de futebol, orquestra comunitária, Intercâmbio na Lituânia.
- A agenda cultural faz um apanhado das próximas actividades do projecto e da própria comunidade e os eventos que possam ser interessantes para ambos.
- A música deste programa foi sempre de artistas nacionais, mais especificamente da cidade do Porto.

RadioActive 101- CATAPULTA “1,2,3... Experiência” (08/01/2014)			
Música	<u>Grelha de programação</u>	4	Eye of the tiger; Thriller; Música de Anselmo Ralph cantada pelas jovens do Catapulta; música da Eslováquia; Música do Senegal
	De fundo	3	Música que acompanha a entrevista ao Daniel; Música que acompanha a entrevista aos jovens estagiários; música que acompanha a entrevista a Mamadu

Palavra	Peças Jornalísticas	Entrevistas	Sr. Litos- treinador de boxe da União Desportiva da Sé; Frederico Almeida- Campeão nacional de boxe em 2013; Entrevista a Daniel Catalão; Entrevista aos jovens estagiários- Lea e Martin; Entrevista a Mamadu
		Rubricas	“Ir e Vir”; “Positive Vibe”; “Pé de Atleta”
	Textos locutor	3	<ul style="list-style-type: none"> •Textos sobre todos os locais e pessoas entrevistadas neste programa – são textos de integração do ouvinte ou textos de ligação entre excertos de peças jornalísticas •Textos de inicio e fim de emissão com respectivos agradecimentos aos participantes -Textos em que os jovens explicam as rubricas deste programa e quais os seus objectivos
Ruído	Barulhos de fundo	Entrevistas	Frederico Almeida – ouve-se barulho de fundo de pessoas a falar
	Sons de edição	Separador “RadioActive 101”	Normalmente são utilizados para definir a entrada ou saída de um novo elemento na programação

Observações:

- Neste programa já se nota uma grande evolução dos jovens catapultos em relação aos outros programas. Existiu um investimento na própria programação, com novos conteúdos e peças como as rubricas.

Os jovens já se sentem mais à vontade e a sua dicção também se encontra melhorada.

O programa está bastante bem estruturado e segue a estrutura de um programa de rádio profissional. Os jovens já sabem adequar as músicas às entrevistas que vão fazer, no caso da entrevista aos jovens estagiários, por serem da Eslováquia, a entrevista é acompanhada de uma música característica do país (penso eu) com violoncelo e voz e, na entrevista a Mamadu, os jovens optam por uma música africana dada a origem do entrevistado. Na entrevista com o Daniel Catalão utilizam vários separadores musicais para diferenciar os diversos momentos da entrevista. Nas entrevistas que abordam o tema do boxe, os jovens utilizaram músicas icónicas como o “eye of the tiger”.

Outro ponto interessante deste programa é a rubrica “positive vibe” em que os jovens expõem os seus gostos músicas e em que, a partir de agora, vão apresentar em todos os programas uma música do seu gosto cantada pelas catapultas.

O programa acaba em grande com um rap escrito e cantado pelos catapultos que tem como tema o natal e que dá pelo nome do “Rap dos reis magos”.

RadioActive 101- METAS “Os Jovens e a Educação” (03/02/2014)			
Música	<u>Grelha de programação</u>	2	Hip-hop/Rap: Sam the Kid “Juventude é mentalidade”; Dealema “A cena toda”; Música dos jovens do Metas “Se tens educação põe a mão no ar”
	De fundo	1	Encerramento do programa com agradecimento aos participantes

Palavra	Peças Jornalísticas	Entrevistas/Vox Pop	Qual a relação entre professores e alunos? – Alunos e professores (Carlos Almeida, Paulo Couceiro, Fátima Sampaio) da Escola Leonardo Coimbra Filho; Entrevista a Rodrigo Florim e pai; Como ocupam os jovens o seu tempo livre? – Jovens; O que mudavam os jovens na escola? - Jovens
	Textos locutor		<ul style="list-style-type: none"> •Textos que introduzem os elementos seguintes como os dos vox pop e das entrevistas •Texto que anuncia a música produzida pelos jovens do Metas •Textos de início e fim de emissão
Ruído	Barulhos de fundo	Entrevistas/ vox pop	Barulho de fundo de pessoas a falar, de barulho próprio de recreio de escola; barulho de movimento de cadeiras, de sala de aula
	Sons de edição	Separadores “RadioActive 101” e música que acompanha o início e o fim de programa (ficha técnica)	Normalmente são utilizados para definir a entrada ou saída de um novo elemento na programação

Observações:

•Este programa é feito em directo o que é um grande avanço para o projecto. Programa decorreu normalmente, não houve imprevistos ou enganos.

Este programa tem de inovador, para além da característica do directo, a música escrita e cantada pelos jovens do Metas sobre o tema do programa – Educação.

A entrevista a Rodrigo Florim torna-se pertinente no sentido de que foi o jovem premiado pelo projecto Escolhas com o prémio de mérito pelo sucesso escolar

A escolha das músicas, tanto do Sam the Kid como dos Dealema, encaixa perfeitamente no tema do programa que, todo ele, faz todo o sentido e foi bastante bem pensado e executado. As entrevistas, os Vox Pop e os temas abordados espelham bem a realidade da educação, o pensamento dos jovens e também dos professores

Apêndice 5. Árvore de categorias de análise – MAXqda

